

24

DEZEMBRO 2007

AMS

CADERNOS MARISTAS

INFORMAÇÕES

- **A propósito da secularização dos Padres Maristas**
Pe. Bernard BOURTOT, sm
- **Relatório sobre a defesa de tese de Richard Hemeryck**
Ir. André LANFREY

ESTUDOS

- **Jean-Claude Courville, «O líder perdido» (1ª parte)**
Ir. Frederick Mc MAHON

ATAS

- **Atas do encontro entre os ramos maristas, de 24 de junho de 2006**
 - Pesquisas sobre o Patrimônio
 - Formação ao Patrimônio marista

DOCUMENTO

- **A carta 40 do Ir. Francisco a um mestre de noviços**
Ir. Eduardo Gatti

Instituto dos Irmãos Maristas

FMS CADERNOS MARISTAS
N.º 24 – Ano XVIII – Dezembro de 2007

Chefe de redação:
Comissão de Patrimônio

Diretor técnico:
Ir. AMEstaún

Colaboradores neste número:
Irs. André Lanfrey
Frederick Mc Mahon
Eduardo Gatti

Tradutores:
Irs. Balestro Virgilio
Aloísio Kuhn
P. Eduardo Campagnani-Ferreira

Diagramação e Fitolitos:
TIPOCROM Srl - Guidonia (Roma)

Redação e Administração:
Piazzale Marcellino Champagnat, 2
C.P. 10250 – 00144 ROMA
Tel.: (39) 06 54 51 71
Fax: (39) 06 54 517 217
E-mail : publica@fms.it
Web site: www. champagnat.org

Edita:
Instituto dos Irmãos Maristas
Casa Generalícia – Roma

Impressão:
CSC GRAFICA Srl – Guidonia (Roma)

SUMÁRIO

INFORMAÇÕES

- **A propósito da secularização dos Padres Maristas**
Pe. Bernard BOURTOT, sm 3
- **Relatório sobre a defesa de tese de Richard Hemeryck**
Ir. André LANFREY 5

ATAS

- **Atas do encontro entre os ramos maristas, de 24 de junho de 2006** 7
 - Pesquisas sobre o Patrimônio 7
 - Formação ao Patrimônio marista 35

ESTUDOS

- **Jean-Claude Courveille, «O líder perdido» (1ª parte)** 51
Ir. Frederick Mac MAHON

DOCUMENTO

- **A carta 40 do Ir. Francisco a um mestre de noviços** 97
Ir. Eduardo GATTI

INFORMAÇÕES

Nova publicação

Ir. André LANFREY, fms

O Pe. Bernard Bourtot, s.m. concluiu recentemente um estudo sobre a secularização dos Padres Maristas na França do começo do século 20. A obra, de 295 p., é intitulada:

La mémoire blessée de la Société de Marie en France.

La dissolution civile en 1903; la liquidation des biens;

la vie de la congrégation

1897-1922

Para se obter a obra (15 euros, fora as despesas de remessa), dirigir-se ao autor: 29 Montée de la croix blanche, 38080, Saint Alban de Roche, França. E-mail: bourtotb@wanadoo.fr

A expressão «memória ferida das congregações religiosas», utilizada pelo estudioso de política e historiador René Rémond, é retomada aqui em seu duplo sentido de memória de uma prova dolorosa, mas também de memória ocultada pela própria congregação. Bernard Bourtot procurou assim permitir o acesso à história de uma fase mal conhecida de sua congregação. Para isso ele não se contentou com as fontes internas, mas sua pesquisa se refere constantemente à história geral e utiliza abundantemente as fontes públicas, sobretudo os documentos da justiça, conservados nos arquivos de vários departamentos.

Sua conclusão parece-me admirável, tanto mais porque ela pode ser aplicada amplamente a outras congregações, dentre as quais a dos Irmãos Maristas.

Em um primeiro tempo ele apresenta uma congregação deslocada, que perde processo após processo, que vê seus membros se dispersarem e muitas vezes viverem uma profunda crise de identidade pessoal, com dificuldade a se recrutar, gerando no dia a dia uma avalanche de acontecimentos desagradáveis ou desastrosos. Em resumo, uma Sociedade de Maria constrangida a viver de maneira imprevisível e dolorosa sua insígnia: «ignoti et occulti».

Mas este tempo calamitoso é também aquele de uma resistência que dará seus frutos: transferência da Casa geral a Roma; criação de novas províncias; enraizamento mais profundo na Sociedade, através de uma estabilidade crescente de seu pessoal; formação acurada dos jovens...

Da minha parte, fiquei particularmente impressionado com um pequeno quadro, p. 226, que compara os efetivos de 1903 e 1920: 763 padres professos no primeiro caso, 766 no segundo. Atrás desta estabilidade global, que por sinal é um muito bom resultado, percebe-se uma verdadeira tendência da congregação à internacionalização: enquanto em 1903, Inglaterra, Irlanda, Estados Unidos, México e Nova Zelândia somavam 209 padres, em 1920 estes países totalizavam 292. Ao mesmo tempo, as Províncias de Lyon e de Paris passavam de 346 padres a 209.

É importante precisar, no entanto, contrariamente a um mito muito difundido entre as congregações, que não é a secularização francesa que provoca esta expansão, que se iniciou muito antes, mas que antes de tudo a perturbou, ao mesmo tempo que a tornou espetacular pelo fato que os efetivos na França diminuem muito rapidamente. Desta maneira, o alargamento do mundo congregacionista opera-se essencialmente em razão de seu próprio dinamismo, não obstante a secularização, mesmo se não se pode negar alguns efeitos positivos desta.

Defesa de tese

Ir. André LANFREY, fms

O Ir. Richard Hemeryck, da comunidade de Beaucamps, defendeu em 2005 uma tese de história, intitulada *Les écoles congréganistes dans le département du Nord sous le Second Empire (1852 – 1870)*.

Trata-se de um trabalho extremamente profundo, fruto de uns 30 anos de pesquisas. É organizado em quatro volumes: 1745 páginas de tese propriamente dita, em três volumes, e um volume de notas e fontes em 763 páginas. Infelizmente uma tal riqueza de informações é dificilmente aproveitada pelos não iniciados, razão pela qual desejamos que o Ir. Richard tire desta verdadeira suma uma obra mais acessível, ou pelo menos um artigo de síntese.

De fato, a tese oferece uma cronologia mais ampla do que aquela anunciada pelo título: na realidade se trata dos anos 1850-1880. Lembramos que o departamento francês do Norte, que faz fronteira com a Bélgica, era então caracterizado por uma intensa industrialização e um grande esforço de escolarização popular, onde as congregações, dentre as quais os Irmãos Maristas e outras, se constituem uma peça muito importante.

É um tempo de hesitação entre dois mundos: em 1850, a lei Falloux vai favorecer a expansão congregacionista durante dez anos; em seguida, o Império de Napoleão III (1852-1870), tornando-se mais liberal, coloca um freio nas congregações que lhe parecem invasivas. Um pouco antes de 1880 os republicanos chegam ao poder, conduzindo uma política decididamente anticongregacionista.

O interesse da obra é justamente de oferecer uma imagem sintética, em uma época crucial, em um território relativamente grande e com uma população numerosa (aproximadamente 1,5 milhão de habitantes), da ação de 24 congregações de irmãs e de seis congregações de irmãos.

Em conclusão (p. 1735), o autor desenvolve alguns pontos de reflexão.

Primeiramente, as congregações souberam responder às necessidades onde a sociedade civil não satisfazia inteiramente e muitas vezes forneceram modelos pedagógicos. Mas, «diante do progresso das instituições leigas, abriram-se duas vias. A primeira poderia ser aquela da qualidade, para continuar sua missão de pioneiros, de precursores, de animadores, em um espírito cristão. Antes de mais nada elas escolheram a segunda possibilidade, a da concorrência» [...] «Em uma luta que se tornou cada vez mais desigual, o aumento do volume das obras esgota as energias dos religiosos e os arrasta em um terreno mais humano do que sobrenatural»...

Enfim, salientando a hostilidade de uma França leiga e republicana em relação aos padres e religiosos, considerados como «cidadãos diferentes dos outros», o que significava dizer que eram considerados inferiores, o Ir. Richard lembra que:

«Em 1870-71, a ruptura era menos profunda no departamento do Norte. A maioria de seus habitantes não pedia tanto. A escola congregacionista era bem aceita. Ela ocasionava um debate mais nacional do que local. A República tomava parcialmente o lugar da Igreja, muitas vezes através da força».

Encontro entre os Ramos Maristas A respeito do Patrimônio

O irmão Pedro Herreros, conselheiro geral, e os membros da Comissão do Patrimônio dos Irmãos Maristas convidaram os superiores dos outros ramos da Sociedade para um encontro no dia 24 de junho de 2006, na Casa geral dos Irmãos Maristas em Roma, para uma discussão sobre o assunto.

Durante a manhã, diversos participantes fizeram um balanço sobre o andamento da pesquisa em seu próprio Instituto: as pessoas que se dedicaram a ela, as relações entre elas, a formação de futuros pesquisadores. Foi dedicado um tempo para se conhecer sucintamente os resultados obtidos e estabelecer pistas para as novas pesquisas englobando toda a Sociedade.

Esta fase se encerrou com a intervenção do Ir. André Lanfrey sobre a pertinência da expressão «Sociedade de Maria de l'Hermitage» para designar os Irmãos Maristas.

A tarde foi destinada a uma série de informações sobre a formação inicial e contínua ao Patrimônio, assim como sobre os materiais utilizados para isso.

Manhã - UM PONTO SOBRE A PESQUISA RELATIVA AO PATRIMÔNIO MARISTA

I. O PATRIMÔNIO ENTRE OS PADRES MARISTAS

Pe. Kevin MOWBRAY, sm

Outubro de 2003

Por iniciativa do superior geral, uma oficina de trabalho reuniu cerca de 20 padres maristas que, de uma maneira ou outra, estão empenhados nos estudos maristas.

O tema da oficina foi: conservar, interpretar, comunicar nossa herança marista, em um contexto em constante mutação. (cf. Forum Novum, dezembro de 2005)

Objetivos: traçar as linhas de ação para os próximos anos.

A partir da oficina:

- Decisão de concentrar os estudos maristas no período do generalato de Colin, com menção especial sobre aquilo que constitui Colin como *bomem e fundador* e também o que ele vive e faz como *superior geral*.
- Decisão de organizar um encontro sobre «Colin e a Oceania: o superior geral dos padres maristas e seu papel na história da Igreja católica na Oceania ocidental»,
 - em Suva, ilhas Fiji, cinco dias completos, início em agosto de 2007
 - com uma dupla dimensão (científica e formativa)
 - representantes dos FMS e das SMSM
- Prosseguimento da edição das fontes
 - Cartas dos missionários à AG dos Padres Maristas, durante o generalato de Colin (Charles Girard, prevista para sair até a data do encontro, projeto de edição em papel e em versão digital)
 - Cartas de Colin durante seu generalato: «Colin sup», Documentos para o estudo do generalato de Jean-Claude Colin (1836-1854). O primeiro volume está para ser impresso: «De l'élection au voyage à Rome (1836-1842)», (doc. 1-392).
- Arquivos históricos dos Padres Maristas (APM)
 - Confecção de um inventário sistemático informatizado
 - Recondicionamento dos arquivos históricos (caixas em substituição dos classificadores metálicos)
 - E transferência às antigas instalações, renovadas e equipadas (ar condicionado, proteção contra incêndio)

Maio de 2005

O conselho da Sociedade de Maria adota a seguinte recomendação:

No quadro de nossa vida em Cristo, aprofundar a compreensão de nossa relação com Maria e renovar nossa oração marial.

Algumas iniciativas foram tomadas para dar prosseguimento a esta recomendação: retiros (Justin Taylor, Peter Westerman), grupos de trabalho (França).

Junho de 2006

Foi assinado um contrato de comodato entre a SM e a Biblioteca Apostólica do Vaticano a propósito da Biblioteca Pagès: a SM confia este seu patrimônio, ainda que se mantenha proprietária, à biblioteca vaticana, que fará o necessário para a sua conservação e valorização junto à comunidade científica.

Janeiro de 2007

Nomeação de Aloïs Greiler, da Província da Alemanha, para a Casa geral, por três anos a partir de 1º de janeiro de 2007. Aloïs se dedicará às pesquisas sobre o generalato de Jean-Claude Colin. O primeiro ano será essencialmente dedicado à preparação e aos resultados do encontro «Colin e a Oceania»; o segundo e o terceiro lhe permitirão de aprofundar este tema e de desenvolver outras pesquisas, principalmente no que se refere às relações de Colin na França, tanto internas como externas à Sociedade. Estes trabalhos talvez permitam de pensar em um livro sobre Colin como superior geral.

Ainda o patrimônio...

- o programa de renovação e de modernização de la Neylière
- em projeto, uma oficina de formadores (2007) para ultimar um sílabo de textos maristas que servirão de ponto de referência para a formação.

2. UM BALANÇO SOBRE O ESTADO ATUAL DA PESQUISA DAS SMSM

Ir. Mary Emerentiana, smsm

Não estou certa de quanto posso contribuir para esta discussão a respeito do pouco avanço das SMSM, em relação a outros ramos da Sociedade de Maria, no que se refere à pesquisa sobre o Patrimônio. Nós ainda estamos trabalhando para tentar reunir nosso material sobre as fontes e atualmente estamos editando e traduzindo as cartas de nossas primeiras irmãs.

Para auxiliar aqueles que não estão muito familiarizados com nossa história, nós não temos fundadora ou fundador, mais exatamente são 11 estu-

dantes francesas (que chamamos nossas pioneiras) que originalmente foram à Oceania entre 1845 e 1860. Nenhuma delas poderia ser chamada fundadora, pois nenhuma teve uma visão de fundação. Mas pode-se dizer que nosso carisma nasceu da iniciativa dessas mulheres. Suas cartas não foram escritas para expor uma visão, um carisma, etc., ou para dar sugestões ou conselhos aos outros – elas dizem respeito à vida – sobre o que elas estão tentando viver com êxito na Oceania do século 19. Os primeiros documentos e as cartas mostram como a vocação delas estava tomando forma ali, apesar da questão de a identidade não ser estabelecida uma vez por todas, especialmente no que se relaciona com a Sociedade de Maria, com os bispos, com a formação, o estatuto de irmãs insulares, etc. Tudo isso fez a vida um pouco mais complicada para nós.

Houve então um longo período entre esta primeira expedição em 1845 e nosso surgimento como congregação de direito pontifício, em 1931. De toda maneira, parece que se empregou todo esse tempo e esforços, especialmente da parte da administração geral dos Padres Maristas, para encontrar uma estrutura aceitável que pudesse exprimir nossa particular vocação e tê-la aprovada pela Igreja. Comumente dividimos nossa história em três períodos:

I. Ordem Terceira de Maria para as Missões da Oceania (TOMMO), 1845-1881

Com um voto de obediência aos Vigários apostólicos, resultando na adesão às Irmãs de Nossa Senhora das Missões, e mais tarde, na separação destas.

II. Ordem Terceira Regular de Maria (TORM), 1881-1931

Consagradas com votos, como as congregações diocesanas sob a autoridade dos Vigários apostólicos na Oceania, com uma casa de formação na França sob a responsabilidade do superior geral da Sociedade de Maria.

III. Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria (SMSM), 1931...

Aprovadas como um instituto de direito pontifício.

I. 1845-1881

Este primeiro período foi o tempo das pioneiras. Entre 1845 e 1860 estávamos apenas começando a existir como o quinto ramo da Sociedade de Maria. A realidade de nossa existência é uma evidência que a original inspiração do Pe. Colin e dos primeiros maristas não era apenas para eles, nem apenas para os mais antigos ramos.

Este é o período no qual, em grande parte, estamos concentrando nossos esforços atuais. Penso que podemos dizer que enfrentamos particularmente algumas dificuldades que nos são particulares.

1. É muito provável que nada estivesse mais longe do pensamento das nossas pioneiras do que coletar material para a posteridade – elas nem mesmo sabiam e a TOMMO teria alguma posteridade!
2. Não tínhamos uma casa-mãe ou generalato e conseqüentemente nem administração central ou local para arquivar qualquer material, antes de 1931. De qualquer modo, se alguma coisa foi salva, agradecemos imensamente os esforços dos Padres Maristas, como por exemplo o Pe. Favre e Pe. Poupinel, Pe. Yardin e outros que conservaram algumas das cartas que lhes foram escritas no tempo em que eram superiores, guias espirituais ou procuradores. Um historiador da Sociedade, Pe. Auguste Detours, fez inclusive cópias de algumas das cartas de Marie Françoise Perroton, Marie de la Miséricorde, Marie de la Sainte Espérance e outras duas. Certamente temos um grande débito de gratidão com o Pe. Jean Coste.
3. Não tendo arquivos estabelecidos entre 1845 e 1931, nosso material se encontra em vários outros arquivos. Ele teve que ser coletado
 - a) do que foi conservado nos arquivos gerais dos Padres Maristas, em Roma.
 - b) do que estava com as Irmãs de Nossa Senhora das Missões, pois seus arquivos contêm a correspondência das pioneiras com a fundadora de sua congregação, Madre Marie du Coeur de Jésus. Este foi um importante capítulo na diligência dos Padres Maristas e de nossas próprias irmãs para uma organização estável.

- c) em todas as cartas e outros documentos e relatos em arquivos diocesanos e arquidiocesanos de Wallis-Futuna, Nova Caledônia, Samoa, Fiji, Tonga, e outras dioceses que mantiveram os originais de muitas outras cartas escritas por nossas irmãs aos bispos e padres, assim como algumas cópias de suas cartas a elas.
4. Certamente deve ser considerado um problema que é próprio das smsm, pois falta em muitas de nós o senso daquilo que tem valor histórico, e com isso uma parte de material precioso tem sido descartada. Além do mais, considerando que muitas vezes não existe lugar para armazená-lo, fica ainda menos protegido.

Em relação a este período 1845-1881, somos conscientes que fomos beneficiadas pelas pesquisas desses primeiros anos feitas pelos padres, irmãos e irmãs maristas. Para dar um exemplo dentre tantos: *Marist Laity: an Anthology of Historical Sources*, Charles Girard sm, nos ajudou muito a compreender nossos próprios vínculos, históricos e espirituais, com a Ordem Terceira da Sociedade de Maria. Nossas primeiras irmãs receberam muito a respeito do espírito marista dos padres e dos irmãos, com os quais elas trabalharam nos tempos pioneiros na Oceania. Muitos irmãos são mencionados em suas cartas e nas saudações que as acompanhavam, que naquele período eram regularmente enviadas aos padres.

Madre Mary Rose, nossa primeira superiora geral, nomeada pela Propaganda Fidei em 1932, iniciou a reunir uma parte deste material, mas não precisa dizer que muito já se tinha perdido. Ao instalar a Casa geral em Lyon, ela procurou também organizar os arquivos smsm e reunir algum material de nossas fontes.

I. Como anda a pesquisa sobre este período? O que já foi feito:

- a) Existe *Les pionnières en Océanie 1845-1931* – uma história de nossas origens abrangendo este período e o da Ordem Terceira Regular de Maria.
- b) Os quatro volumes de *Our Pioneer Sisters - from correspondence 1836-1885*, cartas e extratos de cartas que falam de nossa vocação que toma forma na Oceania – como missionárias, maristas, religiosas. Este foi o

critério para fazer a seleção. Há também o quinto volume: *Our Pioneer Sisters – Textos legislativos e documentos de caráter oficial 1855-1932*.

- c) *Une Lyonnaise, Marie-Françoise Perroton (1796-1873). Missionnaire en Océanie - Uma lionesa, Marie Françoise Perroton (1796-1873). Missionária na Océania*, edição bilingüe em francês e inglês.

Estes são os trabalhos de Marie Cecile de Mijolla, assistida pelo Pe. Jean Coste, sm.

- d) *A Figure juridique de la Congrégation des Soeurs Missionnaires de la Société de Marie, à la lumière de ses origines e le l'évolution de son droit propre de 1857-1931*, tese doutoral na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, de Immacolata Occorsio, smsm (apenas em francês).

2. O que estamos fazendo atualmente?

A resposta simples é que, no exato sentido da palavra, realmente não estamos realizando nenhuma pesquisa, porém, estamos muito mais empenhadas em trabalhar as cartas das 11 irmãs pioneiras.

- a) *Les lettres de Marie Françoise Perroton*, o trabalho precursor, foi concluído. O opúsculo, editado por Ancilla Groperrin e Emerentiana Cooney, foi publicado em 2001.
- b) Aquelas das Ir. Marie de la Miséricorde, Marie de la Pitié e Marie de la Ste Espérance foram editadas, mas ficou um trabalho que ainda deve ser feito, como sumário, ilustração, tradução, etc. As de outras pioneiras foram transcritas, mas precisam ser conferidas, anotadas, editadas, etc.

Certamente, ao tentar transcrever, editar e traduzir as cartas de nossas primeiras irmãs, encontramos referências a questões que pedem maiores estudos e pesquisas, como por exemplo o impacto do contexto histórico do Pacífico sobre as irmãs, as irmãs e o colonialismo, o contato cultural, as relações com as autoridades políticas nas diferentes ilhas, a pastoral, as práti-

cas litúrgicas assim como as celebrações, as relações entre as denominações religiosas no Pacífico antes do tempo do ecumenismo, a contribuição destas mulheres à evangelização, à educação, aos cuidados com a saúde, à promoção da mulher nas sociedades do Pacífico. Estas e outras mereceriam todas um estudo mais aprofundado e uma pesquisa em diferentes fontes. Certamente algumas questões são tão amplas quanto o espírito das pioneiras.

- c) Foram feitas fotocópias dos *Manuels of the third order of Mary* – 1857, 1859 e 1874, porque existiam apenas poucos exemplares. Estas se constituem também uma importante fonte para nós, junto com os primeiros *Regulamentos* que nos foram escritos por bispos e padres maristas, que contém frases descrevendo o espírito marista a partir das Constituições da Sociedade de Maria.
- d) Ir. Marie Cécile de Mijolla completou agora a biografia da Ir. Marie de la Croix – uma das pioneiras, que viveu e trabalhou na Nova Caledônia. *Uma originária da Vendée do outro lado do mundo*, seria o título. Ele será publicado depois de traduzido.
- e) Recentemente concluímos um opúsculo, *The Vocation of the Pioneers* (atualmente com o impressor), que é globalmente uma pequena apresentação de sua vocação. No texto, Ir. Marie Ancilla tenta responder a duas questões fundamentais: como as pioneiras viram sua própria vocação e se a partir do testemunho de suas vidas é possível retirar alguns elementos de sua espiritualidade?

Em resposta à questão sobre quem se empenha neste trabalho: temos várias irmãs em vários países do mundo que nos ajudam, mas como em grande parte elas têm trabalho em tempo integral, elas fazem o que podem em seu tempo livre para transcrever, traduzir, etc. Ir. Marie Ancilla vem da França duas vezes por ano para nos dar uma assistência, à Ir. Margaret e a mim, que somos as duas únicas empenhadas nisso em tempo integral.

II. 1881-1931 – ORDEM TERCEIRA REGULAR DE MARIA

Este é o período em que novos esforços de organização foram feitos: no início do período éramos constituídas como uma das pequenas congregações diocesanas, ainda sob a autoridade dos Vigários apostólicos nos diferentes Vicariatos da Oceania, com uma casa de formação na França, sob a responsabilidade do superior geral da Sociedade de Maria.

Esta reorganização foi desejada pelas próprias irmãs, pelos Padres Maristas e pelos vigários apostólicos, mas os acontecimentos políticos na França adiaram o projeto por um tempo.

Muitos dos documentos relatando este período estão conservados nos arquivos dos Padres Maristas e em diferentes arquivos diocesanos da Oceania.

I. Para pesquisas sobre este período pode-se consultar:

- a) *Madame Adèle Marie Troussel des Groues (1835-1898), Marie de la Croix TORM, Correspondence 1881-1897* – apresentada por Catherine Jones, smsm. A senhora des Groues era uma leiga, viúva, recrutada pelo Pe. Méchin, sm, para se encarregar do programa de formação para as postulantes da TORM, preparando para as missões dos Padres Maristas na Oceania. Durante um ano ou dois, ela foi nomeada diretora das noviças. Para nós é uma importante fonte sobre a formação naquele tempo.
- b) *Madame Adèle Marie Troussel des Groues, Mère Marie de la Croix TORM 1835-1898*. Uma curta biografia feita pela Ir. Marie Pia, smsm, revista e publicada.
- c) Está sendo feito um esforço para reunir o material a partir de cartas e relatórios concernentes às irmãs, de 1885 até 1912 (data da morte da última pioneira), escritas por bispos ou padres da Oceania central e das ilhas Fiji, mas ainda não está pronto para ser publicado.

2. O que estamos preparando atualmente:

- a) No momento estamos trabalhando sobre Madre Marie Denyse, que substituiu a Sra. des Groues como diretora das noviças de 1898 a 1903.
- b) *Rule and Directory* (1903) foi traduzido em italiano e inglês no ano passado. Eu mencionaria aqui que, como os Padres Maristas até agora não conservaram suas constituições apenas para eles, Madre Marie Denyse usou amplos extratos das Constituições SM 1872 – em torno de 84 artigos foram reproduzidos no todo ou em parte neste *Regras e Diretório*, exatamente como são. Apenas com algumas alterações do masculino para o feminino.
- c) Até agora suas 250 cartas ou extratos de cartas estão sendo transcritas e traduzidas. Repito que serão uma outra fonte de informação sobre a formação e a espiritualidade nas quais as irmãs eram formadas durante aquele período.

III. 1931 – SMSM

Este é o período, desde 1931, em que nos tornamos uma congregação de direito pontifício, sob o nome que nos foi dado pela Propaganda Fidei: Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria. As constituições tiveram que ser escritas, a primeira foi publicada em 1931, pelo Pe. Grimal sm, depois de algumas consultas com nossas superiores, naquela época em Sainte Foy.

Não estamos trabalhando sobre este período. No entanto, havia um projeto de história oral, com a participação de um grupo de algumas irmãs mais idosas. No momento ele tem acesso limitado, de acordo com as normas da congregação aceitas pelas irmãs.

Gostaria de concluir dizendo que, como não temos a capacidade, nem recursos, nem os meios para fazer o que seus pesquisadores estão fazendo, lhes asseguro o quanto apreciamos e o quanto é importante para nós, ajudando-nos a interpretar algumas expressões e experiências de nossas pioneiras. É certamente uma ajuda para tentar entrar mais profundamente em

nosso particular modo de viver a vida marista como missionárias e religiosas, adaptando nosso carisma para os dias de hoje. Podemos apenas pedir-lhes que continuem e rezar para que o Senhor os abençoe e faça frutificar todos os seus esforços.

3.A CONTRIBUIÇÃO DAS IRMÃS MARISTAS (SM) NA PESQUISA ATUAL

Ir. Vivienne

3.1 Introdução

Nossa posição em relação à pesquisa é exatamente como a das irmãs SMSM. Também nós temos pouquíssimos recursos, mas temos sido muito ajudadas ao longo dos anos pelas duas congregações maristas masculinas. Particularmente, nossa pesquisa foi organizada pelo Pe. Costa e pelo Pe. Lessard. Depois do concílio Vaticano II, ambos trabalharam com uma comissão histórica de nossas irmãs, composta pela Ir. Marie Therese Aubague e Ir. Hyacinth, e que foram levadas adiante por Winifred Rose, que um bom número de vocês provavelmente encontrou em nosso centro histórico em Belley, na França.

Graças ao trabalho dessa comissão histórica, pudemos ter acesso durante alguns anos a duas coleções de documentos que se referem ao tempo da vida de nossa fundadora – as palestras e a correspondência da Madre Saint Joseph. A história em seu conjunto está ali, mas resta tirar fora o que nos diz respeito. Assim, nestes anos mais recentes, estamos nos concentrando em trazer estes documentos à tona. A razão pela qual nos concentramos tanto neste período de nossa história é que, como devem saber, tinha-se perdido a visão original de nossa fundadora. Por cem anos, nossas irmãs viveram das mais variadas maneiras a partir da intenção original de Jeanne-Marie Chavoïn. Sua morte foi em 1858 e só nos anos 1950 sua visão começou a ser realizada mais plenamente. No entanto – e ainda bem – a influência de Jean-Claude Colin não estava perdida. Assim como nossa fundadora, ele é muito querido por nós e sua visão é preciosa. Foi o que formou nossa espiritualidade, pois ele pôde articular a visão, enquanto Jeanne-Marie Chavoïn nos mostrou como vivê-la. Não é o momento de ir até o mal-entendido que ocorreu entre eles, existem pessoas muito mais eruditas que poderiam elaborar isso para nós. Mas é importante notar que as Irmãs Maristas proclamam ambos como fundadora e fundador, e são orgulhosas de fazê-lo.

3.2 Recentes Pesquisas e Publicações

Focalizando o tempo da fundadora

Nestes últimos cinco anos, algumas publicações foram produzidas para trazer à tona o que temos nestas duas coleções de documentos:

- «*Hidden fruitfulness*», por uma de nossas irmãs irlandesas, Myra Niland. Myra defendeu uma tese sobre a espiritualidade de Jeanne Marie Chavoin, em particular sobre a frase que vem de nossas origens, «Escondida e Desconhecida». É um trabalho substancial e foi traduzido em francês.
- Surgiu uma outra idéia e fui encarregada de escrever a história de Jeanne-Marie Chavoin em um estilo mais popular – «*Patterns: the fashioning of a foundress*» (Modelos : o nascimento de uma fundadora) foi publicado em inglês e em português. Uma das maiores novidades é o destaque dado à sua companheira, Marie Jotillon. Pouca pesquisa tinha sido feita sobre Marie e foi uma grande alegria ter descoberto esta pessoa, com quem Jeanne-Marie partilhou sua fé semanalmente, ao longo de 17 anos antes de nossa fundação.
- «A simple pattern» é uma versão simplificada do título precedente, e foi publicado em cinco idiomas. É realmente um texto básico de introdução, que serve como primeiro subsídio para os jovens interessados.

História das Constituições

Há três anos uma de nossas irmãs australianas, Joan McBride, concluiu sua pesquisa sobre o complexo histórico de nossas Constituições. Sua publicação se intitula «*You alone know*» – referindo-se às palavras de Jeanne-Marie a Jean-Claude Colin, quando ela o estimulava a escrever as regras para as Irmãs Maristas, «Só você conhece o que foi lhe foi dado». Ela realmente acreditava nisso.

3.3 A Pesquisa atual

Irmãs Maristas na Austrália

Joan atualmente encontra-se no estágio final da redação da história das Irmãs Maristas na Austrália. Esta história tem particular importância porque trata de um acontecimento responsável por uma das maiores mudanças em nossa congregação, e sobre o qual ninguém falou publicamente. Foram dados indultos a três Capítulos gerais consecutivos por eximir os delegados

da Oceania de estar pessoalmente presentes, com exceção dos Capítulos de 1932 e de 1938, que tiveram dois cada um, e o Capítulo de 1948, com um (a legislação prevê cerca de oito delegados). A matéria veio à tona com uma irmã australiana e provocou um inquérito eclesial. Dez irmãs da Oceania participaram do Capítulo geral de 1954, e dentre as contribuições deste Capítulo estão a redescoberta de nossa fundadora, uma melhor compreensão de nossa identidade (não aparecem muitas referências a nós como semi-enclausuradas) e a criação de províncias.

Irmãs Maristas na França

Na França, outra de nossas irmãs, Françoise Merlet, está trabalhando a história de nossas irmãs lá. Fez uma grande pesquisa até os primeiros anos do século 20, em torno à expulsão dos religiosos. Agora Françoise continua a pesquisar outros períodos.

Superioras gerais que se seguiram à fundadora

- Ir. Donal Moran, da Irlanda, iniciou um trabalho sobre nossa segunda superiora geral – Marie Mortier, Madre Ambrose. Não saberia dizer quanto progrediu seu trabalho. Precisamos olhar com muita atenção a vida de Madre Ambrose, visto que seu generalato conduziu nossa congregação por uma estrada diversa daquela pretendida pela nossa fundadora. Interessantemente, ela é autora de um dos nossos documentos, em dois volumes, que considero dos mais preciosos (Confêrências Doc. 163). Era uma jovem superiora na casa onde nossa fundadora estava se recuperando de uma perna fraturada. Sabendo disso, teve a grande oportunidade e pediu para falar com Jeanne-Marie, que tinha 54 anos. Sendo muito educada e tendo ouvido o Pe. Maîtrepierre expor sobre a importância dos registros históricos, a jovem Ir. Ambrose nos deixou escrito um verdadeiro relatório dos primórdios da amizade de Jeanne-Marie com Marie Jotillon e do encontro delas com o inspirado jovem diretor espiritual Jean-Philibert Lefranc, que na realidade foi quem deu a elas uma espiritualidade. É uma história interessante, e Madre Ambrose se torna realmente importante. Certamente alguma coisa havia acontecido, e ela nos conduziu numa direção diferente, mas nos deu algo de maravilhoso.
- Denise Husson, no tempo livre que pode ter em seu trabalho de conselheira geral, está lendo e transcrevendo as cartas de outras superioras gerais que sucederam Ambrose.

Desenvolvimento de nosso centro histórico em Belley

Tanto a passada como a atual administração geral colocou uma considerável quantia, tempo e energia para construir nosso centro histórico em Belley, o Centro Jeanne-Marie Chavoïn. A administração passada instituiu um museu próprio. A nossa administração determinou que se constituísse o centro como local de formação, de estudos e de reciclagem, tendo como tarefa encontrar alguém como Winifred Rose, que está completando seus 80 anos. Nos organizamos para encontrar duas irmãs: Teri O'Brien, uma entusiasta canadense, e Marie Challacombe, não menos entusiasmada inglesa que pertence à Província da Nova Zelândia. As duas são muito diferentes, mas estão realmente colocando tudo de si na tarefa de transformar este local. Elas construíram sobre o que Winifred estabeleceu por mais de 25 anos.

Teri e Marie, dentre outras coisas, estão trabalhando para tornar acessível a História das Irmãs Maristas, de Pe. Gobillot. Até recentemente era disponível apenas em francês, em páginas copiadas com tinta vermelha. Outros se empenharam na tradução para o inglês, notadamente Ir. Edmund Leonard. Teri e Marie estão concluindo a tradução e colocando-a em cd.

Temos outros que se empenham no trabalho de tradução. Grace Ellul, que trabalhou no Brasil durante anos, traduz tudo o que vem em suas mãos para o português, para ajudar na formação de nossas irmãs no Brasil. Do mesmo modo, Mari Aranda, no México, traduz tudo o que pode para o espanhol. Temos mulheres realmente muito dedicadas ao trabalho. Denise Husson trabalha com o francês quando pode. As irmãs italianas contrataram leigos para ajudá-las na tradução e impressão de nossas mais recentes publicações.

Formação de pesquisadoras

O que estamos fazendo para formar gente para isso? Realmente nada! O que ocorre é que as pessoas não tomam elas mesmas a iniciativa, nem são «descobertas» por alguém interessado em levar adiante a causa. No meu caso, Joan McBride se aproximou de mim e dizendo: «Viv, penso que você pode escrever sobre Jeanne Marie Chavoïn de um modo novo». Eu não tinha experiência para isso, mas estava realmente entusiasmada. Joan atuou como meu mentor e Gaston Lessard aceitou ser meu supervisor.

Desta modo, penso que é a maneira de formar, mentoreando, tutelando, e creio que a paixão que as pessoas têm por suas tarefas parece não apenas conduzi-las a realizar, mas também a procurar a ajuda que necessitam. E assim nos dirigiremos aos membros da família (marista), como é normal, e contaremos com você para nos apoiar na continuidade deste trabalho significativo.

4. CONDIÇÕES ATUAIS DA PESQUISA ENTRE OS IRMÃOS MARISTAS

Ir. André LANFREY, fms

Os assuntos que serão tratados aqui têm apenas a ambição de informar sucintamente os Maristas sobre diversos trabalhos de pesquisa efetuados pelos irmãos nos últimos dez anos. Muitos destes assuntos foram objeto de um artigo nos *Cadernos Maristas*. Como geralmente acontece, esses resultados provocam mais questões do que soluções, mas contribuem a nos convencer que as origens maristas continuam um campo de trabalho ainda fecundo para diversas descobertas, e que convém prosseguir a tradição erudita e histórica que surgiu com a obra *Origens Maristas*, dos padres Coste e Lessard.

Quanto à erudição propriamente dita, o Ir. Paul Sester dá os últimos retoques a uma edição dos escritos de Champagnat diferentes de suas cartas, cuja edição crítica em dois volumes apareceu em 1985-1987.

Um intenso trabalho de informatização dos manuscritos dos primeiros sucessores de Champagnat, dos primeiros Capítulos gerais... foi levado a muito bom termo graças à perseverança de numerosos irmãos aposentados, particularmente do Ir. Louis Richard. Desta maneira, entre os Irmãos Maristas a pesquisa não está entravada pela dificuldade de acesso às fontes, mas principalmente pela falta de pessoas competentes para explorá-las. Além disso, a coordenação entre formadores e irmãos encarregados do Patrimônio poderia ser melhorada.

Quanto às pesquisas históricas realizadas em fontes externas à Sociedade, elas apresentam os seguintes resultados:

4.1 A sociedade de Maria na Espanha e os Maristas

O clérigo Bernard Daries tentou criar na Espanha, entre 1792 e 1796, uma sociedade de Maria com tendência a ressuscitar a S.J. sob uma forma diversa. Os Maristas tiveram conhecimento dessa sociedade entre 1827 e 1830 (cópia de carta de Champagnat: OM1 doc. 418). Os padres Coste e Lessard supunham que o informante era Pierre Babad, sulpiciano exilado na Espanha e depois nos Estados Unidos, antes de voltar à França em torno de 1820.

Pesquisas realizadas junto a Saint Sulpice e nas Missões Estrangeiras de Paris me permitiram de confirmar essa hipótese. Vindo na diocese de Lyon em 1826, Pierra Babad forneceu esta informação a seu sobrinho, que a comunicou aos Maristas (Séon, Terraillon ou Cholleton?) em uma época (1827-1830) em que estes tinham necessidade de se emancipar da revelação do Puy.

Courveille aliás sempre negou qualquer filiação, e a lenda do velho padre (jesuíta) do Puy parece esclarecida, mesmo se a idéia de Courveille se inscreve em uma certa sensibilidade e um certo ambiente.

4.2 O Puy

Sabe-se que Courveille e Champagnat vinham de paróquias da antiga diocese do Puy e que os maristas alimentaram o projeto de se reunir nesta cidade.

Minhas pesquisas, muito decepcionantes pois os arquivos diocesanos queimaram duas vezes – no fim dos séculos 18 e 19 – no entanto não foram inúteis. Parece-me que elas deram três resultados notáveis.

Pude identificar no Puy um velho jesuíta, Jacques Bertrand, que vivia ali antes da Revolução Francesa e ainda ativo em 1802. É pouco provável que ele tenha tido influência sobre o projeto Courveille. Mas existia realmente um velho jesuíta no Puy no início do século 19.

Antes de tudo, o Puy é famoso pela resistência vitoriosa à Revolução, feita principalmente na sua parte mais montanhosa, isto é, na área de Yssingeaux, da qual as paróquias de Champagnat (Marlhes) e de Courveille (Apinac et Usson) são um prolongamento. Desde 1795 os padres refratários, mais ou menos aliados aos realistas, exercem ali uma influência preponderante. Mijolas, refratário particularmente convicto, é quem se ocupa de Marlhes e Saint Genest Malifaux.

O bispo, dom de Galard, exilado na Suíça, desenvolve em sua diocese uma espiritualidade tipicamente refratária: sacrificial, missionária, realista e ultramontana. Provavelmente por isso a diocese do Puy não será restabelecida em 1802. Poderia haver uma ligação entre este ambiente de resis-

tência, prosseguido pelos vigários gerais, como Richard, e o desejo dos Maristas de se reunirem ali.

4.3 Convergências com Pierre de Clorivière

Pierre de Clorivière, ex-jesuíta, fundador dos padres do Coração de Jesus e das Filhas do Coração de Maria durante a Revolução, manifesta uma espiritualidade cujas convergências com a dos maristas são inquietantes: escatologia das 5ª e 6ª idades (perseguição e depois apostasia), glória de Deus sob os auspícios da Virgem Maria, universalismo, segredo, acolhida de todos os estados de vida, devoção à Sé apostólica...

Precisa falar de coincidência de sensibilidade ou ir além e supor uma influência? Em todo caso o projeto Clorivière teve os favores da administração clandestina da diocese (Linsolas) e em 1802 Clorivière teve em Lyon um forte contato com Claude Cholleton, tio de Jean Cholleton, o protetor do projeto marista, ele mesmo muito empenhado nas sociedades secretas de seminaristas.

4.4 Influências sobre o Formulário de 1816

O padre Coste mostrou bem que J.C. Colin tinha sido fortemente influenciado por *A cidade mística*, de Marie d'Agreda. Sem dúvida é preciso ampliar esta influência ao conjunto do projeto marista, pois o formulário contém traços de duas passagens de *A cidade mística*: aquela que relata Pentecostes (aliás, em ligação com a 2ª Carta aos Coríntios) e outra que descreve a partilha da missão universal entre os Doze, um ano depois da Pentecostes.

O sumário das regras da Companhia de Jesus também não parece estranho a este Formulário.

4.5 Os amigos do cordão

O exame minucioso dos arquivos dos «Cartuchos» me permitiu mostrar que os Maristas não são o único grupo fervoroso de seminaristas: eles foram precedidos em Saint Irénée por uma associação pia e secreta, os «amigos do

cordão», fundados em torno do ano de 1805. Estes se entregam a exercícios de devoção e de caridade e pronunciam, no momento de sua ordenação, uma promessa bem detalhada que faz deles verdadeiros religiosos sem os votos. Numerosos simpatizantes e adeptos do projeto marista fizeram parte deste grupo: Jean-Philibert Lefranc, Pierre Colin, Jean Cholleton, Félix Pichat, Jean-Antoine Gillibert, Pierre Pousset... J.M. Chavoïn sofreu a influência deles (através de Lefranc) e provavelmente também Champagnat. Os «Cartuchos» de Bochard parecem vir amplamente desse ambiente.

As memórias de Mioland, de Pierre Pousset e as cartas de Gillibert nos dão uma boa idéia da atmosfera que prevalecia no seminário nos anos 1807-1816: resistência espiritual cada vez mais manifesta, para em seguida manifestar a tendência de grande número deles em direção ao amálgama real-za-Igreja, cujos traços aparecem na consagração de Fourvière.

4.6 A duradoura divisão da diocese sob os vigários gerais de Fesch e sob de Pins

Uma carta anônima de 1816 (de Chézelle) denuncia os oblatos de Bochard que tentam secretamente encampar a formação nos seminários. À época os Maristas parecem fazer parte destes oblatos.

O sínodo de de Pins, em 1827, é a ocasião para a oposição galicana e «feschista» de se manifestar. Jean-Antoine Gillibert parece ter tido um papel importante nesta oposição.

Cholleton, ao contrário, membro ativo da sociedade dos amigos do cordão e íntimo de Emery, o superior de Saint Sulpice, deve renunciar a seus projetos de entrar em Saint Sulpice e torna-se um dos pólos do ambiente legitimista lionês, seguindo de Pins, de quem é vigário geral.

Em 1839, de Pins, o administrador da diocese de Lyon, comprometido demais com o Legitimismo, deve renunciar à sucessão de Fesch. Cholleton, cuja carreira eclesiástica é bloqueada, torna-se marista para evitar de dar satisfação à uma realza que quer lhe oferecer uma função de fachada: canônico. Mas em que medida esta adesão não é comprometedora para a sociedade de Maria?

4.7 Testemunhos sobre os maristas entre 1819 e 1830

A carta de Pierre Colin a dom Bigex, bispo de Pignerol, é talvez a maior descoberta destes últimos anos, pois ela apresenta o primeiro histórico da fundação da SM, três anos depois da consagração de Fourvière, fornecendo o texto integral.

O testemunho de Faillon, sulpiciano, nos recorda que em 1827 subsiste em Saint Irénée uma sociedade secreta que parece servir de viveiro aos Maristas. Trata-se da continuação dos «amigos do cordão».

Os papéis de Mioland, superior dos «Cartuchos», nos fornecem precisões importantes sobre a personalidade de Bochart e a fundação da sociedade dos Padres da Cruz de Jesus. Eles descrevem o estado de espírito dos Maristas de Belley em 1830, no momento de sua querela com dom Devie, que quer fazer deles missionários diocesanos.

Enfim, um documento descoberto com os irmãos da Santa Família, de Belley, cujo autor parece ser Pompallier, nos dá os «estatutos da Sociedade de Maria» de l'Hermitage, em 1830. Estes fazem dos irmãos o centro da sociedade e dos padres uma periferia de capelães e de missionários. Uma tal perspectiva parece explicar a oposição de Séon e da maior parte dos padres da SM de Lyon a uma sociedade deste gênero.

Conclusão

De todas estas pesquisas acho que posso salientar ou confirmar alguns pontos seguros e documentos importantes:

- O peso da espiritualidade refratária ao espírito marista.
- Marie d'Agreda como inspiradora do primeiro grupo marista e não apenas de Colin.
- Os amigos do cordão como ambiente que acompanha o projeto marista.
- A personalidade de Cholleton: talvez mais inspirador no começo e em seguida menos marista do que se pensava.
- Os documentos de 1819 e 1830, que esclarecem etapas importantes da constituição da Sociedade.

Unidade et diversidade da Sociedade de Maria (SM) Mística, história e direito canônico

Ir. André LANFREY, fms

Este texto não é exatamente aquele pronunciado diante dos representantes dos diversos ramos maristas, mas seu autor pensa reproduzir seu espírito.

Ele se inspira em uma reflexão anterior, sobre a natureza do instituto dos Irmãos Maristas, da qual retoma vários elementos e que suscita uma questão: qual é a identidade dos irmãos? Um ramo da Sociedade de Maria ou a Sociedade de Maria de l'Hermitage?

Todos compreenderão que não se trata de um simples problema de vocabulário e que esta questão naturalmente suscita uma outra, mais ampla: no fundo, o que é a sociedade de Maria?

- Uma confederação de congregações saídas de diversos ramos originais e encarnadas em histórias particulares?
- Uma espiritualidade comum original que evoluiu diferentemente, segundo os ramos, mas conservando ainda um vínculo fundamental entre eles?
- Uma história comum, pelo menos durante os primeiros decênios da Sociedade?

Essas definições não se excluem mutuamente, mas a ponderação entre elas evoluiu na história marista e talvez tenha chegado o momento de abrir um debate sobre este assunto complicado e delicado.

I. DA SM SONHADA À SM REALIZADA (1816 – 1836)

No formulário de julho de 1816, os doze aspirantes maristas declaram devoção à instituição «da pia congregação dos Maristas», que eles chamam um pouco mais adiante «a sociedade da bem-aventurada Virgem Maria». Os OM assinalam que a expressão «Societatis Mariae» aparece pela primeira vez na carta latina dos aspirantes maristas ao papa, em 25 de janeiro de 1822 (OM1 doc. 65), mas a carta de Pierre Colin a dom Bigex, encontrada em 1996, menciona «Sociedade de Maria» desde 9 de outubro de 1819¹, fixando claramente sua origem na revelação de Courveille no Puy.

Quando ele apresenta a Sociedade de Maria às autoridades romanas em dezembro de 1833 no *Summarium regularum societatis Mariae* (OM1 doc. 294), J.C. Colin menciona que ela compreende quatro «ordens»: padres, irmãos, irmãs e confraternidade leiga. Sabe-se que Roma achou que «o plano é monstruoso»². Também J.C. Colin obtém a aprovação romana apenas para a congregação dos padres da Sociedade de Maria (OM1 doc. 373 § 7), através do decreto de 11 de março de 1836, que no entanto menciona os outros ramos da sociedade (§ 3), deixados à espera. O breve «Omnium Gentium», de 29 de abril de 1836 (OM1 doc. 384), não os menciona mais e faz desaparecer pouco a pouco a lembrança do plano primitivo, como é mencionado no comentário do documento em OM1 p. 874. Implicitamente, Roma equaciona assim: sociedade de Maria = sociedade dos Padres Maristas.

I.1 Sociedade de Maria ou Sociedade dos Padres Maristas?

Esta definição canônica não impediu os diversos ramos maristas de conservar viva a idéia de uma Sociedade de Maria de essência mística, mas ela torna o termo «Sociedade de Maria» muito ambíguo³, e principalmente ela faz da sociedade dos padres a depositária de um selo de autenticidade que coloca irmãos, irmãs e ordens terceiras leigas em uma situação de auxiliares.

Em resumo, a árvore de três ramos projetada em 1816, e aumentada com o ramo dos irmãos, dá lugar a uma imagem nova que situa implicitamente

¹ André Lanfrey et Paul Sester, Complemento a «Origens Maristas», em *Cadernos Maristas* n° 11.

² Doc. 304 § 16, Relatório do cardeal Castracane, de 31 de janeiro de 1834.

³ A esse respeito, nada de mais significativo do que o título da obra de Jean Coste: *Curso de história da Sociedade de Maria (Padres Maristas)*. 1786-1854, Roma, 1965.

a Sociedade dos Padres como tronco, enquanto os irmãos, irmãs, e ordens terceiras constituem os ramos. Um dos fundamentos de 1816, o *Cor unum et anima una*, que supunha uma igualdade rigorosa entre os membros e os ramos da sociedade, encontra-se um pouco enfraquecida. Sob o peso da história e das regras canônicas, a definição da Sociedade embaralhou-se.

1.2 Em direção de uma lógica congregacionista

A intervenção romana tem por conseqüência imediata o fato de constrianger cada uma das demais entidades da SM a se colocar a questão sobre a natureza e a amplitude dos vínculos que deveriam ser conservados ou não com os Padres Maristas. Parece que mesmo Champagnat tenha-se feito a pergunta, para chegar, pouco antes de sua morte a uma associação sem fusão com os Padres Maristas, o Pe. Colin fazendo o papel mais de centro de unidade do que de superior. Sabe-se que, na seqüência, os Irmãos Maristas se emanciparão de uma união que, em uma parte dos Padres Maristas, escondia uma vontade de tutela.

Essa maneira de assimilar os Padres Maristas a um centro da SM e o resto à uma periferia, gerou mais ou menos claramente uma narrativa histórica considerando as tentativas da SM, operadas antes de 1830-1836, como uma espécie de rascunhos destinados a servir de pedras à espera da obra, finalmente concluída pelos cuidados do homem providencial: o Pe. Colin. Por isso, embora bem conscientes de sua originalidade e de seu êxito, os Irmãos Maristas teoricamente nunca contestaram os Padres Maristas em relação ao título de Sociedade de Maria.

2. OS IRMÃOS MARISTAS CONSCIENTES DE SER UMA SOCIEDADE À PARTE

Os Irmãozinhos de Maria, portanto, são historicamente fundamentados para pretenderem ser a Sociedade de Maria de l'Hermitage, porque Champagnat nunca dissociou a fundação dos irmãos daquela da SM, porque l'Hermitage é a primeira tentativa, em parte com êxito, de constituí-la, e porque, se a inspiração da Champagnat e dos primeiros irmãos é tirada amplamente

da fonte do formulário, ela tem uma originalidade própria. Em resumo, há uma Sociedade de Maria de l'Hermitage, irmã daquela de Belley e não sua filha ou seu esboço.

Isto é o que, aliás, os Irmãos Maristas sentiram sempre muito forte, e o Ir. Seán Sammon, em sua circular «Uma Revolução do coração», de 6 de junho de 2003, é claro a esse respeito:

«Desde 1976, a expressão *a espiritualidade apostólica marista* serviu muitas vezes de referência para as discussões sobre o assunto. Por várias razões, prefiro a expressão *a espiritualidade de Marcelino*. [...] O tesouro que ele transmitiu aos nossos primeiros irmãos e a cada um de nós dentro da Igreja é único e difere da herança de Jean-Claude Colin, por exemplo. A influência deste último é evidente sobre a espiritualidade dos membros dos outros ramos da Sociedade de Maria, mas **não tanto** sobre a nossa.»

Não se pode dizer melhor... sem no entanto chegar à última conseqüência: os Irmãos Maristas como Sociedade de Maria autônoma.

2.1 Uma especificidade relativa

Devemos reter, da citação que acabo de fazer, um prudente «não tanto», que mereceria ser um pouco mais explorado, principalmente porque o dossiê histórico sobre as origens nos convida a evitar um ponto de vista de excessiva identificação. Assim, as *Origens Maristas*, dos padres Coste e Lessard, nos lembram que a Sociedade de Maria foi uma obra coletiva que soube articular diversidade e unidade com um grande coeficiente de êxito, pelo menos até 1854, isto é, até o final do generalato do Pe. Colin.

Por outro lado, trabalhando sobre as origens dos Irmãos Maristas, pude me convencer que nenhum trabalho sério sobre este assunto poderia ser feito sem um conhecimento profundo do conjunto das fontes maristas, pelo menos durante os primeiros 50 anos da Sociedade de Maria. Por exemplo, muitas palavras do Pe. Colin coincidem e esclarecem as de Champagnat, e vice-versa. A carta de Marie Jotillon em 1820, edificada em torno do lema *Cor unum*, esclarece um traço fundamental da espiritualidade da sociedade... Assim, os diversos ramos da SM, e em primeiro lugar os Irmãos Maristas, devem considerar que eles não são tão exclusivos como crêem os des-

centes de um ou outro fundador. Talvez se devesse pegar das SMSM o conceito de «pioneiras», para se dar conta das origens maristas: uma rede com pólos múltiplos e com personalidades diversas, de onde surgem progressivamente os líderes.

Assim, partindo da hipótese de uma Sociedade de Maria de l'Hermitage, bastante disseminada histórica e espiritualmente, devo admitir que os irmãos se compreendem plenamente apenas no interior de uma matriz utópica e mística, que ultrapassa amplamente o quadro de l'Hermitage. Se há uma Sociedade de Maria de l'Hermitage, ela só pode ser entendida como pólo de uma única Sociedade de Maria.

Mas esta só pode ser concebida à imagem da Igreja: realizada plenamente em cada uma de suas comunidades, que ao mesmo tempo só têm legitimidade na comunhão com as outras expressões do mesmo Espírito. Ao mesmo tempo, nenhum ramo da Sociedade não é proprietário do selo SM e todos podem reivindicá-lo, à condição de se reconhecerem parte de um todo. Desta maneira, os Irmãos são certamente Sociedade de Maria, mas de l'Hermitage, não de Belley, de Lyon ou da Oceania.

No fundo, foi assim que os diversos ramos da sociedade sentiram esse vínculo entre eles, não sem numerosas ambigüidades, que seria útil eliminar.

3. POR QUE ESCLARECER O VÍNCULO MARISTA?

Mais acima já salientei certas ambigüidades deste vínculo: tendência a ver a Sociedade com um centro e periferias; culto exclusivo e excessivo de um ou outro fundador ou fundadora; concepção da espiritualidade marista limitada demais a um ou outro ramo... Mas estas são coisas relativamente secundárias. A verdadeira questão é ir além do acontecimento fundador de 1836, quando Roma concede apenas aos Padres Maristas o reconhecimento canônico.

A SM, até então impregnada de uma eclesiologia fundada sobre grupos ferventes igualitários, unidos entre si em um contexto de uma Igreja que devia afrontar a impiedade, deve se curvar a uma eclesiologia fundada sobre

a hierarquia, o primado do sacerdócio, a cristandade. A lógica congregacionista se sobrepõe àquela de sociedade, a noção de ramos sendo absorvida por aquela de congregações especializadas em algumas tarefas de importâncias diversas: aos Padres Maristas os colégios, os seminários, as missões; aos irmãos as escolas primárias; às irmãs a educação das meninas... Não se pode negar que esta clarificação teve seus efeitos benéficos e não é pouco o mérito do Pe. Colin de ter aceito esta encarnação imperfeita da Sociedade, que permitia a cada ramo de cultivar sua própria maneira de ser marista.

Mas hoje, o debate sobre a Sociedade de Maria se desenvolve em um plano inverso em relação àquela época longínqua, porque depois do concílio Vaticano II a Igreja é concebida como povo de Deus evoluindo em um mundo secularizado. Desta maneira o sacerdócio e a vida religiosa são vistos em relação ao batismo e a imagem da SM como confederação de congregações-ramos perdeu amplamente sua pertinência. Por outro lado, a SM, como realidade mística ou corrente de espiritualidade capaz de reunir os cristãos de todos os horizontes eclesiais, deve passar em primeiro plano.

Em princípio, essa adaptação a um novo tempo da Igreja e do mundo, deveria se fazer facilmente para a SM, pois no fundo a eclesiologia de Vaticano II ratifica sua inspiração primeira.

4. O CONCEITO DE SOCIEDADE DE MARIA DE L'HERMITAGE COMO INÍCIO DE SOLUÇÃO?

Na realidade a operação não é tão simples, pois não podemos apagar de nossa memória uma longa história, nem nos desfazemos irrefletidamente da perspectiva congregacionista. Portanto, é no aspecto propriamente místico e conceitual que podemos mais facilmente agir e por isso procurei fazer uma introdução aos Irmãos Maristas sobre o conceito de Sociedade de Maria de l'Hermitage, que é mais amplo e melhor no espírito das origens do que aquele de Irmãos Maristas.

Em pelo menos dois pontos o conceito de Sociedade de Maria de l'Hermitage permitiria ultrapassar algumas questões particularmente cruciais, tais como a relação com o laicato e com o sacerdócio.

Efetivamente, em uma perspectiva congregacionista, os leigos que se associassem a uma ou outra entidade marista fariam sempre figura de auxiliares, denominemo-los ordem terceira ou fraternidade. A idéia de sociedade, ao contrário, significa igualdade e ser policêntrico. Ela sugere que indivíduos ou grupos podem existir em conexão com o grupo historicamente portador do espírito da sociedade, sem necessariamente ser-lhe dependente, ainda que à condição de conservar a comunhão com ele.

Em relação ao sacerdócio, os Irmãos Maristas, enquanto congregação, rejeitaram recentemente que se possa ser ao mesmo tempo padre e irmão. Mas, em uma visão de sociedade aberta, não se vê porque padres não poderiam, individual ou coletivamente, se reconhecerem em comunhão de espiritualidade com a Sociedade de Maria de l'Hermitage. Mesmo as irmãs, inspiradas pela Sociedade de Maria de l'Hermitage, existem: as «hermanitas» na América latina.

5. SMH COMO SOCIEDADE INACABADA

Ao mesmo tempo, a hipótese de uma Sociedade de Maria de l'Hermitage adquire todo o seu sentido apenas se for associada à noção de inacabamento, que ao mesmo tempo se apresenta em vários níveis.

De um lado o projeto de Champagnat visava criar um corpo de leigos aptos a catequizar jovens e menos jovens; por outro lado esses leigos deveriam ser espiritualmente dirigidos por padres que vivem da mesma vida que eles. De fato, depois de 1830, colocados de lado Champagnat e alguns padres maristas, os irmãos se tornaram um corpo intermediário entre laicato e sacerdócio, conservando sua autonomia mas um pouco contida em perspectivas estreitas.

Evidentemente, o inacabamento da Sociedade de Maria de l'Hermitage é patente e voluntário em relação à Sociedade de Maria como um todo: nem o Pe. Champagnat, nem seus sucessores recusaram o vínculo com o conjunto da sociedade, mesmo quando este estava fortemente distendido. Da mesma maneira, apesar dos tempos de conflito, nenhum dos ramos da Sociedade recusou a legitimidade de um outro se pretender marista. Por isso a locali-

zação «de l'Hermitage» é tão importante, pois ela supõe outras sociedades irmãs enraizadas em outros lugares ao mesmo tempo simbólicos e físicos.

Mas, antes de tudo o conceito de sociedade inacabada nos abre um futuro no qual os irmãos não são uma simples congregação que repete indefinidamente o culto de suas origens e uma história gloriosa: em resumo, uma associação de ex-combatentes. Ao contrário, esta sociedade tem a missão de retomar, como um encargo novo, o projeto original: a missão universal para a glória de Deus e a honra de Maria de toda a sociedade, mas interpretada por Champagnat: «Precisamos de irmãos (no sentido amplo e não apenas congregacionista)».

CONCLUSÃO

Não sei se a afirmação de uma Sociedade de Maria inacabada e localizada pode inspirar os outros ramos da sociedade, pois sei que a imagem da árvore com três ramos e o forte vínculo com o Pe. Colin Ihes deram uma grande consciência de pertencer à SM. Os Irmãos, quarto ramo adicionado muito mais tarde e já fortemente constituído, me parecem um caso específico: mais do que um ramo, e menos que a Sociedade de Maria. Não encontro para eles uma expressão melhor do que «Sociedade de Maria de l'Hermitage».

Mas é a idéia de inacabamento que poderia ser a mais fecunda para os Maristas de hoje. Efetivamente, se consideramos relativa a noção de congregação, cada um dos ramos maristas pode começar a elaborar uma rede de leigos, padres, religiosos e religiosas, de homens e de mulheres, não primeiramente em torno da congregação, mas do espírito marista que é o seu e do qual poderiam se desenvolver potencialidades até aqui deixadas de lado.

Quanto à Sociedade de Maria em seu conjunto, incarnada em todas as sociedades de Maria particulares, mas transcendendo todas elas, não teria ela a vocação de se tornar um lugar de pesquisa, de debate e reguladora do espírito marista: em resumo, uma escola de espiritualidade?

Tarde - FORMAÇÃO AO PATRIMÔNIO MARISTA

O Pe. Kevin tendo que se ausentar, não há intervenção em nome dos Padres Maristas.

I. CONTRIBUIÇÃO DAS IRMÃS MARISTAS (SM)

Ir. Vivienne

I.1 Considerações preliminares

O que nós Irmãs Maristas devemos fazer para manter vivo nosso Patrimônio espiritual?

Ao formular essa pergunta, posso dizer que nós nunca vemos nosso Patrimônio espiritual isolado do resto da Família Marista, e creio que nunca o fizemos. Existiu sempre uma compreensão e uma apreciação do conjunto do «Projeto marista». Na verdade esse termo não é muito usado por nossas irmãs hoje, e mais, parece haver mais consciência de que esta idéia de «Árvore com vários ramos» também não é exatamente uma família. De toda maneira, qualquer terminologia usada, o conceito fixado na memória das Irmãs Maristas inclui homens, mulheres, leigos e religiosos – todos chamados a viver suas vidas de *um certo modo*, como disse Craig Larkin. Para nossas primeiras irmãs, especialmente para nossas fundadoras, era impensável ver as Irmãs Maristas sem referências ao grupo da consagração de Fourvière. As Irmãs Maristas cresceram a partir desse momento fundamental, exatamente como os Padres Maristas, os Irmãos Maristas, e mais tarde as Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria.

Por essa razão, Marcelino Champagnat, como Jean-Claude Colin e outros, fazem parte de nossa história desde o começo. Para nós, Marcelino é um dos primeiros Padres Maristas, parte do grupo de Belley, que visitou nossa fundadora, que lhe escreveu aquela maravilhosa carta que temos como um tesouro porque mostra a compreensão entre ambos.

I.2 Aprendendo com a reciclagem da Família Marista

Como uma congregação, aproveitamos toda oportunidade para estar com os outros membros da Família Marista e para tempos de partilha, aprendendo uns com os outros. Uma importante expressão disso é que apreciamos o que

ficou conhecido como *Encontros de reciclagem da Família Marista*. Eles começaram em Friburgo – não estou certa em que ano. Minha experiência era do encontro de 1998 em Belley, que foi o último desse tipo. Durante esse tempo, assim como era vista a aproximação entre Marcelino e Jeanne-Marie, também passei a apreciar mais profundamente a expressão das SMSM sobre carisma e espiritualidade maristas. Quase no fim do encontro, um dos irmãos partilhou conosco uma idéia que o havia surpreendido profundamente, isto é, que o carisma marista não está circunscrito a nenhum dos ramos da Árvore. Tem ligação com o que compreendi daquilo que André disse esta manhã.

O que eu achei interessante a respeito da idéia do meu companheiro FMS é que se tratava de algo que sempre soube – cresci com esta idéia, que havia entendido desde minha formação inicial – isto é, que nossa congregação faz parte de algo muito maior, que pertence a um grupo mais amplo e que cada parte deste grupo é única, tendo sua própria e especial contribuição a dar e que nenhum de nós pode reclamar o carisma marista para si mesmo. É um dom que vem através da totalidade do grupo.

1.3 Comissões conjuntas dos ramos através dos Conselhos gerais maristas

Talvez o que tenha mexido comigo durante aquele encontro foi o novo e forte sentido da necessidade de manter essa partilha entre as diferentes partes de nossa família. A oportunidade de fazê-lo está sendo oferecida a mim aqui em Roma. Na primeira reunião dos Conselhos gerais maristas decidimos formar comissões conjuntas dos ramos, e integro uma sobre a espiritualidade marista, trabalhando com Marie Emmanuel Fuchs SMSM, Théoneste Kalisa FMS e Jan Hulshof SM. Nós quatro recebemos muito, pelo simples fato de estarmos uns com os outros. Mais do que isso, procuramos abrir uma ou duas estradas para promover uma visão da espiritualidade marista no sentido global ao qual André se referiu anteriormente. Creio que é através desta «visão global» que conheceremos melhor o que somos chamados a ser e a fazer como maristas no mundo de hoje.

1.4 Formação inicial

Este conceito global do projeto marista é um dos princípios sobre o qual baseamos nosso Guia congregacional para a formação inicial. Desde o início nossos membros sabem que pertencemos a um grupo mais amplo. Seus

estudos sobre a história marista se baseiam no contexto de Fourvière. Partindo disto, estudando a história específica das Irmãs Maristas e refletindo sobre nosso carisma e espiritualidade, aprendem que temos nossa própria estrada, especificamente feminina, um modo de nos empenharmos na vida e missão maristas e que, por esta razão, temos uma contribuição única a dar. Um outro aspecto de nossa espiritualidade é a internacionalidade, uma natureza que vai além das culturas. Assim, antes da profissão perpétua, é comum que uma irmã saia de seu país de origem para ter uma experiência da vida marista no exterior.

1.5 Formação em curso – programas

Em todos os estágios da vida de uma irmã encorajamos uma reciclagem. Estamos vendo os benefícios de todas as formas de reciclagem, especificamente no aspecto marista. Nossa atual administração é favorável, na medida do possível, a mais Encontros de reciclagem da Família Marista.

Faz parte das iniciativas do último Capítulo geral:

- **Encontros internacionais de reciclagem** para nossas irmãs:
Significado, Missão e Visão 2005: para jovens de 12 países e quatro grupos lingüísticos, e o que sustenta totalmente nossas atividades é o aspecto marista, incluindo uma peregrinação à França. Tratamos dos votos, ministérios e missão, a pessoa de Maria, e vários outros temas, tudo isto compreendido no contexto no qual fomos todas chamadas a sermos mulheres maristas no mundo de hoje. Tínhamos por base o centro de vocês em Manziana, o apoio de Seán e um padre marista como capelão, isto é, uma ampla perspectiva.
Caminhos da Promessa 2006: este ano temos um outro grupo baseado na França, para idosas de apenas dois grupos lingüísticos, mas numerosos países. Todo o encontro de reciclagem tem por base uma peregrinação. Um comentário interessante deste grupo de irmãs vem de uma de nossas mais fervorosas missionárias, recentemente forçada a se retirar por causa da saúde debilitada. Aos 70 anos ela pensou ser muito velha para se reciclar, mas disse: «Comecei a viver novamente». Todo o grupo se exprimiu dizendo que elas não querem encontros de reciclagem baseados somente em vida religiosa, teologia, Escritura. O que precisam e desejam é o vínculo marista. Foi o que deu a elas vida nova e energia para a missão.

- **Curso de liderança 2004, colaboração SM-SMSM:**

Foi uma maravilhosa experiência de colaboração com as SMSM. Focalizamos o significado da liderança para a religiosa marista. Os comentários das irmãs que participaram do curso foram realmente entusiasmantes. Sabemos que nossos dois grupos são diferentes, mas há um vínculo espiritual entre nós que, havendo ocasião, pode ser sentido imediatamente. Creio que uma vez que isso acontece não pode ser esquecido, porque não é algo calculado, mas uma experiência espontânea. Na conclusão de nosso programa conjunto, tivemos uma sessão memorável, o grupo das lideranças SM ao lado das participantes SMSM e as líderes SMSM com as participantes SM, e nos perguntávamos simplesmente: «tem algo que você queira nos dizer?». O que resultou foi um coração pleno de estima pelo outro ramo, que poderia ser resumido na frase: «Somos realmente *irmãs!*».

- **Desenvolvimento do Centro JMC**

Na contribuição desta manhã sobre a pesquisa, mencionei o Centro Jeanne-Marie Chavoïn, em Belley. Encorajamos cada uma das irmãs a ir ali, a escolher um tema particular para estudar e descobrir tanta coisa. Certamente isto pode ter um impacto duradouro. Em 1998, os dois meses que passei com Winfred Rose, minha mentora, deram à minha vida de marista um significado totalmente novo.

- **Uma iniciativa regional**

Nossas irmãs da Ásia-Região do Pacífico contribuíram com seus estudos sobre as pioneiras nos primórdios em Fiji, Nova Zelândia, Austrália e Filipinas. Elas produziram material para uso individual e comunitário. A história de cada irmã pioneira é baseada em uma pesquisa detalhada e acompanhada de um processo para estabelecer a conexão com a questão: «o que isto significa para nós hoje?».

1.6 Formação continuada – abordagem

Não obstante termos iniciado os estudos sobre a congregação ou dos nossos planos de renovação, geralmente procuramos combiná-los com a dimensão marista. Para nós isto tem uma implicação maior do que a abordagem intelectual. Comumente temos um processo de integração dos novos conhecimentos em nossas vidas. Em outras palavras, nunca iniciamos um

estudo em profundidade sem que esteja em conexão com nossa herança marista e para vivê-lo em nossa missão marista hoje. Os estudos sobre a congregação iniciados nos últimos anos são alguns exemplos disso:

- **2002: JPIC**

Nosso tema era: «*O poder de transformação do Evangelho da não violência*». Um material foi enviado a cada irmã contendo vários aspectos, dentre os quais *Carisma marista e Evangelho da não-violência* e *Jeanne-Marie Chavoïn e Evangelho da não-violência*.

- **2004–2005: Autoridade religiosa e obediência**

O Capítulo geral de 2001 pedia um estudo comum da congregação para nos ajudar na compreensão da autoridade religiosa e da obediência. Este estudo foi uma outra maneira de focalizar Maria como *nossa primeira e perpétua superiora*. Foram recolhidas respostas em geral e compilado um opúsculo para uma reflexão pessoal e/ou comunitária. Isto foi muito bem recebido.

Um outro exemplo do uso do mesmo processo foi em relação às publicações de «Caminhos», a mais recente versão da história de Jeanne-Marie Chavoïn. Não queríamos que fosse dado apenas como um livro. Assim, foi acompanhado de um conjunto de folhetos para reflexão, um por capítulo. O método prevê uma reflexão inicial e pessoal, uma partilha com outros, discussão em um nível mais intelectual, mais uma reflexão pessoal e enfim a oração. Nossas irmãs apreciaram realmente esta abordagem.

Conclusão

Creio que é importante dizer que, quando nós, Irmãs Maristas, colhemos a ocasião para saborear nosso Patrimônio espiritual, não é difícil «inflamar ainda mais o dom de Deus em nós». É realmente uma faísca ou muito mais, pois aproveitando o tempo para saborear, para refletir como Maria, encontramos a energia, o ímpeto de viver nossos valores implícitos.

2. FORMAÇÃO MARISTA CONTINUADA NAS SMSM

Ir. Marie Emmanuel FUCHS, smsm

O Capítulo SMSM de 2001 expressou através de seu mandato ao novo Conselho geral a prioridade de ajudar a congregação a retornar às suas fontes, para aprofundar nossa vida SMSM em todos os níveis e também exprimir a dimensão marista de nosso carisma, voltado à comunidade e à missão, e também como exercer a autoridade à maneira de Maria.

2.1 Antes de tudo um aprofundamento da espiritualidade marista

Temos a sorte de ter Ir. M. Emerentiana na casa de Roma, que trabalha sem descanso para dar todos os elementos necessários para um aprofundamento de nosso carisma e para entender melhor a especificidade de nossa vocação marista religiosa e missionária. Ela trabalha em conjunto com Ir. M. Ancilla, que vem duas vezes por ano a Roma para colaborar com Ir. M. Emerentiana. Aliás, elas acabam de nos apresentar o fruto de sua reflexão em um pequeno livro, precioso para todas as nossas irmãs, sobre «A VOCAÇÃO DAS PIONEIRAS».

Durante estes últimos anos, Ir. M. Emerentiana produziu diversos pequenos livros de espiritualidade bem elaborados, sobre temas maristas bem precisos e provenientes das fontes, tanto sobre a tradição marista como a experiência vivida por nossas pioneiras. Estes livros são intitulados: «Maria, primeira e perpétua superiora», «Uma escolha gratuita», «Família de Maria», «Instrumentos da misericórdia divina», etc... Eles se apresentam sempre com o mesmo esquema, isto é, há boa introdução explicativa, seguida de diferentes fontes: a Sagrada Escritura, os textos da Igreja, do Pe. Colin, nossos primeiros regulamentos e constituições, nossas constituições atuais e certamente extratos das cartas das pioneiras. Estes documentos são muito práticos para aprofundar, ensinar, ler, rezar e partilhar sobre o nosso carisma, para melhor apreendê-lo e compreendê-lo.

Estes documentos de base servem de material para todos os nossos grupos de formação.

O próprio **Conselho geral** entra nesta formação ao ler e trabalhar estes pequenos livros, que em seguida servem de material a ser utilizado durante nossas visitas e nossas sessões.

Todos os grupos de reciclagem que passam por Roma aproveitam com alegria de uma renovação marista: as segundas noviças, as novas provinciais, as formadoras e as irmãs em formação para a liderança.

Desde o ano passado, estamos organizando todos os anos um «**mês marista**», segundo um programa bem completo e intensivo, com assuntos especificamente maristas. Como deveríamos estudar o espírito marista com as formadoras, convidamos outras irmãs de diferentes províncias, que desejavam constituir um grupo de diversas idades mas todas de uma mesma língua.

Desde quando chegam, as irmãs encontram na biblioteca uma mesa repleta de documentos de base maristas. Nós as encorajamos ao máximo à leitura e à partilha entre elas sobre aquilo que leram. Desta maneira se torna muito estimulante.

Utilizamos os pequenos livros de espiritualidade sobre as fontes maristas e das SMSM, de Ir. M. Emerentiana, que já mencionamos.

Além disso, este ano fui convidada para um mês marista no Senegal, um curso em meio às suas atividades. É um pouco diferente de Roma, pois as irmãs procuram se liberar durante meio expediente para seguir esta formação, mantendo suas atividades apostólicas na parte da manhã.

2.2 Abertura aos outros ramos maristas

Cada ano fazemos progresso na colaboração entre irmãos, padres e irmãs.

Houve uma sessão com as **Irmãs Maristas** sobre liderança. Recebemos também durante algumas semanas uma irmã marista do Senegal, por ocasião do segundo noviciado para aquelas de língua francesa.

Os **Irmãos Maristas** nos convidam a Manziana para apresentar nossa congregação a cada grupo.

Durante o mês marista de 2006, organizamos uma mesa redonda com quatro conselheiros gerais, que apresentavam um aspecto de sua vida marista. Foi interessante ouvir cada um se exprimir partindo de suas próprias convicções.

Também pude constatar algumas dificuldades. Durante o mês marista no Senegal, ouvi uma crítica gentil dos Padres Maristas africanos. «E nós? Não somos convidados para seus encontros?» Além disso, na oportunidade o Pe. Hubert SM estava em visita naquele país. Não poderíamos ter organizado alguma coisa juntos? Do meu lado, eu me disse: «Nunca mais». Nunca mais eu gostaria de ignorar durante minhas visitas as outras comunidades maristas que se encontram no mesmo país.

É um apelo a progredir e a termos em conta, durante nossas visitas e sessões de formação, a **acolhida das outras comunidades maristas** e devemos prever isso em nossos programas.

O Pe. Jan Hulshof pôde reunir todos os ramos maristas na Nova Caledônia e na continuidade isto foi muito benéfico para uma melhor colaboração entre nós.

Procuramos também participar da formação dos leigos nos vilarejos e solicitamos ter uma delegada em cada região e província à qual enviamos o material apropriado.

Temos a sorte de contar com maior formação, mais material, mais documentos, para apreender nossa espiritualidade e desejamos que, uma vez melhor formadas, as irmãs possam viver e partilhar aquilo que faz nossa riqueza, o espírito de Maria.

*Levando seu nome,
não cessamos de contemplar Maria,
para aprender a pensar,
a falar
e a agir como Ela
e assim viver de sua vida.*

(Constituições SMSM N° 49)

3. O PATRIMÔNIO ESPIRITUAL NA FORMAÇÃO DOS FMS

3.1 No Instituto dos Irmãos Maristas

Ir. Antonio RAMALHO, conselheiro geral

Antes de tudo uma pequena palavra sobre a formação em geral no Instituto. No que se refere à formação inicial, cada província tem seu próprio programa de formação e habitualmente é sobretudo no noviciado que cada um é iniciado ao Patrimônio, isto é, à espiritualidade, ao conhecimento do fundador, etc. Há também as experiências locais ou regionais que dizem respeito à iniciação ou ao aprofundamento a esse nosso Patrimônio, que são destinadas tanto aos irmãos como aos leigos. Algumas delas serão apresentadas em seguida.

No que concerne à formação permanente no Instituto, podemos dizer que existem cursos organizados seja para pessoas de meia idade, seja para aquelas da terceira idade, nas diversas línguas oficiais do Instituto. São oferecidas regularmente sessões em Manziana (Itália) e no Escorial (Espanha). Em Manziana temos sessões em língua inglesa, mas também sessões da terceira idade em espanhol e português. No ano passado (2005) houve sessões em língua francesa (substituindo aquela em inglês) para os dois grupos de idade. Esperamos poder repeti-las em 2007. No Centro do Escorial temos cursos para a meia idade em espanhol, para os grupos de língua espanhola e portuguesa.

Para todos esses grupos há sempre a peregrinação às fontes do Instituto. Isto quer dizer que, em geral, corresponde a uma presença de 15 dias no Hermitage, para um aprofundamento do conhecimento do Pe. Champagnat, de nossas origens, da história do Instituto e também para um contato direto com os lugares maristas.

Certos cursos ou projetos especiais têm também uma atenção particular para o Patrimônio do Instituto. É o caso do que acontece durante estes dias para um grupo de 17 Irmãos, de uns 15 países diferentes e de 14 províncias, que se encontra no Hermitage, onde estão encerrando um curso de um ano para os formadores. Este curso foi realizado em Nairobi, no Quênia, mas o último mês, isto é, este mês de junho, eles completam a formação no Hermitage, para viver esta imersão em nosso Patrimônio espiritual. O Ir. Aureliano Brambila ajudou bastante o grupo durante 20 dias, com a intenção de preparar os irmãos para a formação inicial, impregnando-os desta dimensão de nosso espírito, do Patrimônio marista.

Pode-se perguntar se estes cursos incluem uma visão mais ampla de nossos ramos maristas. Sim, eles são também uma ocasião de conhecer melhor a história, os personagens e alguns lugares significativos das congregações dos padres, das irmãs e das irmãs missionárias maristas.

Finalmente, em nosso comitê do Patrimônio, dentro do Conselho geral, procuramos agora os meios para assegurar, por um lado a preparação de uma nova geração de pesquisadores sobre o nosso Patrimônio, por outro lado a formação de pessoas capazes de bem transmiti-lo a todos os níveis da formação marista dos irmãos e dos leigos.

3.2 No México

Ir. Aureliano BRAMBILA

Em Guadalajara, no México, existe desde 1989 um centro de estudos sobre o Patrimônio espiritual marista: o CEPAM.

Todos os anos são oferecidos ali pelo menos três cursos, de três semanas cada um. O «curso normal» tem a duração total de nove semanas (ciclos A, B, C).

Quem é convidado? Recebemos todos os irmãos e leigos que o solicitam. Até agora cerca de 200 irmãos passaram por ele. A maior parte proveniente da América latina (Argentina, Brasil e México) ou da Espanha.

Para os membros do Movimento Champagnat da Família Marista organizamos durante o ano um ciclo de quatro jornadas de estudos sobre o Patrimônio marista.

O CEPAM não é um centro de pesquisa fundamental, mas simplesmente um centro de difusão do patrimônio dos Irmãos Maristas.

Trabalhamos as 339 cartas do Pe. Champagnat, as 215 cartas ao Pe. Champagnat e as 35 cartas sobre o Pe. Champagnat. Em seguida vêm todos os testemunhos – maiores, menores e indiretos – dentre os quais aqueles que vêm dos Padres da Sociedade de Maria. O CEPAM dispõe também de toda a legislação do Instituto: prospectos, estatutos do início, até as constituições atuais.

Estudamos também os contextos histórico, geográfico e cultural da França no tempo de Champagnat. Tratamos igualmente da Sociedade de Maria em todos os seus ramos, pois somos realmente contrários ao ensinamento de um Champagnat isolado: uma espécie de *Lone Ranger* ou de *Rambo*. Também, todas as pessoas que passam pelo CEPAM não podem ignorar a Sociedade de Maria.

No México, o CEPAM atua durante os finais de semana em pequenos cursos de três dias, para os funcionários leigos e os pais de alunos de nossas escolas mexicanas.

Atualmente em Guadalajara, trabalhamos em conjunto com nossa Universidade Marista a fim de obtermos o reconhecimento universitário de diversos cursos ministrados no CEPAM.

O CEPAM tem um site web⁴. Sua apresentação é muito sóbria, mas contém uma grande quantidade de documentos do Patrimônio marista, em francês, espanhol e inglês. Normalmente os documentos (mas não os estudos) estão em duas colunas: francês e espanhol, francês e inglês, francês e português.

Dois centros CEPAM funcionam fora do México: um no Brasil, que é atualmente uma extensão da Universidade de Porto Alegre; outro em Les Avelanes, e Barcelona, na Espanha.

O CEPAM é convidado no Hermitage e em outros lugares de reciclagem internacionais (Roma, Escorial, Cochabamba, Nairobi, Manilha, Davao) a promover cursos de 8 a 15 dias sobre o Patrimônio.

O Centro de Estudos sobre o Patrimônio Espiritual Marista considera a Sociedade de Maria como um todo, em um sentido mais místico do que jurídico. Aliás, a presença das irmãs e dos padres maristas em Guadalajara oferece muitas vantagens. Assim o CEPAM organizou, a pedido de Ir. Gemma Wilson, uma sessão de uma semana sobre o Patrimônio marista para um grupo de nove irmãs maristas de oito nacionalidades diferentes.

⁴ <http://www.geocities.com/Athens/Oracle/3630>

3.3 Na Espanha

H. Jaume PARÉS

Formação de leigos ao Patrimônio marista

Em primeiro lugar promovemos a formação dos leigos ao Patrimônio marista nas províncias que se encontram próximas dos lugares de origem do Instituto, para colocar em contato e conhecer os «lugares maristas», o que explica porque as províncias trabalham para facilitar a aproximação e a viagens ao Hermitage. O que em outros setores do Instituto supõe o fim de um processo, para nós, em muitas ocasiões, é o primeiro contato.

Aliadas a esta realidade estão as ofertas formativas programadas e devidamente desenvolvidas no tempo. Dentro deste programa formativo podemos distinguir três etapas:

- Em um primeiro momento centraliza sua atenção no conhecimento histórico de Marcelino e os primeiros irmãos, seguindo-se um conhecimento intelectual da pessoa e das razões que deram início ao Instituto.
- Em um segundo nível se propõe a confrontar o projeto marista com a pessoa, a partir das esferas humana, cristã e marista: o que me diz o projeto de Marcelino Champagnat?
- Em um terceiro nível supõe-se dar um passo em direção ao compromisso pessoal com o projeto: a que estou disposto a me comprometer? Em que medida o projeto de Marcelino Champagnat e dos primeiros irmãos tem implicações em minha vida? Os compromissos se apresentam de formas e maneiras as mais variadas.

Ainda uma terceira oferta formativa abordando carisma e espiritualidade, entendida como formação contínua: são os que denominamos «itinerários formativos», onde cada um vai aprofundando em algum aspecto do carisma.

Toda essa implantação formativa, em todas as suas etapas, está prevista para os leigos e para os irmãos, sendo essencial um trabalho conjunto para aprofundar e avançar juntos, atualizando e encarnando hoje o projeto de Champagnat.

3.4 No Brasil

Fr. Ivo A. STROBINO

Cada província tem seu próprio programa para a formação dos leigos: na Província do Rio Grande do Sul (RS) ele se chama JEMAR (Jornadas educativas maristas), na Província Brasil Centro-Norte (BCN) se chama SEMEAR e na do Brasil Centro-Sul (BCS) se trata de VIVEMAR (Jornadas de vida marista). Em princípio são cursos onde são dadas informações sobre o Padre Champagnat, sobre os primeiros irmãos, sobre a espiritualidade e a pedagogia marista, sobre as cartas de Champagnat, sobre o desenvolvimento do Instituto, sobre a reestruturação, etc. Há também tempos para a oração, as refeições e recreação comunitária, onde tentamos fazer viver nossa espiritualidade marista e mariana.

O Ir. Ivo fala principalmente do programa VIVEMAR, desenvolvido em sua província. É um programa que se faz em três níveis, que devem ser seguidos na ordem: Vivemar I, II e III. Cada etapa se realiza em uma sessão de cinco dias para grupos de 40 a 50 leigos cada vez. Eis alguns dados de março de 2005 a junho de 2006:

- Vivemar I: seis sessões, com um total de 245 participantes
- Vivemar II: três sessões, com um total de 110 participantes
- Vivemar III: uma sessão com 47 participantes
- Retiros para nossos leigos maristas: dois, totalizando 31 participantes
- Encontros de formação para os membros associados: uma sessão com 12 participantes

A propósito do Patrimônio espiritual marista, no Brasil marista (três províncias) pode-se notar:

- uma comissão interprovincial, composta de seis membros (dois irmãos por província), dos quais três fizeram o curso sobre o Patrimônio em Roma, em 1993. Ela se reúne uma vez por ano.
- um Centro de Estudos Maristas (CEM) em Belo Horizonte, na Província BCN. O centro ocupa três andares, com bibliotecas especializadas, museu, material iconográfico, etc. para a pesquisa e estudos sobre os temas maristas...
- o trabalho de tradução das obras maristas importantes. A próxima publicação prevista: tradução em português de «Presenças de Maria», do Pe. Antoine Forissier...

- a publicação regular de «Manancial Marista», para nossos leigos maristas, para a seqüência da formação, com artigos de espiritualidade, celebrações...

3.5 No Pacífico

Ir. Michael GREEN

Programas de espiritualidade e missão maristas

Na nossa parte do mundo marista – Austrália, Nova Zelândia e o Pacífico – as prioridades são realmente muito parecidas com aquelas que Jaume acabou de enumerar. Nossa prioridade número um é a formação dos leigos na espiritualidade e na missão maristas, porque quase todas as nossas escolas maristas e outros apostolados são agora dirigidos pelos leigos. Para preservar e progredir na identidade marista e na integridade destes ministérios, é essencial que sejam orientados e que trabalhem com gente marista: cuja identidade própria seja marista, que compreenda sua vida, seu trabalho e sua missão como um marista.

Atualmente estamos dando prosseguimento a esta prioridade em numerosos e diferentes países. Descreverei quatro pontos-chave. Primeiramente, por 13 anos as Províncias de Sydney e Melbourne desenvolveram um curto programa residencial de quatro dias sobre a espiritualidade e a missão maristas para as pessoas de nossas escolas e outros apostolados. Até agora, mais de duas mil pessoas participaram deste programa. Começamos agora um segundo estágio, que não atende à demanda das pessoas que pretendem participar do programa. Mas essas atividades são apenas uma introdução. O que é interessante e estimulante é como um curto contato com o modo marista pode inflamar as pessoas, capturar sua imaginação.

Uma segunda estratégia também foi um sucesso. Completamos sete anos de um programa mais longo, conduzido durante quatro semanas. Ele se realiza na França (no Hermitage e outros lugares maristas) e aqui na Casa geral em Roma. Este é um programa mais intensivo e sério. É reconhecido por universidades e dá créditos àqueles que pretendem o grau de mestrado, mas sem um mandato próprio.

Em terceiro lugar, estamos também publicando um jornal acadêmico por intermédio da Comissão de educação Champagnat, que é o braço educa-

cional da Província de Melbourne. O jornal se chama «Champagnat, um jornal marista de educação». Temos a expectativa de desenvolver, em um nível mais elevado, alguns discursos maristas. É particularmente importante para aqueles em posição de liderança na educação marista.

O nosso próximo projeto, algo que está sendo considerado pelo Instituto, é o desenvolvimento da estrutura ou estratégia que proporcionará uma formação mais intensa em espiritualidade e missão maristas para pessoas de língua inglesa. Pretendemos ir ao encontro das necessidades e aspirações das pessoas que desejam iniciar tal estudo – graduação, mestrado e doutorado – e também proporcionar um centro de cursos rápidos para pessoas que iniciam um período sabático, ou programas de verão e outros seminários. Onde e como isto pode ocorrer é algo que ainda estamos discutindo há alguns anos.

Quando disse «leigos» não quis dizer que os irmãos estão simplesmente excluídos. Certamente os irmãos tomam parte nestes programas, mas a maioria das pessoas é leiga. São elas que iniciam nossa missão marista hoje, e em razão disso estamos dando tal prioridade à sua formação marista. No entanto, realizamos atualmente alguns programas dirigidos apenas aos irmãos. Por exemplo, por três anos conduzimos seminários sobre os aspectos de nosso Patrimônio espiritual. No ano passado o tema deste seminário foi «Pompallier e os pioneiros maristas no Pacífico», e este ano o tema é «Marcelino e seus maravilhosos companheiros». Estes seminários são conduzidos pelo comitê provincial do Patrimônio.

«O líder perdido»

(1^a parte)

*A história do Padre Jean-Claude Courveille (1787-1866)
e o seu papel na Sociedade de Maria.*

Ir. Frederick McMAHON, fms



*O Padre Jean-Claude
Courveille, como monje
benedictino*

INTRODUÇÃO

A história da vida de Jean-Claude Courveille é apresentada em duas partes. A primeira secção vem incluída nesta presente edição (nº 24) de *Cadernos Maristas*). Trata dos primeiros anos de Courveille na família, sua vida no seminário e sua ação inicial no projeto da Sociedade de Maria. A história continua com suas diversas nomeações, após a ordenação sacerdotal e os esforços que fez para implantar os diversos ramos da Sociedade de Maria. Em seguida, passamos aos dramáticos acontecimentos de 1826 e à conseqüente retirada de Courveille da cena marista, depois de sua estada no mosteiro trapista de Aiguebelle, naquele mesmo ano, dez após sua ordenação.

Courveille, entretanto, não havia dado por concluído os assuntos maristas. Na segunda secção (nº 26 de *Cadernos maristas*), descreveremos seus continuados esforços, suas idas e vindas, ao longo de outros dez anos, até finalmente ser admitido, no mosteiro beneditino, em 1936. Seus trinta anos

O SUPERIOR DESTITUÍDO DO CARGO

O homem miraculado

Nascido em 1787 em Usson-en-Forez, Loire, a quarenta quilômetros a oeste de Saint-Etienne, Route D 104, Jean-Claude Courveille era filho de Claude Courveille e de Marguerite Beynieux. Jean-Claude, sétimo filho de uma família de treze, dos quais diversos morreram muito novos; os pais eram comerciantes. Durante a Revolução francesa, a mãe dele escondeu em casa duas estátuas de Nossa Senhora; uma delas era a estátua miraculosa de Nossa Senhora de Chambrac. A senhora Courveille ia rezar com frequência ante a estátua milagrosa. É muito compreensível, assim, que Jean-Claude esteja ligado ao culto da Virgem Maria e às suas estátuas.



O bar «Café Michel», na aldeia natal de Courveille

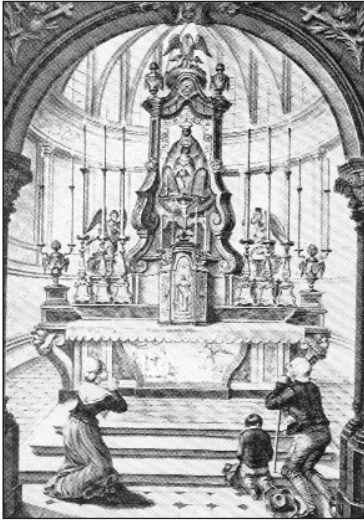
Aos dez anos, Jean-Claude contraiu a varíola, que afetou a córnea de ambos os olhos, o que o impedia de estudar normalmente. Como os médicos não conseguiam curá-lo, o jovem Jean-Claude, que desejava seriamente fazer-se sacerdote, dirigiu-se a Nossa Senhora de Puy, cujo santuário ficava a cerca de cinquenta quilômetros ao sul. Aos dezoito anos, teve o infortúnio de perder o pai, em 26 de abril de 1805.

Um fato miraculoso aconteceu na vida deste jovem, quando tinha vinte e dois anos. Em 1809, foi curado da sua cegueira na catedral de Puy. Ele untou os olhos com o azeite de uma lâmpada que queimava ante a estátua da Santa Virgem e recuperou a vista. Ele distinguia perfeitamente até as coisas mais pequenas na catedral. Daí em diante, gozou de excelente visão. Doravante, foi considerado um dos mais fervorosos peregrinos do santuário. Em 1810, perante a estátua miraculosa, consagrou-se totalmente a Maria e fez-lhe tríplice promessa:

«Fazer tudo o que ela quiser para a maior glória de Nosso Senhor, para a honra de Maria e pela salvação das almas»⁵

⁵ O. M. 2, Doc. 718, 4

Consta que, neste mesmo ano, com muito fervor, este jovem começou os estudos de latim, primeiramente no seminário menor de Verrières, como se supõe, onde conheceu quatro dos seus futuros companheiros. Continuou em seguida a sua formação sob a direção do tio Pe. Beynieux, pároco de Apinac, Loire, pequena cidade perto de Usson.



O altar-mor de Puy

O seminário menor de Verrières

A consagração de Courveille a Maria foi renovada regularmente todos os anos. Em quinze de agosto de 1812, festa da Assunção de Maria, na catedral de Puy, Jean-Claude Courveille teve a firme certeza de que a Santíssima Virgem queria uma Sociedade que portasse o seu nome. A revelação de Puy foi o ponto de partida da Sociedade de Maria. Nesse dia, ao pé do mesmo altar, ele ouviu não pelas orelhas corporais, mas pelo coração, interiormente, mui distintamente: «Eis o que desejo. Tenho imitado o meu Filho em tudo, e o segui até ao calvário, mantendo-me de pé ante a cruz, quando ele entregava a vida pela salvação dos homens.

Agora, que estou na glória com ele, eu o imito no que ele fez sobre a terra, em favor da sua Igreja de que eu sou a protetora e como exército poderoso na sua defesa para a salvação das almas.

Como no tempo de uma medonha heresia que devia transtornar toda a Europa, ele suscitou o seu servo Inácio para formar uma Sociedade que levou o nome dele, Sociedade de Jesus, e os que o acompanharam levam o nome de Jesuítas, para combater o inferno que se enfureceu contra a Igreja do meu divino Filho, do mesmo modo eu quero, e é a vontade do meu adorável Filho que,



O seminário menor de Verrières

nestes últimos tempos de impiedade e incredulidade, haja também uma Sociedade que me seja consagrada, que leve o meu nome e se chame Sociedade de Maria e que aqueles que a compõem se chamem maristas, para combater o inferno⁶».

É quase certo que o fim desta frase substituiu um texto mais detalhado que o Pe. Jeantin, um dos primeiros historiadores da Sociedade de Maria, reitera nos termos seguintes: «Esta Sociedade durará até o fim dos tempos; ela produzirá grandes santos; ela terá grande glória e sustentará os últimos combates com o Anticristo».⁷

Admirado e espantado com esta revelação, Jean-Claude Courveille não falou disso com ninguém, tentando menosprezar essa voz que considerava como grande ilusão. Na Festa de Todos os Santos de 1812, no entanto, ele entrou no seminário maior de Puy, apesar de que a sua cidade natal de Usson tivesse sido ligada à diocese de Lião em 1801. Razões sentimentais explicaram claramente essa escolha. O seminário estava então perto da catedral; o jovem seminarista podia, pois, quase todo o dia, renovar as suas promessas de 1810, ao pé do altar venerando.

Interiormente parecia-lhe que a Santa Virgem o repreendia por causa das suas hesitações. Para recuperar a paz da consciência, ele chegou a assistir a seis missas em certo dia. Parecia ouvir estas palavras: «Fale disso aos seus diretores, descubra-lhes o fato e você verá o que lhe dirão».⁸ Ele falou a dois diretores, um deles professor de moral. Depois de alguma reflexão, eles lhe disseram que o fato lhes parecia favorável, que ele podia provir de Deus, que podia representar a sua vontade e que não se devia menosprezá-lo. Isso o decidiu a se consagrar ao serviço de Maria a quem ele atribuía a sua cura.

No dia de Todos os Santos de 1812, Courveille começou o seu estudo de filosofia no seminário maior de Puy. No ano seguinte, iniciou-se na teologia, mas um incidente inesperado modificou os seus planos. Como ele ia receber a tonsura em breve e as ordens menores na catedral de Mende, Lozère, no dia 26 de maio de 1814, ele precisou obter da administração de Lião um documento que o autorizasse a passar por esta etapa; mas em 30 de abril, na primavera de 1814, quando ele solicitou a carta de autorização de transferência em vista da tonsura, os conselheiros da arquidiocese lionesa se decidiram pela recusa, porque o jovem seminarista lhes era totalmente desconhecido e lhe pediram que se apresentasse ao arcebispado. A arquidiocese de Lião quis então guardá-lo, porque a sua paróquia natal per-

⁶ O. M. 2, Doc. 718, 5

⁷ O. M. 3, Doc. 881, 2

⁸ O. M. 2, Doc. 718, 10

tência a Lião desde a concordata com Napoleão. Jean-Claude entrou, pois, no seminário maior de Santo Irineu, em Lião, na comemoração de Todos os Santos de 1814 e aí terminou o seu segundo e terceiro ano teológico. Foi neste período que ele teve discussões acerca da *Sociedade*.

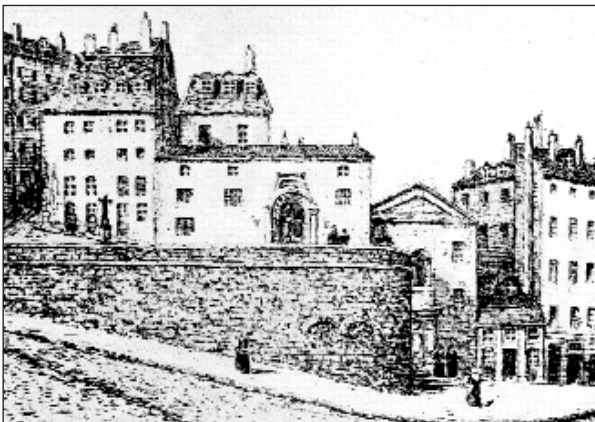
No seminário maior de Lião

Como responsável dos seminários, o Vigário Geral Bochart tinha a incumbência de efetuar as negociações administrativas para a transferência. Ele ficou impressionado quanto à reticência de Puy em liberar este jovem; intrigado, ele lhe pediu a razão. Ele respondeu ingenuamente: «É por causa da obra da Santa Virgem que eu esperava estabelecer em Puy». A isso respondeu Bochart: «Meu amigo, você encontrará em mim um pai tão bom como em Puy; você fará aqui o que pretendia fazer em Puy»⁹.

Assim, nesse mesmo ano de 1814, em questão de algumas semanas, três pessoas do seminário maior lionês revelaram a sua intenção de fundar uma Sociedade religiosa: em junho o Pe. Claude Marie Bochart e o Pe. Nicolas de la Croix d'Azolette e, agora, Jean-Claude Courveille. Foi difícil para o Vigário responsável das congregações da diocese não ver nessa ocorrência um sinal da Providência e, naturalmente, Bochart o interpretou no sentido da sua própria visão. Eis por que ele favoreceu o plano do novo semina-

rta; questionou-o diversas vezes e entendeu-se com ele quanto à escolha dos sujeitos, chegando mesmo a lhe dizer : «Não, não aceite tais e tais candidatos, porque são más cabeças ¹⁰». Com isso Bochart esperava levar Courveille ao seu próprio projeto, isto é, à Sociedade da Cruz de Jesus, como havia feito com o Pe. Nicolas de la Croix.

Para criar clima favorável



O antigo seminário maior S. Irineu de Lião

⁹ O. M. 2 Doc 591, 6

¹⁰ O. M. 2 Doc 551, 3

às Missões na França e, a seguir, às próprias idéias da brochura dele, intitulada «Pensamentos piedosos», que Bochart havia difundido entre os seminaristas, para incitá-los a entrar na sua congregação, era lida a vida de são Francisco Régis no refeitório. Em certa quarta-feira ferial, provavelmente antes da Páscoa de 1815, Courveille, enquanto cortava o cabelo de Déclas, revelou-lhe que, ao se tornar sacerdote, tinha a idéia de imitar são João Francisco Régis: ir aos agricultores pobres que tinham mais necessidade de sacerdotes de fora que a população das cidades ou das vilas mais bem aquinhoadas. Estes contam com sacerdotes da sua escolha, ao passo que os primeiros têm apenas um sacerdote e ficam expostos a fazer más confissões¹¹. Perguntou a Déclas se estava disposto a segui-lo. Déclas deu-lhe o seu sim.

Sem perda de tempo, Courveille começou a falar da futura Sociedade de Maria. Simpatizantes não demoraram a se unir a ele e aderir ao seu projeto. Era o mais idoso deles e os dominava pela sua força de caráter e pela palavra fácil. Era igual aos companheiros em piedade e zelo, mas era ele que lhes dera a idéia da Sociedade de Maria.

Maravilhoso mágico das palavras

O Pe. Courveille possuía verdadeira língua de ouro. Temos disso confirmação nas reflexões dos seus contemporâneos. «Nesse período, como ele ia à casa de campo do seminário de Lião, falava-me da Virgem Maria com sentimento tão inspirado, que talvez nunca na minha vida fiquei tão impressionado. Contava apenas com meios ordinários à sua disposição, mas encontrava no coração uma inspiração que o tornava por vezes muito eloqüente. É verdade que então parecia um santo; o interlocutor sentia-se arrebatado ao ouvi-lo. Durante o seu curso de teologia, ele se confessava com o Pe. Cholleton, diretor espiritual da casa. Aqueles que se apresentaram depois dele ao tribunal da penitência se deparavam com o genuflexório repleto de lágrimas¹²».

A pouco e pouco, um grupo de quinze seminaristas se formou. Eles se encontravam secretamente, algumas vezes, na cela do Pe. Cholleton, professor de teologia moral, que havia sido posto a par do segredo e que eles haviam tomado como conselheiro; outras vezes encontravam-se na casa de

¹¹ O. M. 2 Doc 591, 7

¹² O M. 3 Doc 798, 3

campo do seminário. Aproveitávamos essas reuniões para nos inflamar nos nossos desejos, seja pela consideração da felicidade de sermos os primeiros filhos de Maria¹³, seja para discutirmos seriamente os meios de pôr em prática a idéia deles. Debatiam também acerca daqueles que seriam admitidos e da grande necessidade das populações.

Courveille presidia. Este insistia na necessidade de imitar Maria, sobretudo na sua incomparável humildade¹⁴. Repetia muitas vezes as belas palavras que os «cavaleiros da fé» haviam tomado dos «cavaleiros de Malta» e que concluía todas as suas orações: *Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao vosso nome seja a glória*¹⁵. As idéias circulavam livremente. «Eles discutiam também o projeto, particularmente que a Sociedade de Maria nasceria sob os auspícios de um rei muito cristão. O rei foi identificado em 1817-1818, mas não com o soberano reinante, senão com o filho do templo Luís XVII, que seria grande marista e a quem Nossa Senhora daria o poder que ela tinha. Falavam também de escatologia, de Maria como baluarte da Igreja no fim do mundo. Em termos proféticos, a Sociedade de Maria era imaginada como árvore de três ramos que cobriam o mundo inteiro: sacerdotes, Irmãs, ordem terceira¹⁶». O Pe. Gardette, superior do seminário, temendo que esses encontros privados perturbassem a paz e a união da comunidade, decidiu moderá-los e controlá-los.

As palavras do Pe. Terraillon são apoiados por aquelas do Pe. Séon: «Eis o que diz respeito a Courveille. Este começou os estudos um pouco tarde. Tinha muito zelo e eloqüência natural. Algumas vezes, parecia inspirado. Quando eu era jovem seminarista, eu o venerava e fui confessar-me com ele por veneração e por curiosidade. Saí muito contente e edificado. Ele havia estudado a fundo são João Crisóstomo. É perfeitamente possível que Nossa Senhora se tivesse servido dele, mas ele foi infiel à sua vocação¹⁷».

Durante o resto do ano, Courveille recordou aos seus companheiros uma atitude de fervor apostólico: «Vamos fazer como são João Francisco Régis». Quando chegaram as férias, na véspera da partida, Courveille tomou Déclas à parte, dizendo: «Você sabe que aquilo de que lhe falei no decurso do ano é sério; trata-se de estabelecer uma Ordem que será semelhante à dos jesuítas».

¹³ O.M. 2 Doc 750, 5

¹⁴ O.M. 2 Doc 750, 5

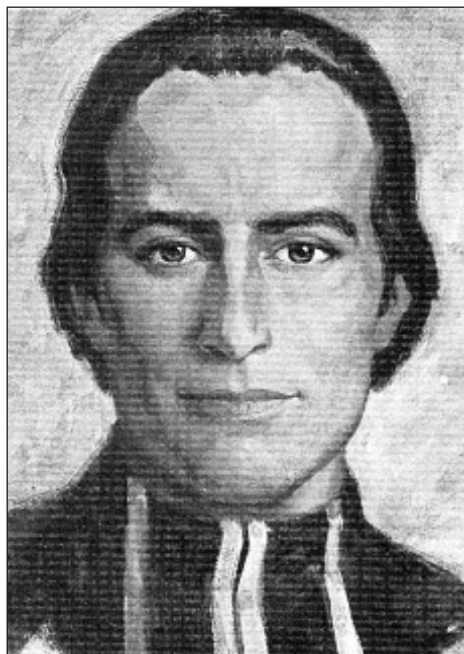
¹⁵ Salmo 113

¹⁶ V e M 138

¹⁷ O.M. 2 Doc 625, 3

tas. Os membros dela vão chamar-se maristas¹⁸. Prometeram trocar correspondência nas férias e cumpriram a palavra.

Marcelino Champagnat seguiu os estudos no seminário Santo Irineu durante dois anos, quando, na festa de Todos os Santos de 1815, foi convidado por Jean-Claude Courveille a entrar na Sociedade de Maria. Champagnat, contudo, era realista. Ele tinha o pensamento de fundar uma congregação de Irmãos ensinantes, ramo não previsto no «plano inicial». Quando se reuniu com os membros fundadores maristas, disse-lhes: «Sempre senti em mim o atrativo particular de estabelecer um instituto de Irmãos; junto-me a vocês de boa vontade e, se o julgarem condizente, vou encarregar-me dessa parte. A minha primeira educação, dizia ele, foi falha. Seria feliz de



São Marcelino Champagnat, padre marista e fundador dos Irmãos Maristas

contribuir em assegurar aos outros as vantagens de que eu próprio fui privado¹⁹. Como essa proposição parecia não receber muita atenção, Champagnat insistia: «Precisamos de Irmãos, precisamos de Irmãos para ensinar o catecismo, para auxiliar os missionários e para dar aula aos jovens²⁰. Não se lhe contestava de que fosse interessante haver Irmãos; mas, como a sua instituição não constava do plano da nova Sociedade, não se ligava à sua insistência em ter Irmãos²¹ mais do que importância secundária. Enfim, disseram-lhe: «Pois bem, encarregue-se dos Irmãos, uma vez que você teve a idéia deles²². Essas palavras, ditas com desencanto e impaciência, fizeram com que Marcelino aceitasse de boa mente a incumbência: doravante, todos os seus votos, todos os seus planos, todos os seus trabalhos não tiveram outro escopo que não fosse a criação dessa obra.

¹⁸ O.M. 2 Doc 591, 7

¹⁹ O.M. 2 Doc 752, 53

²⁰ O.M. 2 Doc 757, 2

²¹ *ibid*

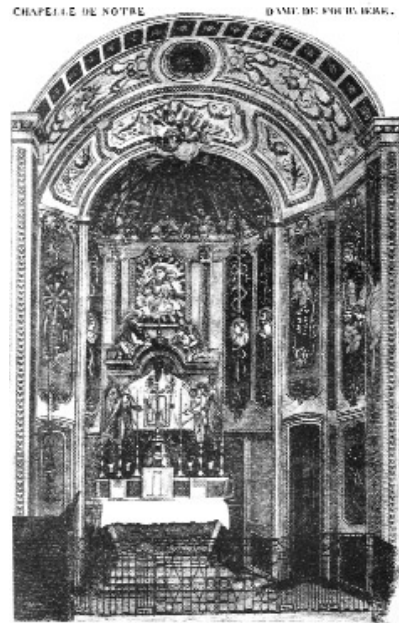
²² *ibid*

A promessa

Por surpreendente que isso pareça, Courveille ainda não fora admitido às ordens sacerdotais. Evidentemente, o registro das ordenações nos mostra que ele não recebeu a tonsura e as ordens menores senão em sete de abril de 1816. Nessa época, Champagnat era já diácono. Ainda assim, Courveille emparelhou com ele em apenas cento e sete dias. Em sete de abril de 1816, recebeu o subdiaconato; em vinte e um de julho, tornou-se diácono e, no dia seguinte, foi ordenado sacerdote com o Pe. Champagnat e os outros. A cerimônia realizou-se na capela do seminário pelas mãos de Sua excelência du Bourg, bispo de New Orleans. Nesse tempo, a urgente necessidade de clero para a França e a idade dos candidatos obrigavam, muitas vezes, a queimar as etapas que conduziam ao sacerdócio.

Na terça-feira, vinte e três de julho de 1816, no dia seguinte da ordenação, exatamente seis semanas depois que o Pe. Bochard aprovou a petição apresentada pelo diretor do seminário maior, que era o Pe. de La Croix, para o estabelecimento da Sociedade da Cruz de Jesus, os primeiros membros da Sociedade de Maria, que haviam assinado a promessa de comprometimento alguns dias antes, subiram juntos ao santuário de Nossa Senhora de Fourvière, para darem uma realidade formal à sua decisão. Eram doze, como doze estrelas circundando a Virgem do Apocalipse²³, doze apóstolos da Igreja dos últimos tempos. A promessa que leva as assinaturas foi colocada entre a pedra do

altar e o corporal; no seu papel de fundador, Courveille rezou a missa, enquanto os demais receberam dele a comunhão. Então se consagraram a Maria, manifestando o seu desejo de criar a Sociedade de Maria, a despeito de quaisquer trabalhos e sofrimentos, em acordo total com o Pontífice romano e com o bispo da diocese, sob a regra pacífica de um rei muito cristão.



O altar da promessa na capela de Fourvière

²³ Apoc 12, 6

Eles declararam: «Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Tudo pela maior glória de Deus e pela honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nós, abaixo assinados, no desejo de trabalhar para a maior glória de Deus e de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, afirmamos e declaramos que temos a sincera intenção e a firme vontade de nos consagrar, desde que isso seja possível, à instituição da mui dedicada congregação dos maristas. Portanto, pelo presente ato e pelas nossas assinaturas, nós nos consagramos irrevogavelmente com tudo o que temos, tanto quanto possível, à Sociedade da Santa Virgem. Tomamos este compromisso não de modo leviano e como inconscientemente, não por motivação humana ou na esperança de ganho material, mas com seriedade e como homens maduros, depois de nos termos aconselhado e de termos pesado todas as coisas diante de Deus, unicamente pela glória de Deus e pela honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Comprometemo-nos, a despeito de todos os dissabores, trabalhos e sofrimentos e, se necessário, a despeito das torturas, dispostos a tudo fazer naquele que reconforta, Jesus Cristo, a quem prometemos fidelidade, no coração da nossa santa Mãe a Igreja Católica e romana, ligando-nos com todas as forças ao chefe supremo da sua Igreja, o Pontífice romano, de igual modo ao nosso bispo, para que sejamos bons ministros de Jesus Cristo, nutridos pelas suas palavras e pela verdadeira doutrina que, por favor seu, recebemos, confiantes de que sob o pacífico e religioso governo do nosso rei muito cristão, esta excelente instituição vai nascer. Prometemos solenemente que nos consagraremos, com tudo o que temos, para salvar, por todos os meios, as almas, sob o mui augusto nome de Maria e sob os seus auspícios, aceitando em todas as coisas o julgamento dos nossos superiores. Louvada seja a santa e imaculada conceição da bem-aventurada Virgem Maria. Amém²⁴».

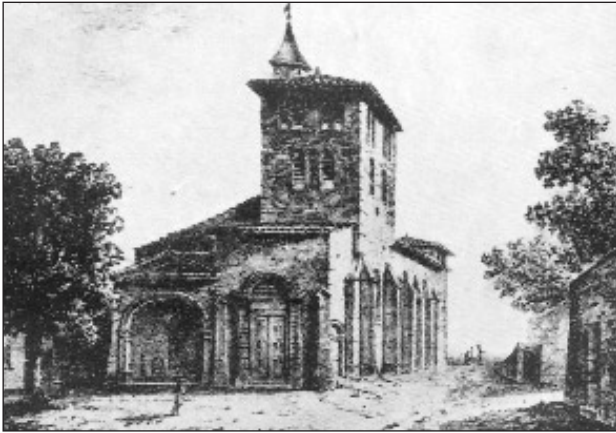
O objetivo da Sociedade, que é a regeneração da França pervertida pelas idéias revolucionárias, devia ser tratada em clima de fim de mundo e na sincera crença na missão escatológica da Sociedade.

Sendo o único documento contemporâneo do projeto marista no seminário de Lião, e sendo a primeira evidência histórica da Sociedade de Maria, essa fórmula merece particular atenção.

O texto contém o ato oficial pelo qual o número dos que assinaram prometiam, com a máxima solenidade, fundar uma congregação votada a Maria, mas sem explicitar o trabalho específico por empreender e sem emitir restrições quanto ao lugar e tempo. Por outro lado, o objeto do projeto é a sal-

²⁴ O.M. 1 Doc 50

vação das almas por todos os meios, sob o nome e proteção de Maria. Para apoiar a sua inserção na Igreja, eles proclamam plena obediência à autoridade do Papa, antes daquela do seu bispo. Há uma diferença de base entre o projeto marista e aquele do Pe. Bochard. A Sociedade de Maria se reconhece hoje neste primeiro exemplo; e o pequeno documento assinado pelos doze seminaristas contém ainda uma das melhores sínteses daquilo que constitui a sua missão e o seu espírito.



*A capela da «Virgem Negra» de Fourvière,
lugar da promessa marista*

tinham pouco que ver com a unidade do projeto total. O documento original, redigido em latim, com o esboço final provavelmente sob a supervisão do Pe. Cholleton, foi colocado sob o corporal na missa celebrada por Courveille na velha capela de Nossa Senhora de Fourvière, em vinte e três de julho de 1816. A promessa de fidelidade ao Santo Padre está aqui explicitamente estabelecida e a encontramos plenamente expressa nas Constituições da Sociedade de Maria.

Todos aqueles que assinaram sabiam muito bem que não tinham até então elaborado um plano e que era do seu dever trabalhar na sua realização o mais brevemente possível. Eles também concordaram em trocar correspondência, a fim de manter entre si a união que haviam formado e de preservar e mesmo robustecer o espírito que os animava.

Depois o grupo dispersou-se. Champagnat foi ser vigário em La Valla, enquanto Colin foi auxiliar o pároco de Cerdon, irmão dele. Courveille foi nomeado professor no seminário menor de Verrières, de fevereiro a junho de 1817; vigário de Bourg Argental, de junho a agosto de 1817; vigário de

O título da promessa é característica do Pe. Courveille e talvez também uma parte do texto. Não se quer com isso sugerir que o esboço final tenha sido preparado por ele. Não houve senão um documento, que foi assinado antecipadamente. A promessa fala de congregação, não de simples associação por fundar e ela devia ser uma Sociedade, não várias. Os diversos ramos, como estavam previstos,

Rive-de-Gier, de setembro de 1817 a outubro de 1819; em seguida pároco administrador de Epercieux. Nestes dois últimos lugares, Courveille ficou em contato epistolar com os seus antigos camaradas de seminário. Além disso, tomou muito a sério o seu papel de fundador e superior da Sociedade de Maria, reconhecido pelo clero das proximidades e pelos que aderiam ao seu projeto, mas nem todos.

O primeiro ramo feminino da Sociedade de Maria

No seu primeiro posto, Courveille não perdeu tempo. Ainda que morando na comunidade dos padres no seminário menor de Verrières e não na casa canônica dos serviços paroquiais, Courveille soube dirigir-se a um grupo de jovens reunidos em uma Associação da Santa Família. Pensou em dirigí-los e fazê-los membros da Ordem Terceira de Maria.

A evidência desse movimento criado por Courveille vem documentada em carta escrita em Verrières em catorze de junho de 1824 pelo pároco. Este escrevia ao Vigário Geral de Lião acerca dessa Associação da Santa Família que ele havia criado no seminário menor de Verrières. Ele queria que o Vigário Geral estendesse os privilégios da Associação às paróquias em que ela podia ser estabelecida. «Desejo dar a essa Associação todo o desenvolvimento possível, visto que não conheço outras em honra da Santa Família. O Pe. Courveille desejava que essa Associação pudesse tornar-se a Ordem Terceira dos Maristas²⁵». Essa tentativa de Courveille deve ter ocorrido no biênio de 1816-1817, quando ele era sacerdote em Verrières, sendo pároco daí o Pe. Meret. Três meses depois de ter escrito essa carta, em setembro de 1824, Meret foi nomeado pároco e teve de deixar Verrières. Nenhum traço ficou nos registros da paróquia. Nada de concreto resultou dos esforços de Courveille para estabelecer a Ordem Terceira.

Em Verrières, Courveille se achou sob a influência da Sociedade da Cruz de Jesus. O Pe. Bochart esperava ainda poder unir a Sociedade de Maria à sua. Pensava que era simples questão de paciência, dado que a sua Sociedade era a única canonicamente reconhecida; nenhuma outra podia ser reconhecida a não ser com a sua aprovação. Ademais, desde 1816, pelo menos dois seminaristas antigos, discípulos de Courveille, haviam retirado a sua assinatura da fórmula marista, preferindo o projeto da brochura intitulada «Piedosos pensamentos». Seria necessário algum tempo para ama-

²⁵ O.M. 1 Doc 105, 1

durecer o efeito de tal exemplo. Por outro lado, o Vigário Geral continuou a favorecer o grupo rival e aproximou Courveille de Champagnat, nomeando-o vigário sucessivamente de Bourg-Argental, de vinte de junho a vinte de agosto de 1817, e de Rive-de-Gier, para o período de dezoito de setembro de 1817 a primeiro de outubro de 1819.

Em meados de setembro, portanto, Courveille, reputado superior da Sociedade de Maria em Lião, recebeu a sua nomeação de vigário de Rive-de-Gier, Loire. A oportunidade o favoreceu, porquanto aí encontrou uma comunidade de «nove moças piedosas», reunidas uns dez anos antes pelo pároco desse setor, o Pe. Lancelot. Essas senhoras dirigiam uma escola de cento e trinta meninas. Tais «Irmãs de Rive-de-Gier» constam em diferentes assentamentos. O ensino é gratuito para sessenta e cobrado para as outras setenta. Uma casa, da qual apenas a terça parte estava construída, pertence a uma das Irmãs. Os rendimentos provêm de legados, de donativos, do trabalho manual, das pensões pagas e de auxílios para doentes. Elas ainda não adotaram Regra; propõem-se fazê-la, logo que os negócios eclesiásticos sejam decididos²⁶. Três dessas senhoras têm diploma oficial de ensino.

O novo vigário ficou extasiado em descobrir nessas moças o núcleo do ramo feminino da Sociedade de Maria. A idéia lhe agradou e o projeto poderia ter sido desenvolvido com facilidade, mas teve a oposição do pároco. «Não estou de acordo, disse ele, que uma nova Ordem se estabeleça na minha paróquia». Se essas moças querem ser religiosas, elas podem sê-lo, na condição de escolherem uma Ordem existente²⁷.

A oposição do pároco e, mais ainda, do Vigário Geral, não permitia nenhuma organização oficial ou canônica. Cumpria pensar em diocese menos hostil para o grupo de Courveille e, assim, com a aprovação do bispo Simon de Grenoble, o Pe. Courveille estabeleceu uma parte da sua comunidade em Saint Clair-sur-Rhône, Isère, onde as Irmãs logo tomaram conta da escola. A transferência realizou-se provavelmente em 1819, quando Courveille foi nomeado para Epercieux.

Sem condizente formação para a vida religiosa, com dificuldades no bom manejo da escola e separadas do seu fundador, as Irmãs Maristas de Saint Clair apresentaram rapidamente o espetáculo de comunidade na maior confusão. É então que Courveille se dirige ao Pe. Colin com pedido de ajuda. Nesse tempo, aparece certa Marie-Thérèse Jotillon, que tinha experiência de ensino e que era conhecida dos dois padres Colin em Cerdon. Respon-

²⁶ O.M. 1 Doc 55, 56

²⁷ O.M. 4 Doc. 876, 5

dendo ao pedido de socorro, ela foi a Saint Clair em companhia da prima Marie Gardet, contribuiu para o melhoramento da escola. Ela ficou aí até que Cerdon se tornou independente da arquidiocese de Lião depois de 1823. Sob a direção do Pe. Jean-Claude Colin, Cerdon, pertencendo agora à nova diocese de Belley, tornou-se Centro Marista. Marie-Thérèse voltou à sua cidade, e aí formou comunidade com a sua amiga Jeanne Marie Chavoïn. As Irmãs Maristas contavam, portanto, com três casas: Rive-de-Gier, Lião; Saint Clair, Grenoble; e Cerdon, Belley.

Jean-Claude Courveille funda os Irmãos em Épercieux

A impossibilidade de organizar o ramo dos Padres Maristas pela oposição da arquidiocese, a obra de Champagnat em La Valla, que conhecia a estagnação das vocações dos Irmãos Maristas, e o êxito parcial das «Filhas de Maria», tudo isso levou Courveille a fundar a sua própria versão dos «Pequenos Irmãos de Maria» na sua nova paróquia de Epercieux. O relatório do inspetor da Academia sobre a escola criada por Courveille em Feurs, mais uma assinatura, eis os únicos documentos que mencionam a existência desses Irmãos.

Quando, na primavera de 1822, em meados de maio, depois de ter inspecionado as escolas dirigidas pelos Irmãos da nova congregação no monte Pilat, isto é, discípulos de Champagnat, o inspetor Guillard se apresentou na cidade de Feurs, de 2.600 habitantes, cidade principal do cantão a que pertencia Epercieux, ele tinha algo a dizer a Courveille «que é considerado aqui como o único Superior geral dos assim chamados Irmãos de La Valla²⁸». No mesmo tempo, Guillard reconhece a verdadeira dimensão da Sociedade de Maria de Lião, ainda que seja clandestina, visto que ela não estava autorizada nem pela arquidiocese nem pelo Rei. Evidentemente, Champagnat não passava de agente do pároco de Epercieux e não era o único. Courveille tinha outros agentes: em Cerdon, em Saint Julien sur Veyle, em Dauphiny, em Arthun, além de outros mais. Sem dúvida, eram os sacerdotes e as Irmãs que compartilhavam o seu sonho e trabalhavam na sua realização. Ele também tinha agente em Feurs. De fato, um dos vigários dessa paróquia, de nome Jacob, era membro da dita corporação «Sociedade de Maria», que parece querer desenvolver-se como rival dos verdadeiros Irmãos da Doutrina Cristã²⁹.

²⁸ O.M. 1 Doc 75, 13-15

²⁹ *ibid*

Nenhum pormenor chegou ao nosso conhecimento no concernente ao eventual noviciado do Pe. Courveille em Epercieux. Sem dúvida, deve ter existido, como anexo à escola de Epercieux, visto que em 19 de fevereiro de 1822, certo Irmão Saint Louis foi testemunha de um casamento nessa cidade e, seis meses depois, uma escola foi aberta em Feurs com apenas um Irmão no começo e em seguida com dois Irmãos.

O inspetor Guillard, o mesmo que foi à escola de Champagnat em Saint-Sauveur, em abril de 1822, prestou conta da sua inspeção da escola de Feurs. Nessa época, o ensino primário era regulamentado pela célebre Ordenação de 29 de fevereiro de 1816, que estabelecia comissões municipais encarregada de supervisionar e de encorajar a instrução primária. Segundo o artigo quatro, o presidente de direito era nomeado pelo pároco da cidade, que devia prestar conta da sua atuação ao Reitor da Universidade. Guillard não demorou em notar que o pároco de Feurs não era um presidente modelo, nem fervoroso no apoio da Universidade. Escreve ele: «O pároco não preenche muito bem as suas funções de presidente e se acha mais de acordo com o pároco de Epercieux, que é Courveille, do que conosco³⁰».

O relatório de Guillard prossegue: «Essa nova escola, aberta em Feurs em vinte e cinco de fevereiro último, primeiro com um Irmão, depois com dois; o segundo chegou umas cinco ou seis semanas depois; a escola está longe de se comparar com as escolas dos Irmãos da Doutrina Cristã. Ainda assim, só com o nome de Irmão ela fez decair as duas outras escolas da cidade que, na verdade, estavam em mãos muito ruins³¹». Certamente esses Irmãos não eram homens geniais, mas a sua reputação era tão grande, que a sua fundação fez com que fechassem aquelas dos docentes leigos, como aconteceu em Saint-Sauveur, com a chegada dos Irmãos de Champagnat. De fato, dos quatro professores arruinados pela escola dos Irmãos em Feurs, «dois, que tinham autorização para ensinar, continuaram a não cumprir os seus deveres religiosos; o terceiro retomou o seu ofício de fabricante de perucas; o quarto consumiu no jogo a fortuna de cinco mil francos³²». Mas o domínio do clero sobre a escola não agradou ao inspetor, porque isso implicava diminuição do controle da Universidade; anotou amargamente: «Deve-se, talvez, lamentar que este cantão não tenha sido inspecionado mais vezes. Parece-me evidente que o clero desta região, mais que alhures, pretende exercer domínio total na instrução e que toma como ímpio tudo o que se

³⁰ O.M. 1 Doc 75, 13-15

³¹ *ibid*

³² O.M. 1 Doc 75, 21

relaciona à Universidade, que ele, aliás, não conhece suficientemente³³».

A visita de Guillard à escola foi uma revelação. Ele ficou consternado com a leitura do regulamento. «O regulamento que li, afixado na dita escola, está repleto de erros da língua e da ortografia. Anotei mais de quarenta em oito artigos que comportam umas cinqüenta linhas. Perguntei quem o havia redigido. O primeiro Irmão respondeu que foi o pároco de Epercieux. Esses Irmãos me parecem por demais jovens³⁴». Guillard notou que, contrariamente aos Pequenos Irmãos de Champagnat, aqueles do Pe. Courveille se valiam de modelos de escrita impressos e que, em vez da batina preta de La Valla, os Irmãos de Epercieux vestiam batina azul celeste, cor de Maria. O inspetor Guillard nos informou então que, como o vigário de La Valla, Courveille havia fundado também Irmãos Maristas.

Embora Courveille seja talhado para sermões animados e eloqüentes, parece que os escritos dele não constituem a sua especialidade. Duas cartas autógrafas, conservadas nos arquivos maristas, testemunham a afirmação. Notamos que Courveille havia esboçado uma Regra para os seus Irmãos e que, contrariamente às práticas de Champagnat, ele se valia de modelos impressos. Para Guillard os dois Irmãos pareciam demasiado novos. Segundo o inspetor, o recém-chegado, isto é, o segundo Irmão, não sabe dizer nada nem nada fazer. Ferido pelas observações do inspetor, o primeiro Irmão entregou alguns segredos. Confessou-me que está arrependido de não ter ido procurar os verdadeiros Irmãos de Lião e que está com vontade de executar tal anseio. Ele está insatisfeito, reconhecendo que essa instituição não se sustentará³⁵. «Em suma, esse Irmão já não era sujeito de confiança para Courveille. No ano seguinte, em 1823, Poupar, outro inspetor, registrou que em Feurs não havia encontrado os Irmãos do Pe. Courveille, mas algum grupo de outros Irmãos, que os haviam substituído.

O inspetor Guillard não sabia o que deveria recomendar no concernente aos Pequenos Irmãos de Maria que havia encontrado nas suas viagens. Terminou por não optar nem escolher, deixando ao Pe. Régel, seu superior, o cuidado de examinar, na sua sabedoria, se não seria mais prudente discutir tais coisas com o Conselho Real, solicitando dele alguma decisão, antes de tomar iniciativa em favor da nova congregação ou contra ela³⁶».

Na primavera de 1823, o inspetor Poupar, em visita aos Pequenos Irmãos do Pe. Champagnat, examinou o relatório do seu colega Guillard acerca dos

³³ O.M. I Doc 75, 15

³⁴ O.M. I Doc, 75, 16

³⁵ O.M. I Doc 75, 16

³⁶ O.M. I Doc 75, 19

Pequenos Irmãos do Pe. Courveille. Era a a sua vez de ficar desconcertado. Não eram dois, mas três Irmãos; não dependiam nem do pároco de Epercieux, nem do vigário da La Valla, mas de Benoît Grizard, Irmão que abandonara a batina, se estabelecera em Charlieu³⁷ com a devida autorização, onde também continuava dirigindo um noviciado



A casa de La Valla comprada por Champagnat e Courveille

anexo à escola comunal. Irmãos desse tipo também se encontram em Pannissières, pequena cidade de três mil habitantes. Pouco tempo depois, Grizard aceitou de unir o seu grupo àquele da Sociedade da Cruz de Jesus. Grizard estava em Lião para entrar em acordo com o Pe. Bochart, que consentiu em pagar dívidas não muito honrosas, contraídas em Charlieu; Bochart se declara fundador dessa nova corporação³⁸. Esse fato explica a reflexão de Poupar que havia encontrado os Irmãos de Bochart em Feurs.

Bochart já tinha voltado o olhar à Sociedade de Maria, que ele seriamente desejava incorporar desde o começo. Como vimos, da dezena primordial de futuros Padres Maristas pelo menos dois, Pousset e Verrier, já se haviam unido à Sociedade de Bochart.

O Pe. Champagnat mantinha contatos regulares com Courveille, que ele considerava o seu Superior. No cenário de La Valla, onde trabalhava, o jovem vigário, depois de muitos problemas com o pároco, comprou uma casa e uma horta para os Irmãos, em outubro de 1817, com o auxílio de Courveille, tornando-se co-proprietários. A venda fez-se parcelada, paga por ambos em partes iguais, na suposição de que tomariam posse segundo tal proporção.

³⁷ O.M. 1 Doc 86, 1

³⁸ *ibid*

Sociedade de Maria na situação de 1818

Em 1818, assim, a Sociedade de Maria, pelo fato de estar em competição com a Sociedade rival, fundada pelos responsáveis da arquidiocese, não tinha ainda existência canônica e não podia esperar obtê-la em futuro previsível. Ademais, os futuros Padres Maristas estavam disseminados pela imensa arquidiocese de Lião, que compreendia três Departamentos: Ain, Rhône e Loire. A seu chefe Jean-Claude Courveille havia sido solicitado que unisse os seus discípulos à Sociedade da Cruz de Jesus, pedido liminarmente recusado, arriscando, desse modo, a desagradar profundamente ao Vigário Geral Bochart.

Em La Valla, perto de Saint-Chamond, Marcelino Champagnat havia conseguido formar o ramo dos Pequenos Irmãos de Maria que, já em 1818, ensinavam nas comunas rurais de La Valla e Marlhès.

Em Cerdon, departamento de Ain, Jean-Claude Colin empenhava todo o seu esforço na tentativa de realizar o sonho marista. Ele incitou seu irmão Pedro, pároco de Cerdon, a se unir aos maristas e trabalhou com persistência em redigir a Regra da futura congregação dos padres. Nesse período, Courveille mantinha contato com esses homens da distante região nordeste da vasta arquidiocese.

Contatos com Puy e com Roma

Para furtar-se à jurisdição dos responsáveis da Igreja de Lião, Courveille e os dois Colin decidiram procurar refúgio no Alto-Loire, outra diocese, visto que aí Nossa Senhora de Puy havia dado a Courveille a missão de fundar a Sociedade de Maria. Não podendo deixar a diocese sem permissão especial, eles escolheram como intermediária Jeanne Marie Chavoïn, que visitou Puy e escreveu ao Vigário Geral dessa diocese. Em carta de 27 de novembro de 1821, o Vigário Geral ofereceu à Sociedade de Courveille as missões interiores da diocese de Puy por um ano, se eles obtivessem da arquidiocese de Lião a permissão de vir. Em conseqüência do fracasso desse projeto, já que não esperavam obter a licença de partir, os futuros maristas, na sua situação extrema, decidiram dirigir-se à «Cúpula».

Na impossibilidade de iniciar a Sociedade em Puy, bloqueados por Bochart em Lião, os candidatos a Padres Maristas se voltaram para Roma. A primeira

carta, de sete de fevereiro de 1819, não logrou resposta. Assim, planejaram dirigir-se à cidade eterna. O Pe. Déclas diz-nos: «Pedimos que Bochard fosse a Roma. Aí tudo mudou. Bochard, encorajando-nos, tinha planos muito diferentes dos nossos. Então começou a guerra. À oposição dos superiores juntava-se a perseguição. Os dois Colin foram chamados «jansenistas»; eu fui declarado louco³⁹. Ainda assim, cheios de esperança, procuramos a opinião do bispo de Pignerol Bigex. Este havia sido administrador da arquidiocese de Lião e gozava de reputação de sabedoria prática. Era alguém a que os futuros maristas podiam dirigir-se e dele receber sólido conselho. Seguindo a opinião de Bigex, eles tornaram a escrever a Roma. A carta, assinada por Courveille e pelos dois Colin, foi enviada ao Cardeal Pacca, prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares. Não receberam nenhuma resposta.

Essas cartas dirigidas a Roma indicam a posição de Courveille no movimento marista daquele momento. Temos as palavras de Colin a Mayet acerca disso: «Se o nome dele, Courveille, apareceu em certos documentos, é que a Sociedade parecia ser conhecida sob o seu nome e que a prudência parecia exigi-lo⁴⁰». Evidentemente, nessa etapa do desenvolvimento dos maristas, Courveille constituía personagem importante, alguém cujo lugar na história dos começos da Sociedade de Maria não poderia, mais tarde, ser contestado.

No final de 1819, pensaram enviar outra carta, endereçada, desta vez, ao Papa. De novo tornaram a pedir conselho ao bispo Bigex. Ele concitou-os a fazê-lo. Courveille preparou a carta, mas o texto foi considerado «irrecebível». Os Colin o puseram de lado. Eles compuseram outra carta, diferente, que foi assinada pelos três. Depois do nome de Courveille apareciam as letras s.p.g. Era evidente que Courveille estava convencido do seu direito de ser considerado como o Superior Geral da Sociedade de Maria. A carta traz a data de 25 de janeiro de 1822. Courveille não deveria estar em Cerdon para assinar a carta. Certo documento de cerimônia fúnebre, assinado por Courveille em Epercieux, tem a mesma data. Não sabemos se ele assinou a carta antes ou depois desta data⁴¹; mas sabemos que, dessa vez, eles obtiveram resposta.

A resposta do Papa foi enviada a Courveille, mas o endereço era o de Cerdon. A carta não foi enviada a Courveille, porque ele era pouco conhe-

³⁹ O. M. 2 Doc 551, 6

⁴⁰ O.M. 3 Doc 806, 9

⁴¹ O. M. 1 Doc 70

cido nesta região, pelo que optou-se por indicar como destinatário postal o pároco de Cerdon. «No dia em que os Colin receberam a resposta de Roma dirigiram-se à igreja paroquial para agradecer a Deus⁴²».

O fato de que o endereço de Cerdon estava claramente indicado na carta do pedido mostra a possibilidade de alguma combina entre os três sacerdotes, para que a carta fosse aberta por aquele que a recebesse. Mais tarde, os Colin deram a carta a Courveille. Eles lamentaram o que haviam feito; mas estavam convencidos de que Courveille estava louco na maneira como se valeu da carta. Pedro Colin escreve: «Ah, como ele nos fez sofrer. De posse do precioso documento, por certo tempo, ele o mostrava por toda a parte, mesmo nos meios públicos de transporte. Chegou a sujá-lo com os dedos. Maneirosamente, logramos subtrair-lhe o documento. Quando vinha a Cerdon, nós o deixávamos em segurança nalgum lugar, para podermos dizer que não o tínhamos. Que teria acontecido com o documento nas suas mãos⁴³? O pretexto de tomar-lhe a carta certamente se prendia à necessidade que tinha Jean-Claude Colin de apresentar o original da carta pontifícia, quando fosse ter com o Núncio de Paris, visto que o jovem Colin foi escolhido para representar os maristas na capital da França.

«*Dilecto filio cognominato Courveille*» era a inscrição latina da missiva papal. O conteúdo da comunicação era um convite a Courveille ou a um dos seus companheiros de falar ao núncio de Paris. Qual deles aceitaria a incumbência? Se eles tivessem podido ver o futuro dessa semente, e ver que grãos vingariam, teriam aprendido que aquele que fizesse a viagem seria quem dirigiria os negócios maristas, pelo menos com a Igreja oficial.

Courveille era de manifesto o chefe do movimento marista, sobretudo aos seus próprios olhos. Ainda assim, era o jovem Colin que havia redigido a Regra dos futuros Padres Maristas, Regra que podia ser apresentada como base de discussão com o Núncio Macchi e seus conselheiros. Além disso, era Jean-Claude Colin o principal responsável da carta de Roma. Jean-Claude Colin, ademais, era o único que não tinha a responsabilidade de paróquia. Talvez Courveille sentisse que a direção dos negócios se lhe escapava das mãos. Pode supor-se que ele tenha deflagrado áspero debate. Seja como for, acordaram em que Jean-Claude Colin iria a Paris. Foi nessas negociações que

⁴² O. M. 2 Doc 689

⁴³ O. M. 2 Doc 689, 7

os Pequenos Irmãos de Courveille passaram, junto com a sua escola de Feurs e provavelmente com a de Panissières, ao controle do Pe. Bochart.

Efeitos da divisão da Arquidiocese

Uma decisão de Roma nesse período teve forte impacto nos negócios dos futuros maristas. Em janeiro de 1823, a imensa arquidiocese de Lião foi dividida; uma parte tornou-se a nova diocese de Belley. Os padres Colin e os seus associados pertenciam à nova diocese; assim, eles foram separados dos companheiros maristas do sul. Uma carta do Pe. Colin ao bispo de Belley, com data de dez de maio de 1824, fornece-nos uma prestação de contas da sua viagem a Lião para obter a permissão de implantar a Sociedade de Maria nessa diocese. Uma parte da carta mostra que Colin, contrariamente a Champagnat, já não reconhece Courveille como Superior Geral: «O Pe. Barou disse-me que nada impediria que se pudesse estabelecer duas casas ao mesmo tempo, uma em Belley e outra em Lião, bastando para isso que fosse nomeado um Superior Geral em pleno acordo com os bispos de Belley e de Lião⁴⁴. Respondi que ficaríamos muito honrados, se o primeiro Superior Geral nos fosse outorgado pelas excelências episcopais de Belley e de Lião». No espírito de Colin, o primeiro Superior Geral seria o Pe. Cholleton, Vigário Geral de Lião.

Após a criação da diocese de Belley pela divisão da imensa arquidiocese de Lião em 1823, e após a chegada do bispo de Pins à arquidiocese de Lião, acontecida em 1824, Champagnat, tendo recebido a aprovação do novo prelado, continuou com maior zelo ainda, visto que havia sido obrigado a tentar conciliar o seu trabalho com a fundação dos Irmãos ensinantes na época de Bochart. A saída do Pe. Seyve de La Valla, onde tinha sido vigário com Champagnat, levou este último a procurar ajuda. Aconselhado pelo Pe. Gardette, superior do seminário maior, Champagnat solicitou ao Conselho do arcebispado o Pe. Courveille para auxiliá-lo.

Courveille era o homem predestinado por Nossa Senhora de Puy para fundar a Sociedade de Maria, «grupo predestinado, escolhido nesses tempos de impiedade e de incredulidade⁴⁵». Desde 1817, esse fundador era com-

⁴⁴ O. M. 1 Doc 100, 5 - 6

⁴⁵ O. M. 2 Doc 718, 5

proprietário de La Valla e ele próprio havia tentado fundar Irmãos em Epercieux. Courveille não escondeu ao inspetor Guillard que só ele era o superior dos assim chamados Irmãos de La Valla⁴⁶. Desse modo, sem nenhuma dificuldade, a administração diocesana o autorizou a deixar a sua paróquia. «Dado que Epercieux é de discreta importância e próxima de outras igrejas, Courveille, que é pároco em exercício, é autorizado a ir em auxílio de Champagnat na sua instituição dos Irmãos das Escolas⁴⁷».

No dia subsequente ao parecer desse Conselho, Courveille se encontrou com Champagnat em Saint-Chamond, com o fim de comprar o terreno para l'Hermitage de Notre Dame, que seria a casa-mãe e nova casa de formação dos Irmãos Maristas. Eles compraram 206 ares entre bosques, rochedos e descampados no vale do Gier, num lugar chamado Les Gauds, entre La Valla e Saint Chamond. A venda foi decidida pelo montante de cinco mil francos, pagáveis em prestações corridas a Pierre Marie Montelie, vendedor, no prazo de um ano, a partir deste dia, com juros de 4%. Compras suplementares em julho e outubro do mesmo ano, na importância de seiscentos francos, adicionaram à propriedade 67 ares, o todo somando pouco mais de



L'Hermitage de Notre Dame, Casa-mãe dos Irmãos Maristas

⁴⁶ O. M. 1 Doc 75, 13

⁴⁷ O. M. 1 Doc 101, 3

dois hectares e meio. Courveille era co-proprietário, meio a meio, deste terreno com o de La Valla.

As construções na nova propriedade começaram logo. Ao passo que Champagnat, com o título de “Padre Diretor”, se ocupava na edificação do noviciado, Courveille, com o título de padre superior geral, ocupava-se de assuntos menos materiais. Ambos os títulos foram cunhados por Courveille.

O PROSPECTO DE COURVEILLE

Enquanto Champagnat trabalhava no fundo do vale com as mãos, Courveille, no alto de La Valla, pôs-se a trabalhar com a pena. O primeiro trabalho foi a redação de um prospecto. É interessante ler com atenção as suas declarações e denúncias introdutórias. «A instrução cristã hoje está negligenciada inteiramente nas zonas rurais, ou substituída pela instrução anti-cristã. No inverno, homens sem moral e sem religião, pelo seu procedimento imoral, discursos ímpios e livros corrompidos, difundem a irreligião e os sentimentos antimonárquicos na região agrícola, em que há menos policiais. Para remediar a tão grande mal e para expulsar esses professores ímpios, esses inimigos da boa ordem da sociedade cristã e da monarquia, professores piedosos, consagrados a Maria, sob o nome de Pequenos Irmãos Ignorantes (sic), vão aos pares a essas regiões pobres, onde os Irmãos de La Salle não podem ir por falta de recursos⁴⁸». Esse primeiro texto era tão veemente e extremista, tão parecido àquele da oratória dos missionários do setor, que o Vigário Geral Cholleton, que Colin sempre desejou para primeiro Superior Geral da Sociedade, houve por bem amenizá-lo; em dezoito de julho de 1824, permitiu que fosse impresso.

O prospecto apareceu como panfleto dobrado em dois, impresso em três páginas, levando na última página um distintivo de cor preta. Representa o busto de Nossa Senhora sobre pedestal com o Menino Jesus abençoando com a sua mão direita e estranhamente sentado no braço esquerdo da mãe. Seria porventura a efigie de Nossa Senhora de Puy do escultor Tholnance, onde o jovem Courveille, em 1809, foi curado e onde lhe teria sido revelada a sua missão? Em baixo há a inscrição «Sociedade de Maria»; ao redor da sua cabeça se acha a coroa de estrelas da mulher do Apocalipse; mas

⁴⁸ O. M. 1 Doc 108, 1

uma estrela está faltando. De qualquer forma, não há nenhuma dúvida do apego particular de Courveille à Mãe de Deus.

Depois de louvar os Irmãos de La Salle aos quais se confia «a educação dos mais favorecidos⁴⁹», o artigo assinala seus limites: eles não podem formar comunidades com menos de três, e o custeio dos seus estabelecimentos é considerável; segue-se que a maior parte das comunas, principalmente aquelas da região rural, não podem gozar desse tipo de educação⁵⁰. Assim, para obviar a esse inconveniente, formou-se um estabelecimento de professores primários com o nome de «Pequenos Irmãos de Maria». Depois desse preâmbulo, o prospecto versa duas questões: as condições de admissão no novo instituto e as condições de abertura de uma escola.⁵¹

Os jovens que desejam abraçar esse estado de vida serão recebidos a partir dos quinze anos até os trinta, desde que saibam ler, escrever razoavelmente e que tenham um atestado de bons costumes e de vida correta⁵². O noviciado é de dois anos, pelo qual os noviços pagarão quatrocentos francos. Aqueles que já receberam uma parte da sua herança a entregarão na sua chegada, com a garantia de que o montante lhes será restituído, no caso de abandonarem o noviciado. Enfim, devem ter enxoval suficiente: 12 camisas, 6 toalhas, 4 pares de lençóis, 12 lenços, 2 pares de sapatos e o seu hábito de entrada em religião, que era azul, cor de Maria.

Os Pequenos Irmãos iam às paróquias rurais em número de dois ou três, mas o seu salário era apenas dois terços do salário dos Irmãos das Escolas Cristãs. O terceiro Irmão era geralmente noviço que, ao deixar a casa de formação, preparava as refeições para a comunidade e, após esta função, se exercitava no ensino sob a orientação do Irmão encarregado da aula dos mais novos. Contrariamente aos Irmãos da Instrução Cristã, da Doutrina Cristã ou de São José, tinham a sua própria casa e não viviam no presbitério.

Para uma escola de duas aulas, os Irmãos de La Salle enviavam três Irmãos, dois para o ensino e um para os trabalhos da casa. Custavam 1.800 francos, 600 cada um. Para abrir uma escola, as autoridades deviam pagar o noviciado de cada Irmão, 1.800 francos. Para a roupa, viagens e móveis da sua moradia, a municipalidade devia pagar 3.600 francos. Assim, o total atingia

⁴⁹ ibid

⁵⁰ ibid

⁵¹ ibid

⁵² Ibid, parágrafo 3

7.200 francos para o primeiro ano, e 1.800 francos para cada um dos anos seguintes.

Para uma escola de duas aulas, os Pequenos Irmãos de Maria enviam também três Irmãos: dois professores para o ensino e o noviço para a cozinha. O seu salário anual é de 400 francos para cada Irmão. Nada se pede pela formação dos Irmãos, nem pela roupa ou pelas viagens. Pediam uma casa convenientemente mobiliada, um jardim para o descanso dos Irmãos e pátio para o recreio dos alunos.

Desse modo, uma fundação dos Pequenos Irmãos de Maria atingia 1.200 francos em dinheiro; o resto podia ser fornecido em frutos e coisas, algo conforme à psicologia rural do tempo. Em suma, o custo da abertura de uma das suas escolas era muito menor que a abertura comparável dos Irmãos das Escolas Cristãs. Ademais, a soma anual paga baixava para 800 francos, se a comuna tinha necessidade de apenas uma aula e de dois Irmãos. Finalmente, havia uma inovação característica de todas as novas congregações de Irmãos ensinantes do século XIX, inovação firmemente recusada pelos Irmãos de La Salle, por causa do seu voto de ensinar gratuitamente: o distrito podia recorrer a gastos escolares pagos pelos alunos, para fazer face à totalidade ou a uma parte das despesas dos Irmãos.

As matérias ensinadas pelos Pequenos Irmãos de Maria se limitavam ao catecismo, à leitura, à escrita, à aritmética, aos princípios da gramática francesa, ao canto de igreja e à história sagrada. Naturalmente eles praticavam o método simultâneo, na linha dos Irmãos de La Salle.

O prospecto de julho de 1824 concluía com uma nota completamente original: «Os Pequenos Irmãos de Maria contam tanto com as orações dos fiéis como com a sua liberalidade⁵³». Não se podia exprimir mais sucinta e mais discretamente que a escola cristã se baseia em plano sobrenatural, mas temos necessidade tanto da graça divina quanto de dinheiro.

Courveille e os Padres e Irmãos Maristas

Na mesma época, Courveille estava ocupado com o desenvolvimento dos outros ramos da Sociedade de Maria. Assim, ficamos sabendo pela carta

⁵³ *ibid* parágrafo 14

de um sacerdote as primeiras tentativas de Courveille relativas a uma Associação da Santa Família em Verrières, da qual Courveille queria fazer a Ordem Terceira dos Maristas⁵⁴. Isso se passava na primavera de 1824. Como vimos, tal empreitada gorou completamente.

De La Valla, em 1824, era fácil para Courveille ocupar-se dos ramos das Irmãs, seja em Saint Clair-sur-Rhône, seja em Rive-de-Gier. Essas Irmãs desejavam a aprovação da sua Regra que as autoridades arquidiocesanas lionesas haviam reconhecido provisoriamente em vinte e oito de julho de 1824.

Nesse mesmo ano, o ramo principal da Sociedade, que é o dos padres, disseminados em várias dioceses, quase não avançava. Courveille procurava agora organizar esse ramo na diocese lionesa, em combinação com o noviciado dos Pequenos Irmãos de Maria. Dois grandes centros eram previstos, no sul e no norte do departamento de Loire, cada um compreendendo noviciado para os Irmãos do ensino e «casa para os padres missionários que se destinavam a auxiliar os diversos párocos e coadjutores que o desejassem no exercício do seu ministério evangélico⁵⁵». No sul, com o auxílio financeiro do bispo de Pins, l'Hermitage de Notre Dame, perto de Saint Chamond, estava em construção. No norte, Courveille projetava solicitar ao arcebispado que pusesse à disposição da Sociedade de Maria as vastas edificações do seminário de Charlieu para tal fim e para uma escola primária. Se um noviciado de Irmãos e um centro para sacerdotes aí se estabelecessem, a cidade concederia um auxílio anual de quatrocentos francos durante quatro anos. De fato, isso não se realizou; no período da restauração dos Reis Bourbons, de 1814-1830, a Sociedade teve apenas o noviciado dos Irmãos e uma residência dos sacerdotes na arquidiocese. Em l'Hermitage, Champagnat com os seus Irmãos construía, apesar das zombarias do clero local.

Ao passo que Champagnat se consagrava à construção da casa de Notre Dame de l'Hermitage, subindo a La Valla apenas nos sábados para ouvir confissões e rezar a missa dominical, Courveille exercia a sua função de Superior. A fundação dessa escola de Charlieu o mostra em plena ação.

⁵⁴ O. M. 1 Doc 105, 1

⁵⁵ O. M. 1 Doc 120, 14

Fundação em Charlieu, novembro de 1824

A arquidiocese de Lião, tendo instituído a educação primária desde nove de abril de 1824, tinha recebido um pedido de Irmãos ensinantes da parte do Conselho municipal de Charlieu. O Vigário Geral Cholleton respondeu pontualmente; solicitou o que a cidade propunha e declarou que três Irmãos de La Valla estariam em breve disponíveis. Evidentemente o prefeito Ducoing respondeu sem delongas a Cholleton.

Infelizmente, o prefeito não recebeu a carta antes da chegada dos três Irmãos, acompanhados de Courveille, o «fundador dessa congregação», na palavra de Ducoing, prefeito, aos membros do Conselho municipal. A cidade não estava absolutamente preparada.

Courveille não ficou nada contente. Ferido na sua dignidade, ele disse ao prefeito «que não podia deixar os seus Irmãos com retribuição tão baixa, que lamentava ter feito esta dispendiosa viagem, que retornaria com os seus Irmãos e que se, mais adiante, a cidade tornasse a pedi-los, talvez ele não tivesse condições de concedê-los⁵⁶. Courveille entregou ao prefeito um prospecto em que consta o modo da instalação dos Irmãos nas comunas. Ducoing relatou aos seus conselheiros que ele havia prevenido Courveille de que se entendesse com o administrador da arquidiocese, quanto a pôr à disposição dele, Courveille, as imensas edificações e jardins que o seminário possuía na cidade. Nesses imóveis haveria espaço mais do que suficiente para estabelecer os centros desejados por Courveille.

A chegada inoportuna dos três Irmãos e de Courveille indicava claramente que alguém havia cometido erros. É evidente que o Conselho da cidade, havendo solicitado os Irmãos, nada preparou para acolhê-los. Cholleton havia agido com base nas instruções do Conselho arquidiocesano; o acordo previa que o prefeito devia escrever, para conhecer as condições desse pedido. O Vigário Geral entrou em contato com os Irmãos de l'Hermitage, porque o prefeito tinha dito ao Conselho que Cholleton lhe havia escrito nos termos seguintes: «Escreveram-me de La Valla que os três Irmãos que pedimos para as pequenas escolas de Charlieu poderão partir na semana próxima. Se Vossa Senhoria quer colocá-los na casa do seminário, basta que se entenda com o capelão Crétin. Nós enviaremos os Irmãos tão logo rece-

⁵⁶ O. M. 1 Doc 120, 7

bamos a vossa resposta⁵⁷». Cholleton, ao responder ao prefeito em nome do Conselho arquidiocesano, foi talvez demasiado otimista quanto ao sucesso das autoridades da cidade para obter a propriedade desejada, sobretudo porque o capelão encarregado dessa propriedade da Igreja afirma ao prefeito que ele não havia recebido nenhuma instrução no sentido de autorizar o uso do imóvel pelos Irmãos. Pode ser também que Cholleton devesse dissuadir Courveille e os Irmãos de se instalarem; honestamente, não sabemos se ele estava a par da partida deles.

As coisas simplesmente se precipitaram. Cholleton não tinha recebido a resposta do prefeito; o capelão não tinha recebido instruções; Courveille respondeu prontamente ao prefeito. Parte da culpa vai a Cholleton; parte vai ao prefeito; talvez outra parte se deva ao serviço postal. Por certo, grande parte da culpa cumpre atribuir a Courveille. Ele queria ardentemente tal abertura de escola. Além de ser mais uma escola para os Irmãos, isto é, os Irmãos de Champagnat, a fundação de Charlieu teria servido sobretudo às ambições de Courveille. As palavras do prefeito, citadas acima, constituem prova suficiente. O estabelecimento de uma escola de Irmãos teria aberto o caminho às suas fundações suplementares, que Courveille tinha no espírito: uma segunda casa de noviciado e de formação para os Irmãos Maristas e um estabelecimento para os futuros sacerdotes maristas. O entusiasmo de Courveille estava ainda nisso, tentando transformar o sonho em realidade.

Sobrecarregado pela construção de l'Hermitage e pelos mil e um pormenores inevitáveis, ainda não inteiramente liberado dos seus serviços paroquiais, Champagnat estava por certo contente em deixar que Courveille dirigisse a casa. Demonstrando claro sinal de humildade e respeito pela autoridade, Champagnat ficou fora dos arranjos para Charlieu, deixando atuar Courveille. Podemos estar convictos, no entanto, de que Champagnat não perdeu de vista a situação, em favor do bem-estar dos Irmãos, que ele tanto amava. Em La Valla e, mais tarde, em l'Hermitage, Courveille desempenhava o papel de Superior geral com a maior confiança e reivindicava o título. Champagnat decidiu não desafiá-lo.

Mais tarde, o prefeito Ducoing, dirigindo-se ao seu Conselho municipal, dizia: «Quero que apreciem todo o bem que este estabelecimento pode fazer nesta região e dêem a sua opinião sobre as proposições que o Pe. Courveille

⁵⁷ O.M. 1 Doc 120, 4

apresentou. Depois da saída desse sacerdote, soube do senhor Crétin que o projeto era de entrar em acordo com o administrador da arquidiocese, para colocar à disposição de Courveille a totalidade das imensas edificações que o seminário possui nesta cidade, com o fim de aí estabelecer, além da escola primária, um noviciado para os Pequenos Irmãos de Maria e um centro para os sacerdotes missionários que se destinam a ajudar, no exercício do seu ministério evangélico, os diversos párocos e vigários que o desejarem.

«Esse projeto parecia tão vantajoso, que um pároco do cantão vizinho já ofereceu para a formação desse estabelecimento cem pinheiros para as construções e reformas necessárias. Mas, para o êxito desse projeto, Courveille pede uma soma anual de quatrocentos francos, durante quatro anos. Queiram levar em consideração também essa proposição.

«Além disso, vou entretê-los ainda com um projeto relativo à mesma finalidade. O senhor chefe departamental, em consequência da deliberação de doze de abril último, creditou, no orçamento de 1824, a soma de trezentos francos ao senhor Grizard, professor de nível primário. Grizard fechou a sua escola e desapareceu em fim de junho ou no começo de julho. Fazia jus apenas à metade do salário a ele creditado. Mas Grizard, antes de partir, apossou-se da mobília da escola, em grande parte oferecida pela população daqui. Ora, os habitantes de Charlieu, subscrevendo a doação, deram o seu contributo ao estabelecimento e não à pessoa do professor Grizard. Ele, portanto, apropriou-se do que lhe não pertencia.

Em face disso, proponho-lhes que solicitem autorização para que, como uma justa compensação, se retenham 150 francos devidos a Grizard e que, somados à outra metade do que se lhe creditou, tudo se credite ao Irmão Louis Audras, diretor da escola dos Pequenos Irmãos de Maria de l'Hermitage, estabelecida em Charlieu desde o começo deste mês, como ajuda a este estabelecimento que se apresenta de maneira tão favorável e vantajosa para a cidade⁵⁸. Os Conselheiros municipais deliberaram sobre isso em 26 de novembro e aceitaram a proposta do prefeito. As suas conclusões se concretizaram nas seguintes resoluções:

1. A escola primária de meninos de Charlieu será dada aos Pequenos Irmãos de Santa Maria de l'Hermitage, sob a direção daquele que for nomeado pelo Pe. Courveille, fundador dessa congregação.

⁵⁸ O. M. 1 Doc 120, 13-17

2. Serão admitidos gratuitamente na dita escola de vinte e cinco a trinta meninos tomados no estrato social indigente.

.....

6. Se o Pe. Courveille estabelecer, nas edificações do seminário de Lião, situado em Charlieu, o noviciado dos Pequenos Irmãos de Santa Maria e o estabelecimento dos sacerdotes missionários, a cidade pagará, durante quatro anos, uma soma anual de quatrocentos francos.
7. Enfim, a soma de trezentos francos, creditados, no orçamento de 1824, a Grizard, professor de nível primário, sejam atribuídos ao Irmão Louis Audras, diretor atual da escola, para facilitar o pleno funcionamento do estabelecimento”⁵⁹.

Desse modo, por instigação de Courveille, Charlieu tornava-se um segundo centro marista de Lião, com escola primária, noviciado dos Pequenos Irmãos de Maria, ademais da residência dos sacerdotes maristas. Durante esse tempo, no estreito vale de Gauds, graças à coragem de Champagnat, Notre Dame de l’Hermitage prosseguia em construção. Quanto a Charlieu, a única realização tangível era a escola primária, dirigida pelos Irmãos de Champagnat. Todos os outros projetos que Courveille havia imaginado tiveram vida efêmera.

Atividades na diocese de Belley

Por essa época, os sacerdotes Colin em Cerdon, que o Pe. Déclas reunira há pouco, em oito de dezembro de 1824 procediam à tomada de hábito de oito ou nove Irmãs de Maria. É interessante notar que Courveille foi convidado por Colin para assistir à cerimônia oficial da vestição das Irmãs, mas não foi convidado a presidi-la. Essa carta indica a distância crescente entre os dois homens, porque Colin, como veremos, estava irritado com Courveille acerca de diversos assuntos.

«Acabo de fazer uma viagem a Lião, onde tive a honra de visitar o senhor bispo Administrador. Entretive-me com ele sobre os trâmites feitos em favor da obra, como a questão da Regra, as cartas a Roma e ao Núncio que Vossa

⁵⁹ O. M. 1 Doc 120, 23



O bispo de Pins, administrador apostólico da Arquidiocese de Lião

Senhoria assinou, em que tratávamos da constituição da Sociedade. Eu lhe disse que as cartas estavam com o bispo de Belley, assim como os demais documentos e regras da Sociedade, e que foi o senhor Núncio quem tudo entregou ao bispo de Belley. O senhor Administrador ficou um tanto surpreso, visto que me disse que não sabia nada disso.

Bem sabe Vossa Senhoria que somos três aqui, com Déclas, desde primeiro de novembro. Penso que o nosso número vai aumentar em breve. Começaremos a fazer algumas incursões apostólicas no mês de janeiro. Enfim,

vamos ter bela cerimônia no dia oito de dezembro próximo, festa da Imaculada Conceição, vamos dar o santo hábito e o véu a oito ou nove Irmãs da Congregação de Maria. É a primeira cerimônia da Sociedade. Esperamos que Vossa Senhoria nos dará o prazer de comparecer. Esperamo-lo os três e, no aguardo, abraçamo-lo de todo o coração. Saúde por nós a Champagnat.

Sou, com profundo respeito, o seu humilde e obediente servidor.

Colin, sacerdote». ⁶⁰

O tom frio de Colin na primeira parte, sem dúvida, deriva da sua cólera contra Courveille pelo modo como tratou a carta do Papa e, talvez ainda mais, pelo fato de que Courveille, estando na arquidiocese de Lião, nada dissera para informar de Pins sobre os projetos maristas. Colin, da diocese de Belley, não fora recebido com entusiasmo pelo bispo de Pins, o que é perfeitamente compreensível, visto que Colin não era da arquidiocese, ao passo que Courveille era. A repreensão indireta de Colin há de ter sido muito dolorosa para Courveille, depois do fracasso de Charlieu.

⁶⁰ O.M. 1 Doc 122, 3

As Irmãs Maristas nas Dioceses de Lião e de Grenoble

As outras Irmãs Maristas não ficaram inativas. Pouco depois da chegada de Courveille a La Valla, essas Irmãs, que estavam em Rive-de-Gier, pediram a aprovação diocesana, «Em 28 de julho de 1824, as Irmãs de Maria de Rive-de-Gier solicitam ao bispo a aprovação do seu regulamento. São autorizadas a segui-lo provisoriamente, no aguardo de que ele seja definitivamente autorizado».⁶¹ No começo de 1825, existiam, lado a lado, em Rive-de-Gier, a comunidade reunida pelo pároco Lancelot e algumas das Irmãs de Maria de Courveille. Essas últimas exerciam certo atrativo sobre as primeiras, que não tinham ainda optado por Regra própria nem de se anexar à comunidade existente. As autoridades arquidiocesanas, já desconfiadas dos projetos de Courveille, não desejavam realmente aprovar uma união que teria desagradado ao Pe. Lancelot. Era uma situação delicada, sobre a qual as autoridades arquidiocesanas preferiram temporizar. Um informe do Conselho diocesano de 19 de janeiro de 1825 diz : «Duas Irmãs de uma comunidade de Rive-de-Gier, decididas a se unir às Irmãs de Maria, contra o conselho do seu diretor Lancelot e também contra o das suas superioras, solicitam autorização de emitir os votos. Foi-lhes dada uma resposta temporizadora e evasiva».⁶²

Não sabemos o resultado dessa tentativa de transferência. Sem dúvida, os dois grupos de Rive-de-Gier explodiram. Algumas, segundo o conselho do Pe. Lancelot, entraram nas Ursulinas de Saint Chamond e se tornaram as pioneiras das Ursulinas instaladas em Rive-de-Gier. As outras, discípulas de Courveille, foram a Saint Clair reunir-se com as que lá estavam. Em Cerdon, em oito de dezembro de 1824, assistido pelo seu irmão Pierre e pelo Pe. Déclas, Colin tinha dado o «santo hábito a oito ou nove Irmãs da Congregação de Maria».⁶³ Assim, no departamento de Ain, como nos departamentos de Rhône e de Isère, o ramo das Irmãs da Sociedade de Maria tomava forma.

Crise séria na Sociedade de Maria de Lião

No verão de 1825, os Pequenos Irmãos de Maria pareciam mais florescentes que nunca. O arcebispo os sustentava com toda a sua autoridade; durante o retiro

⁶¹ O.M. 1 Doc 110, 3

⁶² O.M. 1 Doc 132, 9

⁶³ O.M. 1 Doc 122, 3

do clero, solicitou-se que os párocos enviassem postulantes ou, se possível, chamassem os Irmãos às suas paróquias. Em maio, a comunidade se instalou na nova casa-mãe de l'Hermitage, cuja fundação havia sido abençoada no ano anterior pelo Vigário Geral Cholleton, antigo conselheiro dos maristas no seminário maior. Desde o outono de 1824, o Pe. Champagnat, liberado da maior parte dos seus serviços como vigário de La Valla, entregava-se por inteiro à sua obra.

Em maio de 1825, a comunidade dos Irmãos de La Valla estabeleceu, pois, a sua residência na nova casa-mãe. A etapa idealista da fundação havia terminado, começava o período da vida real. A capela foi benta em treze de agosto. Dez dias mais tarde, o Pe. Terraillon recebia o convite de se unir com o seu antigo colega de seminário Champagnat. Ele não estava muito entusiasmado com tal idéia. Em trinta e um de outubro, escreveu ao Pe. Colin: «De novo não sei se Cerdon deve ser o berço da Sociedade. É verdade que o meu sentimento particular é sempre o mesmo e que, se estivesse no meu poder, você me veria chegar no primeiro dia ao seu valinho de que conservo sempre uma recordação inefável». ⁶⁴ Portanto é com reticência, obrigado pela decisão do bispo de Pins, que Etienne Terraillon se dirige a l'Hermitage.

Em l'Hermitage, Terraillon torna a encontrar Courveille; este, como sempre, estava arrebatado de alegria. O serviço dos Irmãos não bastando para o zelo desbordante de Courveille, ele dirigia também as Irmãs Maristas e trabalhava em outros ambientes relacionados com os negócios maristas. As autoridades arquidiocesanas achando tudo isso demasiado, deram-lhe uma admoestação em 25 de agosto de 1825: «O Pe. Courveille fica advertido de se limitar por ora à obra dos seus Irmãos de Maria; qualquer outro trabalho deve considerar intempestivo» ⁶⁵. Não sabemos exatamente qual era o conteúdo dessa admoestação. As suas relações com numerosas paróquias, como Verrières, Rive-de-Gier et Epercieux, como também com as autoridades arquidiocesanas, não haviam sido um sucesso, em matéria de convivência harmoniosa.

O apetite do poder toma conta de Jean-Claude Courveille

O orgulho de realizar ocupava o espírito de Courveille. Agora, desde que o arcebispo o havia confinado apenas aos Pequenos Irmãos de Maria, ele ia ocupar-se deles. No espírito de Courveille, parecia que se considerava

⁶⁴ O.M. 1 Doc 115, 4

⁶⁵ O.M. 1 Doc 141

Superior geral, o Pe. Champagnat Diretor geral e, provavelmente, Etienne Terraillon mestre de noviços.⁶⁶ Estando assim limitado aos Pequenos Irmãos, Courveille não viu nenhum mal em exercer a sua posição de Superior geral «paramentado de grande e longo manto azul». Champagnat nunca usou manto azul. Courveille tomou todos os ares de padre de convento, e como tal se dava a conhecer por toda a parte a que fosse.⁶⁷ Ele se valia de certa Regra que ele dizia ter composto e no-la fazia ler, mas tal Regra, por não adequar-se aos Irmãos, estes continuaram a viver segundo o regulamento da casa.⁶⁸ O Ir. João Batista acrescenta, em nota de 1868, que nada sobrou dessa Regra, que não passava de bela teoria. O Pe. Courveille muito se ofendeu. Ele inquietou-se porque os Irmãos o aceitaram *em teoria*, pensavam logicamente que a sua autoridade devia exercer-se essencialmente sobre os sacerdotes; na prática, porém, os Irmãos continuaram a dirigir-se a Champagnat, tanto no espiritual quanto no temporal.

A posição de Courveille tornava-se, a pouco e pouco, desconfortável. Embora os Estatutos dos Irmãos Maristas não tivessem sido totalmente aprovados pelas autoridades de Paris, Courveille pensava utilizá-los segundo a sua própria visão. Ele recorreu ao artigo quarto, que estipulava que as congregações seriam governadas por um Superior geral eleito por três anos, com maioria absoluta de votos dos diretores das escolas e dos Irmãos professores da casa-mãe. Depois de eleito validamente, ele teria real autoridade e cessariam então todas as ambigüidades. Eis por que «Courveille se esforçou em ganhar a confiança dos Irmãos, em ligar-se a eles» e, para tanto, valeu-se de todo o tipo de expediente.⁶⁹

Quando pensou que o momento havia chegado, Courveille convocou um Capítulo em l'Hermitage para setembro de 1825. Contrariamente ao artigo quarto dos Estatutos, nenhum delegado do bispo de Pins estava presente para presidi-lo. Na sua locução de abertura, o Fundador da Sociedade de Maria falou longamente do bem que a Sociedade estava chamada a fazer e das diferentes obras que ela abraçava. Com jeito pediu as capitulantes que escolhessem, entre os três padres residentes na casa-mãe, aquele que desejariam para dirigi-los, e acrescentou: «Estou inteiramente disposto a sacrificar-me por vocês».⁷⁰ Os Irmãos, que não desconfiavam de nada, escreveram com simplicidade o nome da sua escolha. Quase todos os sufrá-

⁶⁶ From "the new Congregations" , notas 318

⁶⁷ O.M. 3 Doc 819, 18

⁶⁸ O.M. 3 Doc 819, 19

⁶⁹ O.M. 2 Doc 757, 28

⁷⁰ *ibid*

gios foram em favor de Champagnat. Courveille, lançando o olhar em Champagnat, diz-lhe com a emoção que não pôde dissimular: «Parece que combinaram em dar-lhe os votos».⁷¹

Em vez de fluírem no sentido por ele desejado, as coisas iam realmente mal para Courveille. O Pe. Champagnat, que não via mais que a sua própria indignidade e sempre considerava o fundador da Sociedade de Maria como o seu Superior Geral, pediu que a primeira votação fosse anulada e, antes desse segundo turno de sufrágios, falou aos Irmãos: «Não pensem que eu seja mais capaz que outrem para dirigi-los pelo fato de eu conhecê-los há longo tempo; pelo contrário, estimo os demais sacerdotes mais aptos que eu para dirigi-los e formá-los, porquanto, não se tendo ocupado de trabalhos manuais e havendo-se dedicado exclusivamente à piedade e ao estudo da religião, eles contam com conhecimentos que não possuo».⁷² Essa nova eleição, como a primeira, fez-se com grande recolhimento. Courveille, feita a apuração, diz com amargura: «É sempre o mesmo resultado». Depois, dirigindo-se a Champagnat, acrescentou: «Você será o seu Superior, porque não querem outro».⁷³

O candidato, rejeitado em dois escrutínios sucessivos dos Irmãos, não se considerou vencido. Para tomar em mão indiretamente a situação, Courveille propôs a Champagnat e a Terraillon a eleição de um Superior Geral dos padres, porque, até então, era sob a sua autoridade e com base no seu papel de fundador que ele se havia arrogado o título de Superior geral. Fez-se-lhe compreender que a eleição de um Superior geral num grupo de três sacerdotes parecia ilegal, ponto em que ele não insistiu. Desse modo, a função de Courveille como Superior geral nunca se tornou definitiva.

Crise financeira e doença grave do Pe. Champagnat

A posição financeira dos Irmãos Maristas tornava-se cada vez mais precária. As críticas e as desconfianças levantadas pela construção de l'Hermitage estancaram a fonte das doações e era difícil aquietar a agitação de alguns espíritos e a maldade de certas línguas. Assim, no vencimento de certas dívidas, os cofres se acharam desesperadamente vazios.⁷⁴ Em treze de maio de 1825, foi impossível pagar ao senhor Montelier os 5000 francos relativos à compra do terreno. Este teve de contentar-se com 2000 francos. Foi necessário lan-

⁷¹ *ibid*, parágrafo 29

⁷² *ibid*, parágrafo 30

⁷³ *ibid*, parágrafo 31

⁷⁴ O.M. 1 Doc 142

çar mão de empréstimo. Em treze de setembro, a senhora Justine de Divonne emprestou 12.000 francos, a juros de 4% anual, pagáveis em treze de junho e em treze de dezembro em moedas de ouro ou de prata. Como garantia Champagnat e Courveille hipotecaram as propriedades e direitos presentes e futuros, sobretudo a casa de l'Hermitage, com as suas edificações, hortas, pomares, galinheiros, prados, terras, bosques e a própria nascente.⁷⁵

Mais inquietante ainda que a crítica situação financeira foi a embaraçosa situação existente entre o fundador da Sociedade de Maria, o fundador dos Pequenos Irmãos de Maria e o Superior geral eleito pelos Irmãos. A situação ameaçava seriamente a vida da Congregação dos Irmãos. «Profundamente ofendido pela preferência mostrada por Champagnat,⁷⁶ Courveille se pôs a escrever cartas aos Irmãos das casas, cartas cheias de críticas amargas, censurando os Irmãos por não o terem escolhido como Superior e pretendendo que «esse procedimento era um insulto à sua pessoa, falta de respeito e de confiança e que só podia atrair a punição de Deus sobre a Congregação».⁷⁷

Quando Champagnat retornou da sua visita geral a todas as casas dos Irmãos, em dezembro, Courveille não havia ainda dominado o seu descontentamento e criticou severamente Champagnat. Segundo Courveille, os Irmãos não eram bem dirigidos, os noviços não eram formados à piedade e ao estudo, a disciplina da casa não era suficientemente severa, nem bastante monástica; os negócios temporais eram descuidados e as despesas muito elevadas. Em suma, Champagnat era mau administrador. Courveille lhe retirou o controle da bolsa, mas esta não melhorou nas suas mãos. De fato, ela estava quase sempre vazia; aí o seu mau caráter se desbordava em invectivas contra o seu colega sacerdote.

Fisicamente esgotado pelos seus recentes deslocamentos na visita às casas, psicologicamente afetado pelo procedimento de quem Champagnat continuava a olhar como o seu superior, o fundador dos Pequenos Irmãos de Maria sucumbiu. Em vinte e seis de dezembro de 1825, recolheu-se ao leito, enfermo. Uma semana mais tarde, estava às portas da morte. Courveille ordenou à comunidade que rezasse e que se fizesse rezar pela cura de Champagnat, em todas as paróquias em que os Irmãos dirigiam escolas. Entre os

⁷⁵ O.M. 1 Doc 142, 3-5

⁷⁶ O.M. 2 Doc 757, 33

⁷⁷ *ibid*

motivos de Courveille e não o menor, estava a idéia de que, se Champagnat morresse, todas as pesadas dívidas cairiam apenas sobre ele. «Tudo pela maior glória de Deus e pela honra de Maria, Mãe do Senhor Jesus».

«L'Hermitage de Notre Dame, 3 de janeiro de 1826

Caros filhos em Jesus e Maria

Com sentimentos de dor e tristeza no coração escrevemos-lhes para ordenar que rezem com instância ao Pai das misericórdias e à augusta Mãe Maria, em favor do mui querido e estimado pai diretor, que está muito doente. Conjuuro-os, caros filhos, a que façam causa comum conosco, rezando insistentemente a Jesus e a Maria, nossa Mãe, para que se dignem conservar o filho que nos é tão caro e que há de ser não menos querido pai de vocês. Peço que os párocos tenham a bondade de rezar por ele e de recomendá-lo às orações dos fiéis.

Recebam a segurança da ternura paternal com que tenho a honra de ser seu pai, devotado a vocês inteiramente, no Cristo e na Santíssima Virgem Maria.

J.C. Courveille f.D. et S.p.g.m».78

Só as duas invocações iniciais e a parte final foram escritas em latim. As letras finais da abreviação, provavelmente, devem ser lidas: «Diretor dos Irmãos e Superior geral». O emprego do plural majestático, habitualmente reservado aos bispos e aos superiores maiores, dá uma boa idéia do arrogante senhorio de Courveille. Champagnat é para ele «caro filho»; os discípulos de Champagnat recebem a ordem de rezar não pelo seu fundador, mas pelo «seu pai diretor».

O sacerdote enfermo decidiu lavrar o seu testamento e escolher Terraillon como o seu herdeiro único. Terraillon recusou, não querendo ser responsável pelas dívidas. Ele e Courveille não cessavam de dizer aos Irmãos que os credores viriam e os expulsariam de l'Hermitage; eles dois deixariam a casa e aceitariam alguma paróquia. Nessa extrema pressão, Champagnat pensou no colega sacerdote Joseph Verrier, diretor do seminário menor de Verrières, que havia sido um dos doze aspirantes maristas de 1816. Mais tarde, Verrier se uniu à «Sociedade da Cruz de Jesus», do Pe. Bochard, na qual professou em quinze de outubro de 1820. Esses votos foram anulados pelo bispo de Pins, como o foram os votos de todos os confrades de Verrier de

78 O.M. 1 Doc 147

Charlieu, na Sociedade da Cruz de Jesus, criada por Bochart. Em seis de janeiro, portanto, o sacerdote testador nomeou Courveille e Verrier como os seus únicos herdeiros, mas não teve forças nem de assinar o documento.

Derrotismo e investigação episcopal

Em l'Hermitage, o desânimo da comunidade difundia-se. Irmãos e noviços estavam convencidos de que, se Champagnat morresse, tudo estaria perdido, e a comunidade se dispersaria. A ansiedade e o desespero cederam o lugar ao relaxamento e à dissipação na casa. Em vez de agir com prudência e doce firmeza, Courveille apelou a uma severa repressão, que engendrou o descontentamento geral e o mau espírito. Tentando conquistá-los pela força, fez severas ameaças e expulsou alguns elementos. Mas a irritação deu lugar à exasperação, quando o fundador da Sociedade de Maria anunciou que ele ia pedir uma paróquia ao arcebispo. A partir daí, a maioria dos Pequenos Irmãos começaram a pensar no seu futuro. Alguns tinham a intenção de voltar às suas famílias; outros pensaram em entrar em alguma outra congregação; outros pensavam em negócios ou em alguma profissão. A congregação parecia perdida.

O Pe. Champagnat recuperou relativa saúde, mas para enfrentar novas dificuldades. O espírito dos Irmãos havia-se azedado com as turbulências sobrevindas. Não tinham confiança em Courveille e este estava descontente em tudo e de todos. Exagerando a excelência e deveres da vida religiosa, exigia dos noviços a perfeição que seria uma felicidade encontrá-la nos religiosos calejados. Impunha um jugo que ninguém podia levar e expulsava todo aquele que tentava desfazer-se da carga. Além disso, difamava perante o arcebispo de Pins o fundador dos Pequenos Irmãos de Maria, que convalescia no presbitério do Pe. Dervieux, em Saint Chamond. Courveille escreveu carta em que acusa Champagnat de receber toda a sorte de candidatos, de formar insuficientemente os Irmãos à piedade e ao estado religioso, de ocupar-se em demasia dos trabalhos manuais, de negligenciar a instrução e de ser tão indulgente e gentil que a disciplina monástica se enfraquecia.

Para saber o que acontecia, o arcebispo designou o Pe. Simon Cattet para que procedesse a uma investigação em l'Hermitage. Nascido em Neuville-sur-Saône, Rhône, e irmão de Jean François Cattet, professor de Dogma na Universidade de Lião, Simon Cattet havia sido Vigário geral do bispo de Pins, em dezembro de 1825. Com esse título ele tinha tomado de Jean Chol-

leton o encargo das comunidades religiosas. Era de caráter forte e áspero, infatigável em desfazer tudo, para reconstruir da sua maneira. Desceu a l'Hermitage de Notre Dame sem ser anunciado; examinou em detalhe todas as coisas, submeteu Irmãos e noviços a severo exame, tanto de conhecimentos religiosos quanto de matérias de ensino primário, não escondendo o seu descontentamento. A sua conclusão foi que os Irmãos não tinham suficiente instrução. Criticou esse fato, que estimou como falta e se queixou de tudo.

Era verdade que muitos postulantes, chegavam a l'Hermitage com pouca instrução e, durante a construção de l'Hermitage e na séria crise interna que se viveu, o seu pequeno estoque intelectual pouco podia crescer. As queixas do Vigário Geral tinham, portanto, certa base, sem deixar de ser injustas.

Entrementes, a situação financeira era a primeira necessidade de sobrevivência. No verão, como os alunos da região rural iam trabalhar na lavoura, certos Irmãos ficavam liberados. Para ocupá-los no noviciado, para fazer caixa e reduzir as despesas, Champagnat foi autorizado pelo Conselho do arcebispado de Lião, em quinze de março de 1826, a instalar uma fábrica de seda em l'Hermitage. Seria isso o fim das dificuldades? Não, uma prova mais triste e mais humilhante ainda estava por vir.

Courveille cai em desgraça

Em maio de 1826, Courveille, milagrosamente curado por Nossa Senhora de Puy, encarregado por ela de fundar a sua companhia privilegiada, reservada para as lutas desses últimos tempos, Superior geral da Sociedade de Maria, homem que não via senão erros nos Pequenos Irmãos de Maria e denunciara a incompetência do seu fundador Champagnat, pecou sexualmente com um postulante. Para pôr a consciência em paz, partiu em peregrinação à Trapa de Aiguebelle, Drôme, que havia sido restabelecida doze anos antes. Ninguém se surpreendeu desta peregrinação. “Nessa época, era considerado em toda a parte como santo e, até então, parecia sê-lo”.⁷⁹

Foi o Pe. Terrailon, seu colega em l'Hermitage, que fez essa declaração e que foi o primeiro a descobrir o mal. Da Trapa, por meio de carta escrita em quatro de junho de 1826, o infeliz Courveille pedia algum tempo para

⁷⁹ O.M. 3 Doc 798, 6



Exemplo da escrita de Courveille com o seu selo pessoal

tomar importante decisão. Essa longa carta vem comentada aqui e em parte reproduzida.

«Tudo para a maior glória de Deus e de Maria, Mãe de Nossa Senhora Jesus Cristo. Aos mui venerandos Champagnat e Terraillon, pais da Sociedade de Maria, e aos mui honrados Irmãos em Nosso Senhor Jesus Cristo e em Maria, sua santa Mãe.

Eu não saberia dizer-vos como estou contente na minha peregrinação à santa casa de Nossa Senhora da Trapa. Aqui achei a santa paz da alma. Cumpri para com Deus as promessas que havia feito e eis-me agora liberado.

É verdade que não se encontra nesses bons religiosos aquela grande ciência que, muitas vezes, como diz o apóstolo, infla o coração. Mas posso assegurar-vos que aqui se encontra a verdadeira ciência dos santos, única necessária para a salvação e da qual ignoro quase tudo, não tendo sequer os primeiros elementos.

Esses bons religiosos receberam-me com a caridade que caracteriza os santos. Eles têm toda a sorte de atenção para com os estranhos; vê-se que, guiados pela fé, eles recebem como se recebessem Nosso Senhor.

O Superior parece colocar todo o seu cuidado em mortificar e humilhar os inferiores, em todas as ocasiões, ao passo que os inferiores parecem receber essas censuras com respeito e humildade e diria até com santa avidez, o que demonstra que eles estão plenos de amor, e que deixam ao Superior inteira liberdade de procedimento.

Meus caríssimos Irmãos, como eu desejaria que a casa de l'Hermitage de Nossa Senhora fosse uma pequena imagem não digo da vida dura e penosa, da rigorosa penitência praticada continuamente nesta santa casa da Trapa, como teria grande necessidade o grande pecador que sou, mas bem sei que não é dado a todo o mundo possuir tal coragem, sobretudo para um covarde como eu. Eu desejaria que a casa de l'Hermitage de Nossa Senhora fosse uma modesta imagem da regularidade, da mortificação, do silêncio, da humildade, da renúncia à própria vontade e ao próprio julgamento, para se conformar à vontade e ao julgamento do Superior, que é aquela de Deus; e mais o desprezo de si, o amor da santa pobreza, a união, a caridade perfeita, o respeito e a delicadeza e sobretudo a submissão, a obediência cega e perfeita ao Superior que lhe dá total liberdade de comandar e ordenar o que ele crê mais útil à comunidade e ao bem espiritual de cada um. *Fiat, fiat.*

Agora, queridos Irmãos, vou abrir o meu coração e dar-lhes parte dos meus sentimentos, consultá-los e pedir-lhes que dirijam a Jesus e a Maria preces fervorosas, a fim de que lhes dêem a conhecer o que deve reverter na maior glória divina, e para que eu não aja por mim mesmo, mas siga a sua santa vontade.

Se, pois, vocês acreditam, depois de consultar a Deus, que eu não passo de pedra de escândalo na santa Sociedade de Maria, mais nocivo que útil, de que estou convencido, eu lhes suplico que mo digam simplesmente; então poderei morar nesta santa casa, para assegurar a minha salvação, porque estes bons religiosos querem ter a caridade de receber-me. O Superior está disposto a escrever ao arcebispo, para obter-me a permissão, mas isso ele fará somente depois da resposta de vocês.

Certamente o modo de vida deles é muito severo, podendo-se dizer que é contínuo martírio; mas espero que, com o apoio da graça divina, poderei suportá-lo. Aliás, morrer dez ou vinte anos antes, que importa isso, se tiver a felicidade de morrer como santo?

Caros Irmãos, não vou ocultar-lhes que, há algum tempo, estava eu em grandes penas, vendo a pouca regularidade que havia entre nós, a diferença de opiniões sobre a finalidade, forma, intenções e espírito da verdadeira Sociedade de Maria, a nossa independência e pouca submissão, as idéias particulares etc. Todo esse cenário me lançava nas maiores inquietações, levando a

crer que o demônio do orgulho, da independência, da insubordinação e sobretudo da divisão se infiltrava entre nós, e não poderíamos subsistir por muito tempo. A ninguém acuso, senão a mim próprio, considerando-me a verdadeira causa de tudo isso. Estou persuadido de que estou impedindo a bênção do céu sobre a Sociedade de Maria; a minha pouca regularidade e o meu procedimento tíbio e pouco religioso constituem matéria de escândalo. Peço-lhes perdão a todos e a quem quer que tenha sido ofendido por mim.

Creio que seria mais útil à cara Sociedade da augusta Maria que eu caísse fora. Seria para mim a coisa mais sensível ver-me excluído; ainda assim, para o seu maior bem e utilidade, estou pronto a tudo o que for da santa vontade de Deus. Seja como for, ousou assegurar-lhes que nunca a perderei de vista e que ela para mim será infinitamente cara, que a recomendarei sem cessar ao Senhor e rogarei por todos os seus membros atuais e futuros, de modo mui peculiar.

Desejo de coração que aquele que for designado a dirigi-la como superior esteja repleto do espírito de Deus e que não se afaste em nada da finalidade da instituição e das verdadeiras intenções de Maria Santíssima; espero que ela lhas faça conhecer. Não desejo com menor ardor do que todos os demais, sem exceção, que deixem ao superior escolhido a plena liberdade de orientá-los, que todos lhe demonstrem grande respeito, como a Nosso Senhor, como ocupando o lugar de Deus, contanto que não vá contra a lei divina, contra a fé da Igreja Católica, contra as constituições da Ordem ou contra o bem e utilidade da Sociedade de Maria. Ademais, que se tenha para com ele inteira submissão, obediência perfeita, não somente de vontade e exteriormente, senão também interior e de julgamento, deixando-lhe plena liberdade de comandar segundo o que ele repute melhor ante Deus, mais útil à comunidade e mais vantajoso ao progresso espiritual de cada qual, sem o que nenhuma sociedade religiosa pode ser regular nem subsistir por longo tempo.

Posso assegurar-lhes, perante Maria como testemunha, que estou sinceramente apegado a vocês e que os levo no coração e que será para mim uma das maiores penas ver-me separado de vocês. Ainda uma vez, para o bem e utilidade da cara Sociedade de Maria, dedico-me a tudo, até mesmo a ser anátema, se for necessário.

Caros Irmãos, rogo-lhes, comovido e em lágrimas, que me digam quanto antes o que creiam mais conforme à glória divina, à honra de Maria e o mais útil à cara Sociedade de Maria, depois de tudo examinarem seriamente ante Deus, não tendo em vista senão a glória e honra de Nossa Senhora. Quero saber a que ater-me, antes de tomar qualquer iniciativa do meu interesse

em Lião; também não entrarei no noviciado antes da prévia resposta de vocês, para não agir com imprudência ou dar algum passo de que deva depois recuar.

O seu irmão em Cristo e em Maria,

J. C. Courveille

f.d. et S.p.g.l.m. + 70 anos) sacerdote ind.

Aiguebelle, da Casa de Nossa Senhora da Trapa, 4 junho de 1826.

Desejo que esta carta seja lida em comunidade.»⁸⁰

Ao receber essa carta, admirável na sua candura, Champagnat estava por concordar com Courveille. Afinal, não era ele co-proprietário dos imóveis? Pensou em pedir-lhe que retornasse ao noviciado; mas Terraillon, a quem Champagnat deu a carta e que sabia o perigo social e moral que representava o pobre Courveille, insistiu, pelo contrário, em que a sincera demissão do peregrino de Aiguebelle seja tomada literalmente e que Courveille continue na Trapa. No dia seguinte, Colin chega de Belley. Champagnat conversou primeiro com ele e tentou influenciá-lo e fazer-lhe partilhar a sua opinião. Sozinho contra dois, e incapaz de se explicar claramente, Terraillon enfatizou ainda mais a sua opinião contrária, exposta na véspera. “Vocês vão perder uma bela oportunidade que, talvez, não retorne mais. Vão arrepender-se, estou certo. Courveille, por aqui, tem fama de santo. Se tivermos de afastá-lo mais tarde, como pode acontecer, o lado odioso do gesto cairá sobre nós. Aproveitando esta ocasião, ele passará por inconstante e estaremos ao abrigo da censura. Creiam-me, aceitem essa demissão. Mais tarde terão matéria de felicitar-se, estou certo disso”.⁸¹

Terraillon lhes mostrou em seguida a carta que havia escrito. Ela pedia a Courveille que ficasse em Aiguebelle, já que ele aí se sentia bem. A carta o informava também que a sua demissão fora aceita. Terraillon e Champagnat assinaram a carta. Colin foi protegido, como se ele desconhecesse por inteiro o assunto. No dia seguinte, Terraillon levou a carta ao correio em Saint Chamond e dirigiu-se a Lião. O Vigário Geral Barrou, a quem Terraillon historiou todo o acontecido, ficou muito feliz de saber como os acontecimentos haviam permitido guardar segredo sobre tamanha desgraça e evitar grande escândalo. A pouco e pouco, porém, a falta de Courveille ficou conhecida em l’Hermitage.

⁸⁰ O.M.1 Doc 152

⁸¹ O.M. 2 Doc 750, 11

Esse afastamento repentino do fundador da Sociedade de Maria foi um choque violento para os Irmãos. Tudo parecia haver fracassado, pelo menos no ramo dos sacerdotes na arquidiocese de Lião. Terraillon viera a l'Hermitage contra a vontade e havia pagado dez francos por mês de estada. Valeu-se do grande Jubileu⁸² para deixar discretamente l'Hermitage e comprometer-se como pregador do Jubileu. Mais tarde, em maio de 1827, era pároco de Ain, arquidiocese de Lião. Champagnat ficou sozinho para enfrentar a mui penosa situação. É difícil descrever a profundidade do seu sofrimento em tal conjuntura. Como essa crise há de ter perturbado a sua alma, quando descobriu o escandaloso procedimento daquele que ele sempre considerou, apesar de tudo, como o seu Superior geral e fundador da Sociedade de Maria. O público o acusava de ser a causa da saída de Courveille e Terraillon, e ele não podia justificar-se sem revelar o escândalo, atitude que nunca pensou em tomar.

Longe de desencorajar Champagnat, a terrível lição fortificou-o no seu projeto. Em maio de 1827, escreveu ao bispo de Pins: «O mau sucesso até aqui para os sacerdotes de l'Hermitage faz com que já não ouse apresentar-me a Vossa Excelência, para dar-lhe a conhecer a agudeza da minha dor. Deus quer esta obra nestes tempos perversos, eis a minha firme crença de sempre. Mas, infelizmente, pode ser que ele queira outros homens para estabelecê-la. O seu santo nome seja bendito. O infeliz acontecimento, perpetrado por aquele que passava por chefe da obra, mostra claramente os terríveis esforços com que o inferno se empenhou para destruí-la, porque prevê o imenso bem que ela está destinada a fazer”⁸³.

Mesmo sete anos mais tarde, no coração de crise diferente, Champagnat não podia dar curso ao seu lamento, sem a lembrança da infeliz decisão que ele tomou de pedir Courveille para auxiliá-lo em La Valla. “Muito depressa novos perigos ainda mais terríveis que os precedentes vieram assaltar os Pequenos Irmãos de Maria. Funesto passo aquele que dei por conselho do Superior, quero dizer quando fui buscar Courveille em Epercieux. Dia verdadeiramente funesto e mais que suficiente para aniquilar a obra, se a bendita Virgem Maria não a houvesse sustentado com a poderosa força do seu braço”⁸⁴.

⁸² 29 outubro 1826 até 29 de abril 1827

⁸³ O.M. 1 Doc 173, 13

⁸⁴ O.M. 1 Doc 286, 2

Depois da partida de Courveille, antes de tudo cumpria corrigir o mal causado por este sacerdote infeliz. Os Conselheiros do arcebispo propuseram um retiro aos Irmãos. O sumário do Conselho diz: “Em cinco de julho de 1826, o Pe. Cattet pretende encarregar-se de dar um retiro aos professores primários no local de l’Hermitage de Saint Chamond”.⁸⁵ Tal retiro deve ter-se realizado. Além do objetivo moral, a presença do Pe. Cattet, Vigário Geral, permitiu abordar dois outros assuntos: a situação financeira da congregação e o problema da fusão dos Irmãos de Champagnat e dos Irmãos do Sagrado Coração, proposição das autoridades diocesanas, sem dúvida feita pelo Pe. Cattet. A situação financeira não se revelou catastrófica, ao passo que o Pe. Coindre, responsável da outra congregação, opunha-se com firmeza a qualquer união, como Champagnat.

⁸⁵ O.M. 1 Doc 155

Documento
Comentário à Carta n^o 1.042
das Cartas Pessoais
do Ir. Francisco

Ir. Eduardo GATTI

O Ir. Francisco deixou, em dois grandes cadernos, 1673 cartas pessoais que foram informatizadas e publicadas em 1996 pelos Irmãos Cotnoir e Sester. Esse enorme ‘corpus’ parece ainda não ter sido objeto de nenhum estudo sistemático e aprofundado. A carta, comentada nas páginas que seguem, é a de número 1.042 e se encontra nas páginas 40-43 do manuscrito original. Não está datada, como a maioria das cartas da coleção, mas é, provavelmente, do ano de 1842. Nós agradecemos ao Ir. Eduardo Gatti o fato de ter chamado a atenção para uma fonte ainda mal conhecida de nosso patrimônio.

[A um mestre de noviços]

Meu irmão querido,

A tarefa que lhe foi confiada é das mais importantes e, não quero dissimular, bem sei, muito difícil de exercer; mas, tendo-a aceitado por obediência, pode exercê-la com confiança, pois foi Deus quem lha impôs, através de seus superiores, e Deus, quando impõe um fardo, concede sempre as graças e as forças necessárias para carregá-lo, segundo seu desígnio. Um mestre de noviços deve ser um homem de Deus, um homem de oração e de meditação. Reze com freqüência, reze com fervor, peça ao bom Deus que o inunde de seu Espírito, lhe faça conhecer seus deveres e lhe dê a

força para cumpri-los; que lhe dê a sabedoria, a prudência, a bondade, a caridade, a atenção, a firmeza e a paciência necessárias, para exercer com cuidado a honrosa tarefa que lhe foi confiada. Apresente a Ele, amorosamente, suas necessidades e as de quem você cuida. Espere tudo de Deus, faça o que souber; Ele ajudá-lo-á a fazer o que não conseguir sozinho.

Comece por ganhar o coração dos noviços, demonstrando-lhes constante interesse e dedicação; considere-os como filhos prediletos da Santíssima Virgem, que lhe foram confiados para que você os guie à perfeição de seu estado: dê-lhes uma atenção muito especial, sem temer o trabalho e as dificuldades, de modo a atender a suas necessidades espirituais e corporais, com uma caridade atenta e previdente. É necessário apresentar a virtude com traços que a tornem amável: é necessário começar sempre com bondade; não é bom usar remédios violentos, a não ser em casos extremos, quando já não há melhor saída. As advertências, expressas com suavidade, inspiram gratidão para com quem as faz e despertam o desejo eficaz da correção; mas só o carinho não basta; deve ser acompanhado de uma oportuna firmeza: é sinal de amor ao doente causar-lhe uma dor que seja necessária para curá-lo. Deus, o melhor dos pais, muitas vezes castiga com severidade os que Ele ama e quer salvar. Repreenda, pois, com liberdade: solicite, pressione, insista com os negligentes e os renitentes; para com eles lance mão de censuras, ameaças, corretivos, sempre repassados de pesar por suas faltas e do desejo de que progridam; é preciso agir sempre com essa prudência que nos torna capazes de insinuar-nos no coração e de modificar a própria conduta, segundo a diversidade dos caracteres e temperamentos.

Você deve exercer uma vigilância cuidadosa e continuada, mas suave e moderada: é necessário tudo ver sem dar a impressão de querer tudo examinar: mais vale prevenir as faltas do que ser obrigado a castigá-las.

É muito bom conformar-se à maneira habitual de proceder da casa-mãe, no que diz respeito aos noviços: provocaria inconveniências atuar de maneira diferente.

Não negligencie nada para formar bons irmãos: a piedade, a humildade, a caridade e a união fraterna são as virtudes que deve recomendar, especialmente.

Seja muito regular; faça observar bem a regra, sobretudo o silêncio e assim você trabalhará com muita consolação na obra de Maria.

Depois das férias, o noviciado de l'Hermitage enriqueceu-se com mais uma dezena de noviços, todos maiores e cheios de boa vontade: é preciso que a Santíssima Virgem nos ajude ainda com mais vocações, porque nossos irmãos são poucos.

Receba a certeza de meu afeto cordial com o qual eu lhe...

Reflexão sobre a Carta N° 1.042 do Ir. Francisco⁸⁶

Quando o jovem sacerdote viu pela primeira vez o pequeno Gabriel, com certeza não imaginava que suas vidas iriam ter uma tão grande afinidade, na configuração do carisma da futura Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria.

Com apenas dez anos, recebe das mãos do jovem sacerdote sua primeira Comunhão, na primavera de 1818. Um pouco mais tarde, o fundador da congregação nascente se apresenta (na casa dos Rivat?), como o fizera alguém, 16 anos antes, à procura do pequeno Rivat. Tinha seguido com muito interesse esse pequeno pastor de Maisonnette, que, precocemente, se preparara para receber Jesus na Eucaristia...

Em maio, com sua pequena trouxa de roupa e acompanhado por sua mãe Francisca, passam o vale estreito de Ban, a caminho de La Valla, para completar a consagração que essa fizera, aos pés da Virgem de Valfleury.

Dessa maneira, Maria oferece, a Marcelino Champagnat, uma das pérolas mais preciosas de que vai dispor para seu novo projeto. Em seguida, como Jesus adolescente, Gabriel desaparece num fecundo anonimato, no seio da vida comunitária, com os outros discípulos de Marcelino. Quem lhe está mais próximo em idade tem 14 anos. Que tarefa de formação realizará esse sacerdote com uma pequena comunidade⁸⁷ que ele enviará cedo para o apostolado?

Antes de 1822, os Irmãos trabalham em quatro escolas e garantem a catequese no Bessat. Gabriel já fora professor em Valla e, mais tarde, será cozinheiro, em Marllhes. O jovem honrará sempre sua mãe, a quem deve a grande felicidade da vocação, optando pelo nome religioso de Francisco (1819)⁸⁸.

⁸⁶ CEPAM Tradução espanhola: N° 40 = Cartas personales PS 1996 T 1 n° 1042

⁸⁷ Meu irmão foi o segundo e eu o terceiro, Courtourier o Antônio, o quarto. Mais tarde, o Irmão Bartolomé e o Irmão François. Durante muito tempo fomos seis. (Ir. LAURENT, OM 756)

⁸⁸ Artigo Processo 1910 p.13

A experiência refundadora do ano de 1822⁸⁹ leva Marcelino a pensar numa preparação mais sólida, num formador para seus noviços e começa a preparar o jovem Francisco para que ele possa assumir, logo mais, essa tarefa. É assim que, em 1826, entre as dificuldades que a congregação enfrentava, Francisco faz seus votos perpétuos e recebe como missão a formação dos noviços; e, como diz Guy Chastel, o Fundador não permitirá que ele trabalhe fora de l'Hermitage.

Podemos apenas fazer suposições sobre o modo de Marcelino Champagnat formar seus irmãos e, no caso, o jovem Francisco. É preciso também sublinhar o aspecto 'carismático': o que é que atraía tão fortemente os jovens que batiam à porta da congregação nascente?

O belo testemunho do Ir. Lourenço dá-nos uma idéia a esse respeito:

“Como o mais querido dos pais, cuidava muito de nós. Amava-nos verdadeiramente em Deus; comunicava-nos esse fogo divino do qual ele estava repleto, de tal maneira e com tanta energia que as dificuldades, os trabalhos e todas as misérias da vida, não teriam conseguido desanimar-nos. Ele tinha um caráter alegre e suave, mesmo se firme. Muito sofreu por causa de alguns caracteres extravagantes, muito difíceis de orientar. Todos sabiam, sem dúvida, de que contavam com suas orações, mas se, depois de ter esgotado todos os meios para conduzi-los a Deus, ainda continuassem incorrigíveis, ó então, eram mandados embora” (Ir. Lourenço, OM 756).

O patrimônio marista nos revelou uma dessas pérolas que permaneceu escondida e agora pode aproximar-nos mais de nosso Fundador, através de seu discípulo principal. Trata-se da Carta Nº 1.042 do Ir. Francisco.⁹⁰

Não sabemos quem era o destinatário, embora fossem poucos os noviciados, no ano de 1842.⁹¹

Essa carta, mais do que limitar-se a dar conselhos a um mestre de noviços, é um dos mais belos espelhos onde podemos ver como o carisma do fundador se transmite de maneira concreta, entre seus discípulos e chega até nós, mostrando-nos sua espiritualidade, seu amor incondicional, seu trato humano, a força de seu carisma, sempre centrado em Cristo, através dos olhos maternos de Maria.

⁸⁹ Ir. Gatti Eduardo “1822” números 18-19 da revista “Maristas Río de la Plata” 1997

⁹⁰ CF nº 40 CEPAM tradução espanhola do Ir. Luna Figueroa.

⁹¹ Sabemos que se realizou a união com os Irmãos de Saint Paul 3 Châteaux e que Mazelier quis encarregar do Noviciado um Irmão do Hermitage. No mês de abril de esse ano o Ir. João Maria foi enviado como director do Noviciado de Saint Paul. Avit ns. 49-50.

“Meu irmão querido,

A tarefa que lhe foi confiada é das mais importantes e, não quero dissimular, bem sei, é muito difícil de exercer; mas, tendo-a aceitado por obediência, pode exercê-la com confiança, pois foi Deus quem lha impôs, através de seus superiores, e Deus, quando impõe um fardo, concede sempre as graças e as forças necessárias para carregá-lo, segundo seu desígnio”.

Quantas vezes, para dar-lhe coragem no trabalho de l’Hermitage, Marcelino terá repetido ao Irmão Francisco o que lhe disse em seu leito de morte: *“Pobre Irmão, tenho pena de você, pois o governo do Instituto é uma carga muito pesada; mas o espírito de zelo, de oração e a confiança em Deus, vão ajudar-lhe a suportá-la. Lembre-se de que não se pode ser útil aos outros nem conseguir a salvação das almas sem sacrificar-se... Não esqueça de que tem a seu lado a Virgem Santíssima, o recurso da casa; sua proteção nunca lhe faltará.”*⁹²

O Fundador, consciente da importância de bem formar seus Pequenos Irmãos, pensou em confiar essa delicada tarefa ao jovem Francisco.

Isso testemunha a mesma disponibilidade de Marcelino, face à ação da Providência divina: se Deus o quer, dará os meios. A mediação do superior, que tanto marcou a forma de agir de Padre Champagnat, é agora proposta ao novo mestre de noviços.

Francisco experimentou dificuldades, durante os longos anos que passou no Hermitage. Apesar de sua pouca saúde, teve que lidar com o espírito extravagante de seus noviços e, como seu mestre, teve que harmonizar, muitas vezes, a paciência e a exigência. Só um grande espírito de fé pode conseguir essa combinação.

Para Francisco, Deus não é alguém que nos inspira, e depois, se ausenta no momento da ação.⁹³ Ele se une à missão que nos confia, a nossa tarefa apostólica. Somos mediadores entre nossos irmãos, diante de um Deus que nos acompanha e que permanece ativo em nossa ação cotidiana.

O sentido profundo de obediência, que hoje nos parece tão exagerado, é de uma importância fundamental na espiritualidade do Fundador; dá, com efeito, a segurança de estar cumprindo a vontade de Deus e a certeza de não ser um obstáculo para que ela se cumpra.⁹⁴

⁹² *Vida*, p. 225, ed. 1965.

⁹³ Circular Esp. Ap. Marista p. 457

⁹⁴ Test. Esp. Parágrafo 4..

Mesmo se uma nova maneira de ver as coisas nos leva, hoje, a discernir através da mediação⁹⁵, em que medida a corresponsabilidade e a subsidiariedade favorecem uma busca fraterna do que Deus quer de nós,⁹⁶ não há dúvida de que continua sendo atual a convicção de que Deus atua em nós e conosco, como meio eficaz de chegar aos homens; é certo também que isso nos compromete, pessoal e comunitariamente, enquanto consagrados.

Francisco transmite sua experiência da ação da Providência, através dos superiores; aprendeu-o com Marcelino que teve que discernir o que Deus lhe pedia, tendo em conta a obediência a seus superiores e sua percepção das coisas como fundador. Francisco sabe que não se pode dar o que não se tem.

“Um mestre de noviços deve ser um homem de Deus, um homem de oração e de meditação.”

Quando vemos a ação do padre Champagnat, a forma como entregou sua vida, em apenas vinte e três anos de incansável trabalho, e que, chegando ao fim de sua vida, mantinha uma união tão íntima e profunda com Deus, somos obrigados a aceitar que ele viveu uma profunda relação mística com Jesus Cristo, baseada na oração e na meditação generosa. Hoje, não podemos referir-nos à correspondência de direção espiritual do Fundador, com a qual ele encorajava os Irmãos que, muitas vezes, partiam para as escolas após terem terminado apenas sua formação básica, mas podemos entrevê-la através desses documentos de nosso patrimônio.

Francisco insiste, junto a esse mestre de noviços, sobre uma fórmula que continua válida, hoje, apesar de nosso ativismo, e que pode ajudar a compreender novas formas de viver a vida religiosa, onde a resposta pessoal, madura, segura, atual, permanece velada por um tempo de transição para uma nova expressão da espiritualidade. Esta há de vir das novas gerações, em cujo seio deve encontrar-se necessariamente essa fórmula de oração e de meditação, num quadro mais pessoal, mais baseado sobre a experiência, onde uma nova vida comunitária possa ser percebida, não como uma estrutura de suporte, mas como uma necessidade de partilhar a missão comum, face ao um individualismo auto-suficiente.

⁹⁵ GF 201

⁹⁶ Doc. XX^o Cap. Geral 38

“Reze com freqüência, reze com fervor, peça ao bom Deus que o inunde de seu Espírito, lhe faça conhecer seus deveres e lhe dê a força para cumpri-los; que lhe dê a sabedoria, a prudência, a bondade, a caridade, a atenção, a firmeza e a paciência necessárias, para exercer com cuidado a honrosa tarefa que lhe foi confiada. Apresente a Ele, amorosamente, suas necessidades e as de quem você cuida. Espere tudo de Deus, faça o que souber; Ele ajudá-lo-á a fazer o que não conseguir sozinho.”

Essa é a experiência do jovem Francisco, encarregado dos noviços de l’Hermitage: a oração confiante a um Deus que provê a nossas necessidades.

Com apenas dezenove anos, recebe a missão de acompanhar os noviços, em sua formação. O bom Padre tinha-o preparado para isso, ao longo dos últimos anos. Francisco vai exercê-la nos doze anos seguintes. O que poderia saber esse jovem, além da experiência vivida junto do Fundador? Os sete dons que ele enumera tinha-os aprendido com esse sacerdote que tinha crescido em santidade, até tornar-se um mestre, na contemplação e na ação. Francisco cresceu na **bondade** e na **paciência**, dons que tanto atraíam todos os que se aproximavam do Padre Champagnat. **Prudência** e **firmeza** para prever e tornar visíveis os valores do carisma de fundação. A exemplo de Salomão, pedir a **sabedoria** para saber onde sopra o Espírito e qual é a vontade de Deus. **Caridade** e **vigilância**, não só para prevenir, mas para estar mais próximo, na dificuldade.

Esperar tudo de Deus, fazer nosso possível e, como Marcelino, saber que Deus é o primeiro interessado.⁹⁷

Esse parágrafo demonstra uma grande veemência e uma intensidade crescente, um amor que ultrapassa o simples conselho profissional. Francisco experimenta uma profunda afeição pelo Irmão ao qual escreve; sabe que a tarefa dele é vital, tanto para o formador quanto para os que iniciam seu encaminhamento na opção por Cristo⁹⁸.

“Comece por ganhar o coração dos noviços, demonstrando-lhes constante interesse e dedicação; considere-os como filhos prediletos da Santíssima Virgem, que lhe foram confiados para que você os guie à perfeição de seu estado: dê-lhes uma atenção muito especial, sem temer o trabalho e as dificuldades, de modo a atender a suas necessidades espirituais e corporais, com uma caridade atenta e previdente.”

⁹⁷ PS 020

⁹⁸ VC 65

Consciente de seus numerosos limites, ao empreender a formação de seus irmãos, Marcelino se entrega a essa missão sempre com força e vigor⁹⁹.

Força e vigor, marcados por um espírito de superamento, de trabalho e de generosidade, como fazem os camponeses que precisam tirar sua comida da terra. A fabricação de pregos, a horta comunitária, a alimentação frugal, a roupa rústica, a mortificação heróica, o horário, a rocha, a neve, as longas viagens a pé, a atenção dada às coisas mais simples, eis alguns aspectos concretos da formação de nossos primeiros irmãos.

Força e vigor que não estavam marcados por um sofrimento sem sentido, o Fundador sendo também um pai amoroso. O sentido do humor, a vida de família, a oração, o detalhe de adivinhar as necessidades dos outros, o pouco partilhado com amor, a preocupação por quem está doente ou sofre com tristeza, a oração sincera, a presença de Deus, Maria Recurso Habitual, a cortesia em suas cartas, a direção espiritual, as visitas às comunidades, a neve, as viagens, os perigos, o presentinho simples e carinhoso... São diversas expressões dessa caridade atenta e providente que Marcelino incutiu em seus primeiros irmãos. Francisco, que certamente a viveu, transmite-a, nesta carta, a seu discípulo.

Hoje, a vida religiosa continua sendo uma força profética para as novas gerações que procuram um sentido para suas vidas. São numerosos os que escolhem uma vida exigente e solidária, até o heroísmo, e em vez de ceder à tentação da mediocridade, do compromisso de curto prazo, escolhem a opção radical frente a um futuro incerto e vencem o temor de um engajamento definitivo.

A proposta de Marcelino continua sendo atual. É um convite a seguir seu carisma, que se transmite através da experiência comunitária, com as contribuições das novas gerações que dele se aproximam. Uma formação que privilegia a pessoa, mas que também é exigente.¹⁰⁰ Francisco a tinha compreendido e convida seu discípulo a fazer o mesmo.

“É necessário apresentar a virtude com traços que a tornem amável: a bondade é sempre necessária para encorajar os outros a praticá-la. Não é bom usar remédios violentos, a não ser em casos extremos, quando já não há melhor saída. As advertências, expressas com suavidade, inspiram reconhecimento para com quem as faz e despertam um desejo eficaz de corrigir-se; mas só o carinho não basta; deve ser acompanhado de uma oportu-

⁹⁹ Testamento Espiritual, Parágrafo 9

¹⁰⁰ Orientações sobre a formação nos institutos religiosos 26-28

tuna firmeza: é sinal de amor ao doente causar-lhe uma dor que seja necessária para curá-lo.”

Imaginemos o Fundador no meio de seus noviços; momentos de alegria e de descanso, depois do duro labor... Os jovens ouvem muitas vezes expressões de S. Francisco de Sales, o santo da bondade que tanto marcou a espiritualidade da vida religiosa da época. É certa sua influência na primeira regra da comunidade de l’Hermitage, especialmente sua oração à Virgem.¹⁰¹ Podemos entender a ação pastoral de Marcelino como coadjutor, fundador, formador dos primeiros Irmãos, tarefa em que teve que driblar frequentemente a pressão exercida pelo jansenismo, na Igreja dessa época.

Recordemos o medo do pequeno grupo de Irmãos desanimados pela pressão rigorista de Courveille. Sabemos que Francisco estava entre eles;¹⁰² com quanta alegria acolheram o Padre Champagnat, na sala da comunidade, depois da sua convalescência.

Como eram grandes o amor e a dedicação do Fundador para cada um dos Irmãos! Porém, sabemos também que ele teve que despedir alguns, depois que todas as tentativas de correção se mostraram inúteis.¹⁰³

O dilema da formação inicial, que preocupa muitas de nossas províncias, é explicável, em parte, pelo fato de que os postulantes, com um processo mais adiantado de crescimento pessoal, são sempre mais numerosos, o que, ao trazer a vantagem de uma escolha mais amadurecida, comporta, entretanto, um difícil processo reestruturação pessoal, em vista da opção fundamental por Jesus Cristo.¹⁰⁴ Nessa mesma linha, a formação integral não é por isso limitada; torna-se fonte de crescimento no carisma e permite um melhor conhecimento da escolha efetuada.¹⁰⁵

Como acontecia na época do Ir. Francisco, muitos dos nossos aspirantes provêm de meios familiares e sócio-culturais marcados por notórias lacunas no campo religioso, contrariamente ao que o pequeno Rivat tinha vivido, desde sua infância. A tarefa não é fácil e, muitas vezes, pode semear a dúvida na mente do próprio formador. O grande número de abandonos, na época do fundador, no-lo demonstra.¹⁰⁶

¹⁰¹ G. Michel, Pilar 1994 p.95

¹⁰² Artigo Processo 1910 p.15

¹⁰³ AA, 43 OM IV, 294-295

¹⁰⁴ Rulla “Antrop. da voc. Cristã I” p.241-243

¹⁰⁵ GF 22-23

¹⁰⁶ 92 tinham saído do Instituto, 49 tinham falecido. Eram 280 quando faleceu o Fundador. AA p. 214

Por isso dissemos que a dosagem da paciência e da exigência, na formação, necessita de um equilíbrio, garantido por um grande espírito de fé.

Deus, o melhor dos pais, muitas vezes castiga, com severidade, os que Ele ama e quer salvar. Repreenda, pois, com liberdade: solicite, pressione, insista com os negligentes e os renitentes; para com eles lance mão de censuras, ameaças, corretivos, sempre repassados de pesar por suas faltas e do desejo de que progridam; é preciso agir sempre com essa prudência que nos torna capazes de insinuar-nos no coração e de modificar a própria conduta, segundo a diversidade dos caracteres e temperamentos.

Você deve exercer uma vigilância cuidadosa e continuada, mas suave e moderada: é necessário tudo ver, sem dar a impressão de querer tudo examinar: mais vale prevenir as faltas do que ser obrigado a castigá-las.

Francisco não pôde escapar à concepção popular de seu tempo, de um Deus que castiga; nós mesmos não escapamos, no passado, de tal concepção. Essa idéia não consta das cartas do Fundador, mas ela retorna, muitas vezes, nos sermões do coadjutor da Valla e também nos de seu discípulo de Ars. A presença de um Deus providente, Pai amoroso e misericordioso, sempre disposto a recomeçar uma nova aliança pessoal, foi certamente o que Marcelino experimentou e lhe permitiu de caminhar com mais facilidade¹⁰⁷. Quanta dedicação, quanto respeito por cada postulante que o Senhor lhe enviava! Basta imaginarmos os primeiros discípulos que o Ir. Lourenço nos descreve, com tanto realismo.¹⁰⁸ Provenientes dos povoados do interior, muitos deles tiveram que começar do zero. Outros, os mais difíceis, lhe deram o que fazer. Não é de estranhar que a obediência e a função do Diretor estejam entre os temas mais sublinhados, na Regra de 1837. Apesar da rigidez expressa nas Regras, o Pe. Champagnat soube dar a seus irmãos muitas demonstrações de afeto, de atenção nas dificuldades e nas provações de saúde, de compaixão, de flexibilidade de espírito, de sã e santa alegria. Soube transmitir isso a seus irmãos, empregando a pedagogia das ‘pequenas virtudes’. Francisco soube nutrir-se dessa atitude carismática, apresentando-a numa visão de conjunto, em que, sem negligenciar o que é importante na formação, forjou homens livres com um forte espírito de família.¹⁰⁹

¹⁰⁷ PS006

¹⁰⁸ OM 756

¹⁰⁹ G. Michel, Pilar 1994 pp. 287-297

É muito bom conformar-se à maneira habitual de proceder da casa-mãe, no que diz respeito aos noviços: provocaria inconveniências atuar de maneira diferente.

Não negligencie nada para formar bons irmãos: a piedade, a humildade, a caridade e a união fraterna são as virtudes que deve recomendar, especialmente.

Seja muito regular: faça observar bem a regra, sobretudo o silêncio e assim você trabalhará com muita consolação na obra de Maria.

Depois do Capítulo Geral de 1854, estabeleceram-se as “Constituições e Regras de Governo”.¹¹⁰ O capítulo quarto, sobre os cargos do Instituto, consagra trinta e sete páginas ao Mestre de noviços, nomeadamente a suas qualidades e às virtudes que deve testemunhar, e àquelas que deve inculcar em seus noviços. Podemos dizer que o espírito, que esta carta manifesta, está contido nas duas obras citadas. A importância de manter a unidade e o espírito de família transparece, não apenas nos aspectos doutrinários, mas também no sentido vivencial, aqui significado pela expressão “Casa-Mãe”: O Hermitage não é apenas a primeira casa onde se encontra a autoridade, mas sim, é o lugar onde se formou o espírito da fundação, o lugar favorito dos Irmãos de Marcelino¹¹¹, o berço, a rocha, o rio, o lugar onde a gente se fortalece espiritualmente¹¹² e o último descanso junto ao pai e fundador. Francisco viveu ali, praticamente, seus últimos vinte e cinco anos; ele viu a projeção dessa obra que deve continuar, daqui para frente, sem o apoio de seu mestre. “Não percamos – quer ele dizer - esse grande dom do carisma, não esqueçamos nosso Fundador, não percamos o carisma de fundação”. Graças a cada ramo, a árvore cresce e se torna frondosa, mas esses ramos se afastam mais e mais das raízes que os nutrem; como os sarmentos, eles devem manter-se vigorosos e fecundos, unidos fortemente ao tronco e às raízes que lhes fornecem a seiva vital e sua herança genética. Face às novas presenças e às solicitações permanentes do individualismo, não podemos ceder à fácil tentação de deixar-nos assimilar pela “aldeia global”, mas consagrar-nos à dura tarefa de conservar firmemente nossos valores de identidade, tanto os valores humanos e culturais quanto os valores cristãos,

¹¹⁰ Edição francesa de 1889 pp. 143 - 180

¹¹¹ Ir. Euthyme, SUMM 317

¹¹² PS 062, 24-08-1835

os relativos aos votos e os referentes ao carisma de fundação. Não é um conjunto de regras o que Francisco nos pede de conservar, mas sim, uma maneira de viver a espiritualidade, fortemente marcada pela experiência do carisma de fundação. Conhecemos a importância que Francisco dará ao fato de manter viva a presença de Marcelino, entre seus irmãos, tarefa à qual consagrar-se-á, durante os dezoito próximos anos.

Quais são, para Francisco, os elementos importantes do carisma? A piedade, a humildade, a caridade, a união fraterna. Esses são os pilares sobre os quais o Fundador também insistiu para a formação de seus irmãos. A piedade considerada como uma atitude de vida centrada em Cristo, Maria sendo o Recurso Habitual; e a presença de Deus providente, nos acontecimentos da vida cotidiana.¹¹³ O Fundador considerava essa virtude fundamental para os postulantes,¹¹⁴ e indispensável para a vida religiosa; quanto à constância, não se trata de uma virtude que fica longe da realidade e da ação; ao contrário, ela reforça e enriquece toda atividade apostólica.¹¹⁵

Quanta felicidade se encontra na afirmação: “Tudo é obra de Maria”!

A humildade deve ser vista como expressão normal de serviço, repassada de atenção às necessidades do outro. Nossa fundação se realizou nesse espírito: “para as crianças pobres do campo”, “os Pequenos Irmãos de Maria”. O orgulho era o primeiro defeito a combater nos postulantes, segundo nos diz o Ir. João Batista.¹¹⁶

A caridade está intimamente unida à vida fraterna. Marcelino trabalhou sem cessar na formação de seus irmãos; era uma de suas maiores preocupações, no momento de sua morte. Esse ponto constitui a parte principal de seu Testamento Espiritual.¹¹⁷ Ele mesmo quis participar da vida de seus irmãos de uma maneira concreta, desde o início da fundação;¹¹⁸ sempre considerou a vida fraterna como um elemento fundamental na comunidade: pensar nos irmãos que a compõem e cuidar para conseguir um grupo coeso, para que a fraternidade, o trabalho e a oração estejam assegurados.¹¹⁹

Hoje, mais do que nunca, vemo-nos chamados a essa experiência de simplicidade, de caridade e vida fraterna. Temos consciência de que devemos compartilhar nosso carisma com os leigos; seria uma pena se o fizéssemos por necessidade e não para crescermos. Podemos perguntar-nos: como cres-

¹¹³ Const. números 3 e 7

¹¹⁴ Ir. Bassus, SUMM 99; Ir. Camille, SUMM 92; Ir. Raphael, SUMM 349.

¹¹⁵ Vida 1989 pps. 106-107; G. Michel Pilar 1994 p. 268.

¹¹⁶ Vida 1989 pps. 106ss.

¹¹⁷ Test. Esp. Parágrafos 4 e 5

¹¹⁸ Vida 1989 p. 77

¹¹⁹ PS: 005, 063, 168, 215, 266

cer, quando somos cada vez menos? Marcelino, que é santo, chama-nos a essa experiência que hoje, toda a Igreja vive, com uma nova abertura à presença pluralista na proclamação do Reino. O carisma é oferecido a quem quiser assumi-lo; sua vivência não é uma questão de simpatia, necessidade ou conveniência, por motivos de trabalho ou de relação, mas sim, uma experiência ligada à vocação, com um chamamento a viver uma espiritualidade comprometida e crescente. Hoje, podemos ressentir-nos menos numerosos e atuar por necessidade ou com pesar, mas todo leigo, que se aproxima do carisma marista, precisa também responder a um chamado ligado à vocação, o que não o impede de continuar fiel a seu projeto de vida. Esse chamado exigirá certamente um compromisso especial com Cristo e com o Reino.

Não podemos apropriar-nos do carisma marista por processo apenas intelectual, mas sim, mediante relações, experiências e vida comunitária; recebemo-lo, pois, de outras pessoas que o vivem e que, por sua vez, o descobriram graças a outros. Deus, que é comunidade, elege um povo para caminhar com Ele e fazê-lo participar de seu plano de salvação.¹²⁰ Jesus Cristo, Verbo de Deus feito homem, nos revela o Pai; organiza uma comunidade de discípulos, permanece entre eles e projeta essa presença na Igreja.¹²¹ Marcelino também forma uma comunidade de irmãos e decide de viver com eles a experiência da fundação do Instituto.¹²² Essa experiência vivida por Francisco, em l'Hermitage, ele a quer conservar na nova comunidade, que dirigirá como mestre de noviços.

Hermitage é um lugar de silêncio e de paz.¹²³ No profundo vale, onde Marcelino construiu a Casa-Mãe, pode-se ouvir o canto dos pássaros, o soprar do vento, por entre carvalhos e arbustos, e as águas do Gier que correm rápidas, em seu leito encascalhado. Como Jesus, Marcelino e Francisco desfrutaram de um ambiente propício à meditação e à elevação da alma até Deus.¹²⁴ Francisco, não insiste apenas sobre o silêncio material mas, sobre o silêncio interior, portador de uma profunda fecundidade espiritual e necessário para encontrar a Deus. O silêncio é cada vez menos acessível, em nosso mundo mediático, onde a força da espiritualidade está em criar um espaço de silêncio e de tranquilidade, para que Deus possa habitar em nós: eis que é de uma importância capital para nossa identidade de consagrados¹²⁵ e de maristas.

¹²⁰ Ex. 19

¹²¹ Mt. 28, 18-20

¹²² Vida 1989 cap. VII

¹²³ PS 062, 06-13

¹²⁴ Mc. 6, 31

¹²⁵ Anselm Grüm. "Como estar em harmonia consigo mesmo" (o caminho místico)

Depois das férias, o noviciado de l'Hermitage enriqueceu-se com mais uma dezena de noviços, todos maiores e cheios de boa vontade: é preciso que a Santíssima Virgem nos ajude ainda com mais vocações, porque nossos irmãos são poucos.

Receba a certeza de meu afeto cordial com o qual eu lhe...

Provavelmente essa carta é posterior à festividade de Todos os Santos, festa que marcava o início do ano-novo, depois do retiro anual e a nomeação dos irmãos para seus novos destinos. A presença de candidatos maiores dá especial satisfação a Francisco, por poder trabalhar com pessoas quase feitas, talvez já livres do serviço militar. O acento é colocado sobre a boa vontade, como sinal positivo em relação à vocação. O termo “maiores” poderia referir-se àqueles que têm mais de 21 anos,¹²⁶ talvez porque não eram muitos os que entravam além dessa idade. Confiança em Maria: Ela constrói permanentemente a comunidade; é Ela que provê às necessidades da obra, enriquece, socorre e intercede junto a seu Filho. Francisco aprendeu a lição recebida de seu mestre que, em 1822, fizera, ele mesmo, a experiência de que a ação e a vontade humanas não são suficientes para realizar a obra de Deus. É importante saber acompanhar a ação divina e reconhecer-nos humildes servidores, segundo a expressão do salmo: “*nisi Dominus aedificaverit domum*”

Creio que, nesta carta, Francisco não quer ostentar experiência; mas deseja manter as características do carisma, esforçando-se por preservar o que considera necessário à formação. Ele não insiste sobre os aspectos intelectuais nem sobre os conceitos teológicos; acentua os aspectos humanos e a uma forte espiritualidade. Sente-se a presença de Marcelino, na medida em que se lê e medita a carta. É um convite à fidelidade ao carisma de fundação, a forjar-se, sobretudo, durante o noviciado e devendo enriquecer-se constantemente na vida comunitária. Esta é, hoje, chamada a uma projeção muito mais ampla e participativa, especialmente com os colaboradores de nossas diferentes obras. Muitos deles são chamados a viver a espiritualidade de S. Marcelino, a partir de um convite especial; trata-se de um processo espiritual que os impulsiona a comprometerem-se, cada vez mais, não com a Instituição, mas com o carisma marista. Francisco sabe disso e sabe que, no momento em que a congregação se desenvolve, é inevitável

¹²⁶ 1838 em 61 que tinham entrado: 19 de 15 ou menos; 28 de 16 a 20 e 14 de 21 ou mais. 1839 em 67 que tinham entrado: 14, 29 e 24 respectivamente. 1840 em 29 que tinham entrado: 17 de entrada.

algum afastamento, próprio de toda inculturação; esse aspecto pode tornar-se um enriquecimento, na medida em que não se perde o contato com a fonte que lhe serve de origem. Os novos noviciados deverão superar esse desafio; poderíamos quase dizer que estamos diante do primeiro “Guia de Formação” do Instituto.

A leitura atenta dessa carta põe-nos em contato com os elementos essenciais da formação, transmitidos por Marcelino. Os jovens que se aproximavam da obra dos Pequenos Irmãos de Maria, ficavam impressionados com o espírito de família, as relações calorosas e fraternas, a piedade, o trabalho manual, a regra de vida, a presença maternal de Maria e o espírito paternal desse santo sacerdote; tudo isso pesava muito para eles, no momento de enfrentar as dificuldades inerentes à opção fundamental por Cristo.¹²⁷

¹²⁷ Ir. Lourenço, OM 756

Finito di stampare gennaio 2008
presso la CSC Grafica - Guidonia (Roma)